

O TORNAR-SE AVÓ NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Caroline Dal Ri Kipper

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Psicologia sob a orientação da Professora Rita de Cássia Sobreira Lopes, Phd.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Porto Alegre, junho de 2004.

Algumas pessoas merecem meu agradecimento:

Meus pais, pelo amor e carinho e por todas as oportunidades oferecidas.

Meu noivo, pela compreensão nos momentos em que estive ausente, e por todo o estímulo recebido.

Minha orientadora, professora Rita, pela dedicação, acompanhamento e auxílio no melhoramento do trabalho.

Minhas avós, pelo afeto, pelos momentos de alegria, e pela inspiração.

Minhas irmãs, pela cumplicidade em todos os momentos.

Minha tia e amiga Sabrina, pela presença constante e incansável ajuda.

Meus colegas de mestrado, que tornaram esta caminhada mais prazerosa.

As bolsistas Isabela e Cecília, pelo companheirismo e substancial auxílio nas entrevistas e transcrições do material.

Os membros do GIDEP, pelas contribuições teóricas e metodológicas.

Os professores da banca examinadora, César Augusto Piccinini, Paulo Kroeff e Sílvia Benetti, pelo auxílio fornecido através de seus conhecimentos e sugestões.

E, finalmente, as participantes deste trabalho, sem as quais esta dissertação não existiria.

Dedico este trabalho às avós.

SUMÁRIO

Resumo.....	p.08
Abstract.....	p.09
I. INTRODUÇÃO.....	p.10
1.1 Apresentação.....	p.10
1.2 O ciclo de vida familiar e o processo de individuação.....	p.12
1.3 O perfil dos avós.....	p.18
1.4 O papel de avós e as relações familiares.....	p.19
1.5 Expectativas e satisfação no ser avós.....	p.25
1.6 O ser avó.....	p.29
1.7 Apoio na transição para a parentalidade dos próprios filhos.....	p.31
1.8 Considerações Teórico-Methodológicas e Objetivos do Trabalho.....	p.32
1.9 Considerações Éticas.....	p.33
2. MÉTODO.....	p.35
2.1 Participantes.....	p.35
2.2 Delineamento e procedimentos.....	p.37
2.3 Instrumentos e materiais.....	p.38
2.3.1 Consentimento informado.....	p.38
2.3.2 Entrevista com avô e avó.....	p.39
2.4 Análise dos dados.....	p.39
3. RESULTADOS.....	p.40
3.1 Caso Celina.....	p.41
3.1.1 Dados de Identificação.....	p.41
3.1.2 Experiência de ser Avó.....	p.41
3.1.3 Experiência como Mãe.....	p.46
3.1.4 Experiência como Neta.....	p.47
3.1.5 Experiência como Filha.....	p.47
3.2 Caso Eugênia.....	p.48

3.2.1	Dados de Identificação.....	p.48
3.2.2	Experiência de ser Avó.....	p.48
3.2.3	Experiência como Mãe.....	p.52
3.2.4	Experiência como Neta.....	p.53
3.2.5	Experiência como Filha.....	p.54
3.3	Caso Vânia.....	p.55
3.3.1	Dados de Identificação.....	p.55
3.3.2	Experiência de ser Avó.....	p.55
3.3.3	Experiência como Mãe.....	p.57
3.3.4	Experiência como Neta.....	p.58
3.3.5	Experiência como Filha.....	p.59
3.4	Caso Miriam.....	p.59
3.4.1	Dados de Identificação.....	p.59
3.4.2	Experiência de ser Avó.....	p.59
3.4.3	Experiência como Mãe.....	p.62
3.4.4	Experiência como Neta.....	p.63
3.4.5	Experiência como Filha.....	p.64
3.5	Caso Margareth.....	p.65
3.5.1	Dados de Identificação.....	p.65
3.5.2	Experiência de ser Avó.....	p.65
3.5.3	Experiência como Mãe.....	p.69
3.5.4	Experiência como Neta.....	p.70
3.5.5	Experiência como Filha.....	p.71
3.6	Caso Isabel.....	p.72
3.6.1	Dados de Identificação.....	p.72
3.6.2	Experiência de ser Avó.....	p.73
3.6.3	Experiência como Mãe.....	p.75
3.6.4	Experiência como Neta.....	p.76
3.6.5	Experiência como Filha.....	p.77
3.7	Caso Solange.....	p.77
3.7.1	Dados de Identificação.....	p.77

3.7.2	Experiência de ser Avó.....	p.78
3.7.3	Experiência como Mãe.....	p.81
3.7.4	Experiência como Neta.....	p.82
3.7.5	Experiência como Filha.....	p.83
3.8	Caso Antônia.....	p.84
3.8.1	Dados de Identificação.....	p.84
3.8.2	Experiência de ser Avó.....	p.84
3.8.3	Experiência como Mãe.....	p.87
3.8.4	Experiência como Neta.....	p.88
3.8.5	Experiência como Filha.....	p.88
3.9	Caso Sirlei.....	p.89
3.9.1	Dados de Identificação.....	p.89
3.9.2	Experiência de ser Avó.....	p.89
3.9.3	Experiência como Mãe.....	p.93
3.9.4	Experiência como Neta.....	p.94
3.9.5	Experiência como Filha.....	p.94
3.10	Caso Nadia.....	p.95
3.10.1	Dados de Identificação.....	p.95
3.10.2	Experiência de ser Avó.....	p.95
3.10.3	Experiência como Mãe.....	p.98
3.10.4	Experiência como Neta.....	p.99
3.10.5	Experiência como Filha.....	p.100
3.11	Caso Rosane.....	p.100
3.11.1	Dados de Identificação.....	p.100
3.11.2	Experiência de ser Avó.....	p.101
3.11.3	Experiência como Mãe.....	p.104
3.11.4	Experiência como Neta.....	p.105
3.11.5	Experiência como Filha.....	p.106
4.	DISCUSSÃO.....	p.107
4.1	Eixo I: Experiência de ser Avó.....	p.107

4.2 Eixo II: Experiência como Mãe.....	p.112
4.3 Eixo III: Experiência como Neta.....	p.118
4.4 Eixo IV: Experiência como Filha.....	p.120
4.5 Considerações finais.....	p.122
REFERÊNCIAS.....	p.126
ANEXOS.....	p.130

RESUMO

O tornar-se avó assinala um período de transição no ciclo de vida familiar, marcado por transformações psíquicas significativas para os avós, caracterizando a quarta individuação (Colarusso, 1997). Este trabalho teve como objetivo investigar a experiência de tornar-se avó e sua importância no processo de individuação. Foi utilizado delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994), buscando identificar as particularidades, bem como as similaridades entre cada um dos casos estudados. Onze participantes, com idades entre 49 e 66 anos, responderam a uma entrevista semi-estruturada. Todas as avós tinham tido seus primeiros netos e a entrevista referia-se a eles. Foi utilizada análise de conteúdo qualitativa. Os dados mostraram que o ser avó é algo prazeroso, uma fonte de renovação e renascimento. Também reflete uma experiência de fusão com os netos, sendo ressaltado o sentimento de completude propiciado pela vinda de um neto, que possibilita uma reparação de suas próprias vidas, assim como da vivência que tiveram com os filhos. As vivências narcisistas, infantis, reeditadas com a parentalidade, também ressurgem com o tornar-se avó. O momento da realização dos partos das filhas fez com que todas as participantes do estudo relembassem de seus próprios partos, o que mostra uma grande identificação entre elas. Em relação a um modelo de avós o estudo mostrou que as avós não tinham modelos na sua própria infância, e que procuravam construir uma forma particular de vivenciar o papel de avó. O estudo propiciou que as participantes refletissem seus diferentes papéis familiares: avó, mãe, neta e filha, e mostrou que o tornar-se avó possibilita que antigos conflitos sejam repensados, renovando antigos vínculos, o que permite que a avó dê mais um passo rumo à sua individuação.

ABSTRACT

Becoming a grandmother implies a transition period in the family life cycle, marked by significant psychic transformations for the grandmothers, characterizing the fourth individuation (Colarusso, 1997). This study aimed to investigate the experience of becoming a grandmother and its importance in the individuation process. A collective case study design (Stake, 1994) was used, aiming to identify both the particularities and similarities between the cases. Eleven participants, aged 49 to 66, answered a semi-structured interview. All grandmothers had had their first grandchild and the interview concerned their relationship with this grandchild. A qualitative content analysis was carried out. The results showed that being a grandmother is a pleasant experience, a source of renewal and rebirth. It also implies an experience of fusion with the grandchild, a feeling of completeness, enabling the reparation of their own lives, as well as the experience they had with their children. The narcissistic, infantile, experiences which are reedited when women become mothers also reappear when women become grandmothers. The moment of their grandchild's labor reminded all participants of their own child's labor, showing an identification between them. As far as models of grandmother are concerned, the study showed that grandmothers did not have their own grandmothers as models. They were trying to construct a particular form of experiencing the grandmother's role. The study enabled the participants to reflect on their different family roles: grandmother, mother, grandchild and child. It also showed that becoming a grandmother enables old conflicts to be re-thought, renewing old ties, and as a result, enabling the grandmother to give one more step towards her individuation.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

O momento em que nasce um neto tende a ser retratado com muito prazer e emoção, e marca a passagem para uma outra fase no ciclo de vida familiar. A passagem para um estágio em que se tem netos traz consigo algumas modificações, não só na estrutura familiar, como na estrutura psíquica dos novos avós, em que uma nova identidade tem de ser criada, novos papéis adquiridos. É um momento de transição, em que uma personalidade adulta madura reestrutura-se para adequar-se ao novo panorama familiar. Assim, visto que há poucos estudos focalizando os aspectos evolutivos do tornar-se avós, o presente trabalho abordará o tema do tornar-se avó e o processo de individuação

Para alcançarmos os objetivos propostos nesta investigação, serão utilizados alguns pressupostos da Teoria Familiar Sistêmica, em especial o conceito de ciclo de vida familiar (Carter & McGoldrick, 2001) e o conceito de individuação (Bowen, 1991), bem como da teoria psicodinâmica de individuação (Colarusso, 1990, 1997, 2000). Posteriormente, apresentar-se-ão alguns achados teóricos e empíricos sobre o tornar-se avós, tema central deste trabalho.

Alguns estudos têm se dedicado à investigação do significado do ser avós (Miller & Cavanaugh, 1990; Mueller, Wilhelm & Elder, 2002; Smith & Drew, 2002; Silverstein & Marenco, 2001), enfatizando as mudanças pessoais (Cath, 1989) e as mudanças ocorridas com a natureza dos avós no decorrer dos tempos (Nahemow, 1985; Kornhaber, 1996). Outros estudos deram ênfase ao ser avós e à saúde mental (Kivnick, 1988; Kornhaber, 1986; Kivnick, 1981).

O relacionamento familiar entre as gerações, incluindo os avós, foi enfatizado por alguns autores (Aldous & Klein, 1991; Leek & Smith, 1991), e outros abordaram mais especificamente o relacionamento entre avós e netos (Roberto, Allen, Blieszner, 2001; Block, 2000; Uhlendorff, 2003).

Outros estudos enfatizaram os avós que têm a função de cuidadores (Gattai & Musatti, 1999; Rodgers & Jones, 1999; Euler & Weitzel, 1999; Landry-Meyer, 1999; Sands & Goldberg-Glen, 2000; Thomas, Sperry & Yarbrough, 2000; Dellmann-Jenkins, Blankemeyer & Olesh, 2002; Gibson, 2002; Goodman & Silverstein, 2002).

O relacionamento entre os avós e os pais tem grande influência da forma como se dava anterior ao nascimento do bebê (Lidz, 1983), e mesmo assim, modifica-se quando os filhos se tornam adultos, quando os pais discutem problemas e podem procurar conselho. O primeiro reajuste deve ser feito quando os filhos se casam, ou seja, passam um degrau acima no desenvolvimento, envolvendo-se em questões adultas. O nascimento do primeiro neto, muitas vezes, evocará alguns sentimentos de alienação e, talvez, um pouco de surpresa por se tornarem membros de uma terceira geração.

Os indivíduos podem se tornar avós quando já estiverem na velhice, mas também, e freqüentemente, quando estão na meia-idade. Os netos irão proporcionar fontes de grande interesse e a relação com eles pode ser muito diferente da que tiveram com seus próprios filhos. Os avós podem se sentir mais à vontade para dar e favorecer, procurando ser amados pelos netos e serem figuras indispensáveis para os mesmos (Lidz, 1983). Os elementos para o desenvolvimento do ser avós estão presentes na cultura, de acordo com Cavan (1962). Desde criança, os avós são altamente valorizados e ter um neto traz respeito dos amigos e da sociedade em geral.

Antes de serem avós, estes indivíduos passaram por diversas transformações ao longo da vida, e tiveram que desenvolver algumas tarefas desenvolvimentais. Muitas vezes, tiveram que passar pelo estágio do ninho vazio (Carter & McGoldrick, 2001), em que seus filhos deixaram a sua casa, seja para estudar ou trabalhar, seja para se casarem. Assim, novos reajustes são necessários, e novas buscas de interesses também. As questões profundamente filosóficas e religiosas quanto ao significado da vida e ao valor das metas buscadas durante os anos adultos surgem e pressionam por respostas. Ao longo da infância, adolescência e início da vida adulta, estavam no processo do que desejavam ou deveriam ser. Entretanto, quando se tornam avós, normalmente já têm uma posição e procuram manter a situação, surgindo um momento de reavaliação de sua própria vida e identidade (Pikunas, 1979).

1.2 O ciclo de vida familiar e o processo de individuação

A família apresenta-se como um sistema, que se move no decorrer do tempo e que possui uma estrutura específica, diferente de todos os outros sistemas. Como Carter e McGoldrick (2001) afirmaram, as famílias incorporam novos membros somente pelo nascimento, adoção ou casamento, e os membros somente podem ir embora pela morte, e às vezes, nem mesmo assim. Em uma família existem papéis e funções que fazem parte do sistema, mas o seu valor principal são os relacionamentos, que apresentam um caráter insubstituível.

Como todo grupo considerado em um espaço de tempo, a família desenvolve-se dentro do que chamamos ciclo de vida, e há um movimento de todo o sistema geracional. A família compreende todo o complexo campo emocional de, no mínimo, três gerações, e assim, o grupo reage aos relacionamentos passados, presentes e futuros, tendo estes influência direta no comportamento emocional dos indivíduos. A passagem pelas fases no ciclo vital requer que as pessoas possam se acomodar a elas. Assim, enquanto uma geração está em uma idade avançada, a outra ainda luta com o ninho vazio, e a terceira tenta estabelecer-se em uma carreira e em relacionamentos íntimos com outro adulto, e tendo filhos, estes, por sua vez, vão se inserindo no contexto particular desta família (Carter & McGoldrick, 2001).

O momento de cada transição é particularmente especial, pois, como apontam Carter e McGoldrick (2001), há muitas evidências de que os estresses familiares que ocorrem nos pontos de transição tendem a criar rompimentos neste ciclo e a produzir sintomas. Assim, cada passagem de estágio no ciclo familiar possui suas características específicas, com tarefas emocionais a serem desenvolvidas. Também existem evidências de que os eventos do ciclo de vida têm um processo contínuo no desenvolvimento familiar por algum período de tempo, ou seja, os acontecimentos não estão colados ao momento em que aconteceram e permanecem na família. Muitas vezes, não percebemos, mas existe uma mistura de gerações, e os eventos de um determinado nível influenciam os relacionamentos de outros níveis.

Ao observarmos os momentos de transição do ciclo familiar é importante considerarmos os diversos fatores que influenciarão essa passagem. O indivíduo, com suas

particularidades e questões desenvolvimentais, é o centro desse movimento, e além disso, como afirmam Carter e McGoldrick (2001), os mitos familiares ajudam a compor o panorama transicional, bem como a família nuclear e a família ampliada, a comunidade em que os membros trabalham e os níveis sociais, culturais e políticos. Ainda existem os eventos não predizíveis, como a morte, a doença crônica ou acidente de um familiar. Assim, a melhor ou pior adaptação a esse momento vai estar diretamente relacionada a como essas questões estão sendo vivenciadas na família.

O processo de individuação/diferenciação também vai ser influenciado pela maneira como o ciclo vital se desenvolve na família. A teoria sistêmica expõe alguns apontamentos sobre a questão da diferenciação. Para Bowen (1991) o conceito de diferenciação de si mesmo se relaciona com o grau com que uma pessoa vai se diferenciando dos pais. Inicialmente, isto depende muito mais de fatores inatos da mãe e de sua capacidade de permitir-se ficar distante fisicamente do filho, do que de fatores inatos da criança. Também irão influenciar o grau em que a mãe está diferenciada de seus pais, a natureza da relação com o marido, com os pais e com as pessoas significativas, além de sua capacidade de suportar a tensão. O termo diferenciação de si mesmo descreve o processo, a longo prazo, em que o filho se desvincula lentamente da fusão inicial com sua mãe e se move frente a sua própria autonomia emocional. O processo de diferenciação é fortemente influenciado pelas questões familiares, especialmente por questões multigeracionais, ou seja, pela forma como este processo se dá na família e tem se dado nas gerações anteriores. E para cada passo que se dá em direção à diferenciação, corresponde um pequeno desequilíbrio emocional no sistema familiar, e é por isso que muitas vezes este processo é tão difícil e doloroso. Além disso, a diferenciação não pode se dar no vazio, e sim em um contexto de uma relação significativa e com respeito a temas importantes para ambas as partes.

Na abordagem psicanalítica, como aponta Colarusso (1990), há uma extensa literatura sobre o processo de separação e individuação na infância e na adolescência, mas há ainda pouco sobre o processo de separação e individuação no adulto. Mahler (1982) aponta que o processo de individuação tem seu início na diferenciação da criança de sua mãe, de sua natureza simbiótica com a perda do objeto materno, o que caracterizaria a primeira individuação. A separação normal possibilita à criança realizações em separado,

na presença da mãe, enquanto é confrontada com temores e ameaças mínimos de perda objetal.

A segunda individuação aconteceria, segundo Colarusso (1990), na adolescência, estimulada pela maturidade física e sexual, precipitando a reedição do complexo edípico. Os pais, por outro lado, devem gradualmente modificar sua representação interna do filho como imaturo fisicamente e dependente, preparando-se para deixar de ser a pessoa mais significativa na vida dos filhos.

De acordo com Blos (1994), na adolescência pode-se observar novos processos de estabilização e alterações da estrutura psíquica, que por sua vez, são resultados de acomodações da fase. Os dois primeiros processos de individuação têm em comum uma maior vulnerabilidade na organização da personalidade, e ambos proporcionam uma mudança na estrutura psíquica, que é motivada pelo impulso maturacional. A tarefa na adolescência seria soltar-se da dependência familiar, desprender-se dos laços com objetos infantis, a fim de se tornar um adulto. Por fim, o processo de individuação do adolescente é o desenrolar das mudanças estruturais dadas com o desligamento emocional de objetos infantis internalizados.

A transição da segunda para a terceira individuação, como aponta Colarusso (1990), está baseada na crescente capacidade de separação intrapsíquica de objetos infantis e no engajamento em tarefas desenvolvimentais do jovem adulto. Este, por sua vez, está intrapsiquicamente sozinho, dividido com seus vínculos infantis, mas não ainda envolvido no mesmo grau de profundidade que tinha com os objetos infantis e que terá com o cônjuge e filhos. E assim, em algum momento, o jovem adulto separa-se dos objetos infantis e estabelece sua própria família para procriação. A terceira individuação acontece com a experiência de parentalidade, em que a criança torna-se adulta e faz uso de seu corpo fisicamente maduro e com capacidade para a intimidade, para criar uma nova vida e assumir o papel parental no processo de separação e individuação.

Ao tornar-se pais, ocorre uma mudança intrapsíquica de um senso de self imaturo de um adolescente ou adulto jovem para um adulto com cônjuge e comprometido em um relacionamento que é resultado de intimidade e que tem como resultado a produção de uma criança. Assim, quando o casal se torna pai e mãe uma família é constituída e sua estrutura inicial é, como afirma Colarusso (1990), idêntica à da família de origem. O ciclo se

completa e o casal, que um dia foram duas crianças, agora sendo pais, cuidam da criação, enquanto seus pais observam e mudam suas próprias referências de filho.

O novo papel assumido com a parentalidade, segundo Colarusso (1990), expande o *self* adulto e estimula a separação de seus próprios pais. Ao tornar-se pais, assume-se um novo papel, até então exclusivo ao território dos progenitores, emergindo um novo senso de paridade. A comparação, consciente ou inconsciente, dos novos pais com a criação que tiveram de seus pais, é inevitável. Para Viorst (1988), a experiência de ser pai e mãe proporciona um entendimento da vivência de seus pais, podendo representar uma possibilidade de reconciliação.

E, finalmente, de acordo com Colarusso (1990), a terceira individuação é possibilitada pela habilidade em dar aos pais algo único e importante para o desenvolvimento dos avós, que é um neto. Algumas questões edípicas não resolvidas podem se expressar em conflitos entre os novos pais e novos avós em relação à criança. Para o adulto jovem, a facilitação do papel de seus pais como avós redefine sua relação real com eles, altera representações intrapsíquicas de seus objetos infantis e *self* e estimula a resolução edípica, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento da geração mais velha. A mudança nessa transição, para os avós, como afirma Carter e McGoldrick (2001), é a passagem para uma posição secundária, em que se possa permitir que os filhos sejam as autoridades parentais principais, e ainda estabelecer um relacionamento afetivo com os netos.

É neste momento que se dá, segundo Colarusso (1990), a quarta individuação. A maturidade sexual do casal leva à reprodução e coloca os pais do casal em uma nova relação com outra criança que é uma extensão genética deles mesmos. E o resultado desta nova relação, que pode ter um efeito poderoso no desenvolvimento da meia-idade dos novos avós, é a quarta individuação. Os novos avós, no momento em que seus filhos tornam-se pais, precisam redefinir a nova posição que irão ocupar entre as gerações, e devem alterar a representação de seu filho e desenvolver novos vínculos com o neto. Assim, os avós, que estão resolvendo tarefas da meia-idade ou mais, como aposentadoria, doença, perda do cônjuge, direcionam sua atenção para essa criança que acaba de chegar e que representa o futuro genético deles mesmos, um futuro que irá permanecer mesmo após suas mortes. Como Colarusso (2000) afirma, as experiências reais de perda, com o

crescimento dos filhos, contrapõem-se à experiência de fusão com novos objetos, que são os netos, e a conscientização de que agora podem ter um grau maior de autonomia, competência e poder.

De acordo com Colarusso (1997), o processo de separação-individuação do adulto não é uma replicação da experiência infantil. O grau de independência aumenta, partindo de uma dependência absoluta da mãe, que é característica da infância, tornando-se uma dependência relativa na vida tardia. A aceitação das inevitáveis separações e perdas, que acompanham a independência, é a tarefa desenvolvimental central do adulto de meia-idade. Algumas tarefas da meia-idade influenciam enormemente no processo de separação-individuação. Uma delas é a aceitação da ação da idade no corpo. Este processo de separação intrapsíquica da representação mental de um corpo que não muito longe existiu e a comparação com o corpo de meia-idade provoca um conflito entre desejo e realidade, e leva a uma experiência do fenômeno de separação-individuação.

Outro fato, destacado por Colarusso (1997) é estar face a face com a morte. O autor sugere que a preocupação com a consciência de sua morte é um poderoso organizador psíquico que força a um exame significativo de todas as experiências passadas e também influencia fortemente o processo de separação-individuação. Outras tarefas seriam manter a intimidade, transformar a relação com os filhos e integrar novos membros à família, tornar-se avós, ter cuidados com a idade e a morte dos pais, e construir e manter amizades.

Um das mais significativas influências sobre o processo de separação-individuação no adulto, segundo Colarusso (1997), é o casamento. Antes de ele ocorrer, existe uma idealização do futuro cônjuge, e após o casamento esta ainda existe, mas há um processo de desidealização, como já havia acontecido com os pais, o que ocorre de forma dolorosa e contribui para a diferenciação destes adultos. Outro processo interessante que ocorre é a separação do papel de pais, pois já na meia-idade estes adultos serão pais de adultos e a relação se modifica. A autonomia e independência de seus filhos estimula os pais a se separarem deles.

O vínculo com os netos é algo bastante particular, pois os avós tendem a idealizá-los. O investimento intenso e idealização nos netos servem como uma defesa contra as aflições da idade avançada e a morte inevitável, assim como uma chance mágica de reparar sua própria vida através da imortalidade genética e como uma recusa das imperfeições do

self através de uma identificação seletiva com qualidades dos netos. Os avós sadios percebem a falsidade desta idealização, mas apreciam profundamente a aproximação que a acompanha (Colarusso,1997).

Assim, o aspecto relacionado à quarta individuação apresenta-se como um tema novo, e pouco pesquisado. Como afirma Colarusso (1990), o efeito dos avós sobre os netos e todas as mudanças que acontecem devido a essa transição, possuem escassa atenção da literatura, e por isso, faz-se tão necessária a realização de estudos sobre o tema. Algumas pesquisas têm sido realizadas no âmbito da parentalidade e nas diversas especificidades do período. Por outro lado, poucas pesquisas têm se detido ao tema do tornar-se avós, suas implicações, e as mudanças que ocorrem, como a reformulação de identidade, que é, mais uma vez, modificada em função do desenvolvimento do ciclo vital da família.

Uma das tarefas desenvolvimentais nesse período é, de acordo com Carter e McGoldrick (2001), o realinhamento do casal de pais com a família ampliada e a inclusão dos papéis de avós. A família ampliada, desta forma, adquire recurso fundamental para a nova família nuclear. Algumas questões se apresentam neste momento, como o grau de envolvimento de cada família materna e paterna, que se mostra já na forma como o casal busca ajuda na família ampliada. Assim, ao decidirem ter um bebê, o casal já inicia um realinhamento com as gerações do futuro e do passado. O nascimento do filho faz com que todos os membros da família adquiram um novo lugar, acrescentado ao que já possuem, ou seja, os sobrinhos passam também a ser primos, os irmãos passam a ser tios, o marido e a mulher passam a ser pais, e os pais passam a ser avós. Mesmo assim, para alguns membros da família essa mudança é mais nominal do que uma mudança efetiva de papéis, enquanto que para outros, têm grande efeito.

Desta forma, com o nascimento de uma criança toda uma constelação familiar é modificada e traz consigo mudanças estruturais importantes. A investigação deste período de transição torna-se essencial para o entendimento da quase completa individuação deste sujeito que já se diferenciou de seus pais, que já teve seus filhos e que agora enfrenta uma reformulação de papéis, tão forte que é capaz de resolver antigos conflitos, de reaproximar quem talvez algum dia já foi mais íntimo, e de criar um afeto e vínculo mais forte, e ao mesmo tempo diferente, do que o que teve e tem com seus próprios filhos.

A fase em que esses avós se encontram também influencia a forma como irão vivenciar essa nova experiência. A idade dos avós pode ser um fator relevante, na medida que pode estabelecer o maior ou menor tempo que estes avós terão com seus netos. Isto acontece pelo fato de avós mais jovens poderem ainda estar trabalhando, não tendo, assim, muito tempo para os netos. Em contrapartida, avós mais velhos, que já estão aposentados, podem disponibilizar maior tempo para estar com os netos. A questão da proximidade física também é importante, pois avós que moram perto da casa dos netos, provavelmente podem estar mais tempo com estes, enquanto que os avós que moram muito longe dos netos, inclusive em outra cidade, poderão ter menos tempo junto deles. O tipo de relacionamento que estes avós têm com seus filhos adultos também será determinante para esse novo arranjo, ao qual terão que se adaptar. Além disso, o tornar-se avós remete à finitude da própria vida, e junto a esse sentimento o indivíduo tem a tarefa de assumir um papel secundário na vida dos filhos, já que estes agora têm um filho que, na grande maioria das vezes, ocupa o papel principal das atenções dos pais e familiares.

Para Robinson (1989), os avós que têm um bom relacionamento com seus filhos adultos e com os cônjuges de seus filhos têm maior probabilidade de desenvolver uma relação gratificante com seus netos, além do que, muitas vezes, unem-se contra a geração dos pais. A autora também propõe que os netos utilizam seus avós como objetos para identificação, que ligam suas próprias histórias e são uma fonte de prazer. Os avós, por sua vez, têm outra oportunidade de resolver a crise da meia-idade, ajudando os netos a superarem suas crises desenvolvimentais. Hader (1965) também afirma que a sensibilidade e o entendimento que os avós têm ao lidar com seus netos pode fornecer um modelo de identificação para estes.

1.3 O perfil dos avós

Os avós têm uma variedade de características, que nem sempre são as mesmas, como idade, estado civil, se trabalham ou não, entre outras. Por isso, um estudo com o perfil demográfico dos avós nos Estados Unidos foi desenvolvido por Szinovacz (1998), e com os dados descobertos foram desenvolvidas algumas projeções quanto ao futuro destes avós. Devido ao aumento da longevidade, havia uma tendência de que a maioria das

peessoas seriam avós algum dia, e após uma pesquisa intensa alguns dados foram destacados. O início do tornar-se avós, por exemplo, ocorre tipicamente na meia-idade (40-60 anos), mas há algumas diferenças, como nos grupos raciais minoritários e com as mulheres, que experenciam o ser avó mais cedo. Devido à diferença de idades entre as avós e os avôs, é mais provável que as avós maternas sobrevivam mais tempo, e os avôs paternos menos tempo. Pelo mesmo motivo do aumento da longevidade, é esperado que a maioria das famílias tenham algum dos bisavós, ou seja, que ao se tornar avós estes tenham pelo menos um dos pais ainda vivos. Também ao tornar-se avós alguns ainda terão seus filhos em casa.

Ainda de acordo com o estudo de Szinovacz (1998), a viuvez provavelmente vai se seguir ao tornar-se avós e não preceder. Entre 20% a 25% serão “avós emprestados” seja por se casarem novamente com alguém que já tenha netos ou por seus filhos, após divórcio, casarem-se com alguém que já tenha filhos. A maioria das pessoas ao se tornarem avós ainda estarão trabalhando, e muitos dos avós irão viver em algum momento de suas vidas na mesma casa que os netos. O presente estudo tinha o objetivo de confrontar os dados demográficos já existentes e corroborou quase todos eles, mas atestou que há uma considerável diferença na experiência do ser avós entre diferentes grupos populacionais.

A relação avós-netos se desenvolve com uma mútua influência entre os membros envolvidos, e depende de características particulares de cada um. Kahana e Kahana (1971) também apontam para o fato de que a chegada de um neto no círculo familiar freqüentemente surpreende uma avó ativa, de meia idade, ao invés de uma anciã. De acordo com os autores, o papel de autoridade do avô foi substituído pelo avô que ajuda a cuidar do neto.

1.4 O papel de avós e as relações familiares

O tornar-se avós traz muitas possibilidades para estes sujeitos e uma nova etapa para toda a família, pois abrange uma geração a mais. Ao observar-se o papel dos avós do ponto de vista individual, Dias (1994) ressaltou que a chegada de um neto para a mulher de meia idade pode ser uma solução por ter “perdido” seus filhos através do casamento, e assim a avó adquire uma nova importância e utilidade, experenciando de uma outra forma

ser mãe novamente, mas sem as responsabilidades que tinha quando foi mãe. A utilização de netos para melhoria na qualidade do relacionamento entre pais e filhos também é ressaltada por Lidz (1983).

Dias (1994) realizou um estudo sobre o papel dos avós, confrontando os avós maternos e paternos, através do estudo de caso com duas famílias de classe média brasileira, que tinham contato com os avós. Uma das famílias era constituída pela família nuclear e os avós maternos e a outra pela família nuclear e os avós paternos. Os dados permitiram concluir que o tipo de vínculo parental era determinante no modo como os membros das duas famílias desempenhavam suas tarefas. Os avós maternos tinham um vínculo forte com a filha e com os netos, e mostravam-se mais dominantes, extrapolando seu papel. Já os avós paternos pareciam mais conscientes do seu papel de apoio aos seus filhos, dando maior liberdade à família nuclear, levando-se a concluir que o vínculo mãe-filha permite que os avós maternos se sintam mais no direito de interferir na vida da família nuclear, o que não ocorre com os avós paternos. O estudo realizado por Dias (1994) foi importante, pois é um dos poucos estudos realizados no Brasil com o enfoque nos avós, e nas suas interações com netos e familiares.

As relações familiares sofrem influências importantes do momento do ciclo de vida que a família está vivenciando. O trabalho realizado por Barros (1987) teve como objetivo central analisar a família de classe média urbana no Brasil, a partir da perspectiva dos avós. Foram entrevistadas 22 avós e também foram colhidos outros dados, através de conversas informais em diversos ambientes. Assim, os avós encontravam-se em um período caracterizado pelo nascimento, infância e adolescência dos netos, e muitos deles pelo casamento recente dos filhos. Eram pessoas independentes, que tinham uma vida ativa dentro ou fora de casa, alguns ainda trabalhavam, outros já estavam aposentados. Os avós mostraram que ainda não tinham como tema principal de conversas a velhice, mas que haviam despertado para essa questão quando viram seus filhos tornarem-se pais.

O elo comum entre a geração de avós e pais é a paternidade e a maternidade, além de representar a maturidade do indivíduo. Há, pois, uma passagem de “bastão”, em que o bastão representa o símbolo de poder, e refere-se à responsabilidade e maturidade de receber este poder dos pais, e passar a ter, também, o comando sobre uma família. O nascimento de um bebê traz uma transformação especial, por não se restringir apenas aos

pais, sendo estendida a todo grupo familiar e, particularmente, aos avós, trazendo uma emoção nova nunca experimentada, a inauguração de uma nova etapa de vida (Barros, 1987).

Nesta fase, os avós se mostraram como agentes socializadores da maternidade e da paternidade, tendo adquirido este papel pela idade e, principalmente, pela experiência de vida. De acordo com Barros (1987), esta postura está mais relacionada ao fato de serem pais de novos pais do que avós de seus netos. Como se pode notar, a ação educativa não terminou para esses indivíduos, tendo somente adquirido novas formas de se expressar, e com o nascimento dos netos, a presença junto aos filhos também se intensifica. Há uma mudança na relação entre pais e filhos, que não altera o papel de pais enquanto agente socializador, mas que agrega a tarefa de auxiliar os pais de seus netos a desempenhar suas funções e dar uma continuidade tranqüila à mudança iniciada pelo nascimento. Há também uma nova relação fortalecida, que é a de avó e mãe, sendo que para as avós o momento do parto de suas filhas representa uma reconstrução de seus próprios partos (Barros, 1987). O estudo também mostrou que há um lado negativo no papel de ser avó, que é quando se tornam “avós de profissão ou avó de tempo integral”, ou seja, quando os avós têm que assumir os cuidados dos netos em tempo integral (p.68). Para Hader (1965), os avós têm uma importante função estabilizadora sobre a família.

Os entrevistados da pesquisa de Barros (1987) tiveram espontaneamente a lembrança de seus avós. Essas recordações evocam uma reconstituição de suas próprias infâncias, muitas vezes como forma de explicação para atitudes e sentimentos que eles têm no presente, como avós. Assim, a narração dos entrevistados sobre suas histórias de vida mostraram que não só a relação atual de avós e netos, mas também as relações familiares desenvolvidas ao longo da vida, favoreceram o desempenho no papel de avós que hoje têm em suas famílias.

A própria representação de família e as lembranças da infância são vistos no presente com elaborações atuais, e que modificaram as representações anteriores, pois estão em etapa de vida e configuração diferentes. E como Barros (1987) afirma, há uma busca na infância de um modelo de avós, e a reconstrução desse caminho é necessária para se estabelecer a identidade atual na família.

O estudo de Barros (1987) mostrou que os entrevistados tinham a necessidade de caracterizar a vida de seus avós como a fonte de transmissão de determinados bens simbólicos, que representam para eles uma situação social e, da mesma forma, uma ordem moral. Para muitos deles, a história dos avós representava o início da trajetória da grande família. Assim, para estes avós, transferir alguma coisa de si para os netos, deixando sua marca, é uma tarefa importante, são os bens simbólicos. O momento em que falam de seus avós é uma integração de dois períodos do ciclo de vida, e assim como carregam consigo a marca de seus avós, também querem transmitir seus valores para os netos. Há, assim, um tempo cíclico, que se repete. O ciclo desse tempo familiar também mostra-se, muitas vezes, na repetição de nomes. Na verdade, não se recebe o nome de família, mas transmite-se a noção de família como valor. É através dos netos que os avós estão presentes no futuro, é assim, para muitos, um recomeço e um momento de integração de tempos distantes.

O ato de lembrar acontece com frequência nesta fase da vida, não só pelo seu papel de avós, mas a trajetória de vida e a posição social no momento em que se tornam avós são dados fundamentais desse processo de integração das diferentes etapas da vida. Como Barros (1987) afirma, há uma diferença fundamental entre sexos nesse momento da trajetória de cada um, bem como o fato de ser uma pessoa profissionalmente ativa ou não. Da mesma forma, há um tom especial nas lembranças daqueles que conviveram com seus avós.

A questão da completude também é citada por muitos entrevistados na pesquisa de Barros (1987), pois o nascimento do neto traz a lembrança da infância e do nascimento dos próprios filhos e de todo o processo de crescimento deles. Há um esforço em se tornar presente na vida dos filhos e dos netos, com a presença de uma luta entre aceitar as diferenças de estilos de vida das outras gerações e a vontade de impor uma forma de pensar. A divergência na forma de educar, muitas vezes se faz presente, especialmente em questões delicadas como sexualidade. Assim, os avós têm a oportunidade de modificar alguns conceitos. Estes conflitos são importantes para marcar ritual e as posições na família. Os hábitos que se tinha há muitos anos têm de ser revistos com o nascimento dos netos, e a presença destes reanima as relações com os filhos, com seu próprio passado e dá um novo sentido à vida. Com os netos se pode reviver não só o que foi vivido, mas o que

também não foi possível ser vivido, proporcionando uma reflexão posterior de suas atitudes passadas. As prioridades familiares, nesta fase, também mudam.

O conflito está presente também na construção da identidade de avós, e se dá em dois planos: no plano familiar, quando se deparam com a geração dos filhos e no plano pessoal, ao apreenderem valores diferentes e mesmo contrários. A família é um valor, e como tal, é uma referência social fundamental para a constituição da identidade social de cada indivíduo. A interação entre autoridade e afeto, que é essencial para a construção do papel de avós, faz com que esse desempenho seja dinâmico, e dessa forma, vai se modificando no decorrer da vida. Outro ponto importante destacado por Barros (1987) é que a representação do papel de avós está intimamente vinculada à representação de papéis paterno e materno, sendo a presença da geração intermediária imprescindível para que se realize a relação avós-netos. É através da particularidade da cumplicidade entre as duas gerações que se constroem as identidades de avós e netos.

O tema das relações familiares e a qualidade da relação entre pais e avós e entre avós e netos também tem sido visto em alguns estudos. O estudo apresentado por Whitbeck, Hoyt e Huck (1993) tinha a hipótese de que as primeiras relações entre pais e filhos tinham efeito sobre as suas relações futuras, quando estes tornar-se-iam avós e pais e sobre a qualidade da relação entre avós e netos, bem como sua frequência de contato. A amostra do estudo contou com 451 famílias com os dois pais, e com os filhos. A análise foi baseada nas respostas dos pais e dos netos, sendo que os avós não participaram deste estudo. A idade média dos avós era de 62 anos.

Os resultados da pesquisa de Whitbeck, Hoyt e Huck (1993) mostraram que os pais agem como mediadores da relação entre avós e netos. A qualidade da relação dos pais com os avós foi associada à frequência do contato dos netos com os avós e à qualidade do relacionamento entre eles. A proximidade geográfica, influenciando o contato entre avós e netos, também foi corroborada, embora a proximidade tenha tido menor importância para a avaliação dos adolescentes sobre suas relações com os avós do que para a avaliação dos pais sobre suas relações com os avós. Os dados também mostraram que a relação inicial entre os avós e os pais (quando estes ainda eram crianças) influenciou a relação que os avós têm com seus netos.

Assim, o estudo de Whitbeck, Hoyt e Huck (1993) sugeriu que as relações iniciais deixam uma marca profunda na forma como essas pessoas vão se relacionar ao longo da vida, principalmente nas relações familiares. Os autores apontam para a limitação da pesquisa, no sentido de que a memória dos pais sobre suas primeiras relações pode ter sido transformada ao longo do tempo, e assim, pode não ser a reprodução fiel do que realmente aconteceu. Mesmo assim, pode-se dizer que a percepção das relações e experiências passadas influenciam os julgamentos sobre a relação atual entre pais e avós, e, dessa forma, afetam as relações de toda a linhagem familiar.

A transição para o ser avó foi o foco do estudo de Fischer (1983), que afirma que as avós que moram longe de suas filhas e netos não experenciam grandes mudanças em suas vidas. Já as avós que vivem geograficamente perto de suas filhas e netos não relataram mudanças drásticas em suas vidas, mas relataram ter ocorrido um impacto moderado, em função do aumento na interação com suas filhas e as freqüentes visitas aos netos. Os dados também permitiram concluir que a avó tem maior probabilidade de ter acesso a seus netos quando mora perto deles e quando seu vínculo é através da mãe da criança, ou seja, quando os netos são filhos de sua filha.

A formação do papel de avós é fortemente influenciada pela estrutura familiar e pelo sistema de parentesco. De acordo com Kahana e Kahana (1970), a avó materna e o avô paterno são mais próximos e calorosos com seus netos, pois os vêem como similares a seus próprios filhos, aprovando a criação dos netos. Por outro lado, o avô materno e a avó paterna tenderiam a expressar atitudes negativas em relação aos netos.

A investigação sobre a relação entre netos e avós, percebida por netos de diferentes faixas etárias (4-5, 8-9 e 11-12 anos) foi estudada por Kahana e Kahana (1970). Um dos resultados obtidos foi o de que o contato mais freqüente relatado por todos os grupos de idades acontece com os avós maternos. Os dados também mostraram que a avó materna foi escolhida mais freqüentemente entre todos os avós como a favorita, em todas os grupos de idades dos netos. O estudo apontou que cada faixa etária baseia sua escolha na preferência de avós por motivos diferentes, sendo que o primeiro grupo enfatiza a qualidade dos avós satisfazerem suas vontades; o segundo grupo aprecia os momentos de brincadeiras com os avós; e o terceiro grupo reflete estar mais distante de seus avós. Estes achados

mostram que o significado do ser avós, da perspectiva dos netos, varia conforme as necessidades desenvolvimentais de cada neto.

Harwood (2001) investigou o interesse de avós e netos na relação entre eles. Para isso, 135 jovens adultos foram selecionados e responderam o questionário sobre um de seus avós, sendo que tinham que escolher um avô ou uma avó que tivessem tido mais contato nos últimos 12 meses. Um questionário similar foi enviado aos respectivos avós, e a eles foi pedido que respondessem pensando naquele neto ou neta que havia enviado o questionário. Os achados comprovam que há diferentes investimentos em uma relação e que assim como os pais investem mais na relação com os filhos, também os avós investem mais na relação com os netos, e por isso percebem-se mais próximos deles.

Kennedy (1992) investigou a qualidade da relação entre avós e netos jovens adultos, do ponto de vista dos netos. Neste estudo, os netos tinham que escolher o avô ou avó que eles tivessem mais proximidade e responderam um questionário em relação ao avô ou avó escolhida. Os elementos que apontaram para a qualidade da relação avós-netos foram: proximidade, um senso de ser conhecido pelo avô ou avó, um senso de que o neto conhece o avô ou avó, o entendimento de que o avô ou avó tem influência sobre o neto, percepção de uma relação independente e autêntica, não dominada pelos pais, mas com um suporte da geração do meio. Algumas variáveis influenciaram na qualidade da relação avós-netos, como o gênero dos avós, sendo que a maioria dos netos apontaram as avós como mais próximas. Também foi destacado que as atitudes dos pais sobre a relação avós-netos foi importante para o desenvolvimento desta relação, sendo que quanto maior o estímulo para que essa relação ocorresse, menos os pais tinham que intermediar a comunicação entre avós-netos.

1.5 Expectativas e satisfação no ser avós

O momento de tornar-se avós pode ser antecipado psiquicamente, ou seja, mesmo antes de serem avós, os indivíduos que já estão nas condições de o serem podem ter expectativas quanto a esse momento, bem como alguma idéia ou sentimento em relação ao tema. Após a concretização do papel de avós, os níveis de satisfação podem variar.

O estudo pioneiro de Neugarten e Weinstein (1964) sobre a experiência e satisfação em ser avós, do qual participaram 140 avós americanos, que tinham que morar perto de pelo menos um dos netos, mostrou que não houve diferenças em relação à satisfação do papel de avós de acordo com o sexo. Um dos dados surpreendentes foi o de que 1/3 dos avós não apontaram o papel de avós como satisfatório, descrevendo dificuldades, desprazer e desconforto. E até mesmo com a grande maioria que apontou o papel de avós como satisfatório, foi encontrado algum desapontamento, sendo que para os autores poderia haver, assim, um componente de idealização no ser avós. Para os avós, as principais fontes de satisfação foram uma renovação através da continuidade da linhagem familiar, um preenchimento emocional por realizar atividades e estar com os netos. Também foi citado ser uma fonte de sabedoria para os netos. Entretanto, dois estudos encontraram que há diferença nos níveis de satisfação entre avó e avô (Thomas, citado por Peterson, 1999), sendo que as avós descreveram maior satisfação no ser avó que os avôs.

Um estudo longitudinal sobre as expectativas e primeiras experiências dos avós em função do sexo (avô ou avó) e da linhagem (avós paternos ou maternos) foi realizado por Somary e Stricker (1998). O estudo teve 2 fases. Na primeira, futuros avós foram entrevistados acerca de suas expectativas sobre tornar-se avós, e a segunda fase ocorreu depois que os netos haviam nascido. A amostra final consistiu de 103 sujeitos, e o questionário foi aplicado em duas fases: logo após o nascimento do neto e após 1 a 2 anos de vida deles.

Os resultados encontrados por Somary e Stricker (1998) sugerem que os avós diferem nas suas expectativas sobre ter netos, dependendo do sexo dos avós e a linhagem (materna ou paterna). Assim, é provável que as avós tenham expectativas de maior satisfação sobre o seu papel de avó do que os avôs. Elas esperam que o neto tenha um papel central em suas vidas. Já os avôs antecipam sentimentos sobre falar suas idéias à geração do meio (pais) e se envolver com conselhos e cuidados. Neste estudo, as avós maternas foram mais entusiasmadas na fase da expectativa e os avôs maternos mostraram mais ênfase no seu papel como sabedoria da família.

Na experiência de serem avós, investigada na fase 2 do estudo de Somary e Stricker (1998), estes diferiram de acordo com sexo e linhagem. Não houve diferença entre os sexos em relação à interação entre avós e netos. Em relação a se verem como pais

substitutos, as avós deram mais ênfase ao desejo de serem uma fonte de sabedoria e conhecimento para a criança, mas não diferiram dos avôs no que diz respeito à disciplina e cuidados com os netos. Os avôs sentiram que eles poderiam ser mais abertos sobre dar conselhos à geração intermediária. Ambos os avôs e as avós queriam ajudar a guiar os netos, com as avós focalizando na interação com estes, enquanto os avôs focalizavam na interação com os pais de seus netos.

Em relação à linhagem, os dados da pesquisa de Somary e Stricker (1998) mostraram que houve diferença quanto às expectativas de contato com o neto, que eram menores nos avós paternos, as quais não se confirmaram posteriormente. Ou seja, após o nascimento do neto, a frequência de visita dos avós maternos e paternos foi igual. Foi encontrado que as avós maternas tiveram os mais altos níveis de satisfação na experiência de ser avó, sugerindo que há um nível de realização emocional que é único para elas.

De uma forma geral, todos os avós do estudo de Somary e Stricker (1998) tenderam a ter escores mais altos na experiência atual do que nas expectativas, em relação à satisfação e responsabilidade de cuidados. Os avôs tiveram escores mais baixos do que as avós na escala de responsabilidade de ajuda na fase 1 do estudo, mas essa diferença desapareceu depois que os netos nasceram. Este estudo não encontrou diferença entre o sexo do neto e as atitudes dos avós. O efeito principal de linhagem encontrado foi que avós paternos não tiveram crescimento na escala de satisfação após o nascimento do neto, o que, segundo os pesquisadores, revela que há maior envolvimento quando a filha lhe dá um neto (a). E não houve diferenças significativas de sexo ou linhagem entre avós que viviam mais perto ou mais longe do neto.

Peterson (1999) investigou a satisfação de avôs e avós com esse papel, entrevistando 146 avós australianos. De acordo com o estudo, a maioria dos avós estava satisfeita com seu papel, e não houve diferenças significativas entre os gêneros. A frequência de contato com os netos foi um alto preditor de satisfação da relação, enquanto que não houve influência da idade dos avós, bem como do estado civil, ou do sexo dos netos, idades ou o número de netos.

Outro estudo foi realizado por Strom e Strom (1992), em que 210 avós participaram de um programa educacional de desenvolvimento do ser avó. Os benefícios do programa "*Becoming a better grandparent*" (Tornando-se melhores avós) foram avaliados

pelos filhos e netos (entre 07 e 18 anos) e pelos próprios avós em questão. Assim, antes de se iniciar o programa, todas as três gerações responderam separadamente aos questionários “*Grandparents Strengths*” (Pontos fortes dos avós) e “*Needs Inventory*” (Inventário de Necessidades e Interesses). O programa teve encontros semanais, durante 12 semanas, e no fim da intervenção as três gerações responderam novamente aos questionários, e depois de 3 meses mais uma vez. Os objetivos da intervenção no estudo foram o crescimento da satisfação de ser avós, o crescimento da performance dos avós nos seus papéis, o aumento do alcance da direção que eles proporcionam, a diminuição das dificuldades e frustrações que eles experenciam, e a redução da necessidade de informações da família.

De acordo com os dados do estudo de Strom e Strom (1992), todos os três grupos de gerações designaram escores favoráveis no pré-teste para ambos potenciais e interesses. Após o término das 12 semanas de programa instrucional, os avós tiveram escores mais altos no pós-teste, relatado tanto por eles, como pelos filhos e netos. Os escores dados pelos netos também cresceram, mas não foi significativo, pois suas percepções foram significativamente mais favoráveis do que as relatadas por seus pais e avós já no pré-teste, antes do início do programa e no final. Após três meses da finalização do programa, quando o inventário foi novamente aplicado, os ganhos apresentados nos questionários anteriores foram sustentados. Em contraste, o grupo controle não teve ganhos durante o projeto.

Os avós que participaram do estudo de Strom e Strom (1992) expressaram impressões favoráveis no pré-teste nas medidas de satisfação, sucesso, ensino e habilidade para lidar com dificuldades e frustrações. Depois do programa, eles tiveram crescimento significativo nas medidas de satisfação, sucesso e ensino. O crescimento verificado pelos avós foi confirmado pelos pais. Um dos sub-itens que os avós responderam desfavoravelmente no começo do programa foi a necessidade de informação. Embora os escores para esse grupo de itens tenham melhorado no pós-teste, a impressão dos avós ficou em um alcance desfavorável. Netos e pais deram escores favoráveis, mas tiveram seus mais baixos valores neste sub-item.

Strom e Strom (1992) verificaram que as variáveis que influenciaram a performance dos avós no pré e pós-teste foram estado civil dos pais, idade dos avós e tempo convivido com os netos. Os escores significativamente mais altos dos avós no pós-teste ocorreram quando os filhos ou filhas eram casados, quando tinham mais do que 5

horas por mês com os netos, quando viviam menos de 200 milhas de seus netos, quando tinham neta, quando os netos tinham entre 07 e 11 anos, quando tinham menos de 70 anos e quando eram avó. As variáveis não significativas foram nível de educação escolar dos avós, estado civil dos avós, e relação com o neto.

Enfim, os avós que participaram se beneficiaram por entender como seus papéis estão mudando, adquiriram uma perspectiva mais aberta, experienciaram maior estimulação mental, ganharam mais confiança e maior auto-estima, tiveram um crescimento na comunicação intergeracional, e as relações familiares tornaram-se mais fortes. Pode-se afirmar que um programa educacional, como o disponibilizado por Strom e Strom (1992), tem um grande valor, no sentido de oportunizar um maior contato com os sentimentos que são despertados no processo de tornar-se avós.

1.6 O ser avó

O tornar-se avó pode trazer diferentes sentimentos aos avós e este novo papel pode ser desempenhado também com alguma diferença. Um estudo realizado por Robertson (1977) com 125 mulheres, que eram avós, e tinham idade de 70 anos ou mais, teve como um dos objetivos desenvolver uma tipologia na qual fosse possível examinar o significado de ser avó. Outro objetivo foi testar as hipóteses de que os tipos de avós são influenciados pelo estilo de vida, caracterizados pelos fatores de idade, estado civil e trabalho, nível escolar (educação), número de netos, satisfação com a vida e nível de envolvimento com amigos e em associações comunitárias.

A análise dos dados do estudo de Robertson (1977) indicou que três variáveis foram estatisticamente significativas no significado de ser avó, que são educação, satisfação com a vida e frequência de comportamentos com os netos. Para quase 80% da amostra, ser avó é um papel que é apreciado, relacionado assim a sentimentos de orgulho, animação, felicidade, emoção, quando souberam pela primeira vez que iam ser avós. Por volta de 86% das avós indicaram que seus sentimentos sobre ser avó não mudaram ao longo dos anos. E quando foram perguntadas sobre qual papel elas apreciaram mais, ser mãe ou ser avó, 37% preferiram o ser avó, 32% o ser mãe, e 25% relataram apreciar igualmente os dois papéis. De uma forma geral, as avós afirmaram que ser avó é um papel mais fácil do que ser mãe.

De acordo com 80% das avós entrevistadas no estudo de Robertson (1977), uma boa avó é aquela que ama e aprecia seus netos, dá bons exemplos (religião, honestidade, noções de certo e errado), ajuda os netos quando solicitada, não interfere muito na vida dos netos, é uma boa ouvinte, não interfere na criação dada pelos pais nem mima demais os netos, e pode usar disciplina com eles se for necessário. A pesquisa também concluiu que o fator estilo de vida tem grande influência na forma como cada indivíduo vai vivenciar o papel de avó.

De uma forma geral, os estudos apontam para uma grande satisfação em relação ao tornar-se avós, pois tanto homens quanto mulheres que já criaram seus filhos podem experimentar um papel diferente, em que netos são vistos também como uma continuação biológica de si mesmos e como uma extensão familiar. Os laços que envolvem avós e netos são muito fortes, pode-se dizer que são tão fortes quanto o são entre pais e filhos. O estudo de Robertson (1977) foi realizado há algumas décadas atrás, mas traz contribuições que provavelmente ainda hoje são encontradas. O papel de avó é vivenciado de uma forma muito particular para cada um, mas uma grande maioria encontra neste papel um significado de muito valor, descobrindo tarefas e características bem específicas, que diferem um pouco do ser mãe. A forma de se relacionarem com os netos e a maior flexibilidade que têm em não precisar preocupar-se muito na criação dos netos, faz com que as avós tenham mais tempo e disponibilidade para uma relação mais prazerosa.

De acordo com Kahana e Kahana (1971), ser avós representa uma valorizada fonte de *status*, atribuída em quase todas as sociedades. Com a exclusão dos idosos dos papéis sociais, ocorrida muitas vezes pela aposentadoria, e freqüentemente resultando no isolamento social, tornar-se avós pode servir como uma importante função. O ser avós pode ser visto como um estado emocional ou experiência intrapsíquica, e por isso é algo pessoal, independente dos netos ou da sociedade. Mas as circunstâncias da vida e espaço em que se vive podem ser uma fonte de variação da satisfação com que se vive a experiência do ser avós. O contato com os netos pode reduzir a segregação que muitas vezes é fonte de apatia e baixo nível de funcionamento dos idosos.

O ser avós é visto como parte de um processo grupal dentro da família, envolvendo relações e interações entre três ou quatro gerações, considerações de poder,

controle e influência na rede familiar. São importantes as relações intergeracionais, os modelos de ajuda e a manutenção familiar (Kahana & Kahana, 1971)

1.7 Apoio na transição para a parentalidade dos próprios filhos

Dessen e Braz (2000) investigaram a rede social de apoio durante a transição para o tornar-se pais. De acordo com revisão de literatura verificaram que a primeira fonte de apoio da nova mãe é o seu esposo, e a segunda é a própria mãe. Lewis (1987) mostra que a autoridade e o apoio da avó têm mais importância para as filhas do que para os filhos, e na maioria das vezes as mães preferem a avó materna e os parentes maternos para ajuda nos cuidados com os filhos. Este estudo mostrou que os pais consideram a participação dos avós importantes para a família, e que a influência dos avós na família ocorre principalmente na educação e criação dos netos. Também foram apontados o apoio, o auxílio material e os cuidados prestados durante a hospitalização da mãe e após o nascimento do bebê. Assim como a literatura apontava (Dias, 1994; Ferreira, 1991; Lewis, 1987), o estudo corroborou que o auxílio é recebido principalmente da família materna e de parentes do sexo feminino. O estudo também apontou que os pais valorizam a educação que receberam de seus pais e procuram transmiti-la aos filhos, e os pais, mais do que as mães, mencionaram as orientações e conselhos recebidos dos pais sobre educação e criação de filhos como sendo uma influência positiva.

O estudo de Hansen e Jacob (1992) investigou como se dá a percepção de apoio dos novos pais em relação a seus pais e como estes avós percebem o apoio que dão a seus filhos quando estes se tornam pais. O estudo mostrou que ambos, pai e mãe, tinham mais contato com seus pais uma vez que também se tornaram pais. A maioria dos avós, considerados maduros com o seu novo papel, mostravam-se compreensivos em relação ao momento de transição de seus filhos, em que há um desequilíbrio, alternando entre quererem um suporte dos pais e rejeitá-los. Entretanto, este conflito apresentado pelos filhos remeteram os avós a suas próprias questões desenvolvimentais individuais. Os avós emocionalmente seguros puderam melhorar a auto-estima por poderem estar contribuindo para que seus filhos pudessem ultrapassar este período de transição.

Outro dado importante destacado pelo estudo de Hansen e Jacob (1992) foi o de que apenas algumas avós maternas não achavam que estavam correspondendo a suas próprias expectativas no ser avó. As autoras entenderam essa questão como um exemplo do papel e da demanda especial que tem a avó materna, na relação com sua filha. Sentimentos de orgulho e realização pelos filhos foram expressos mais freqüentemente pelos avós do mesmo sexo dos filhos. O estudo também apontou dados específicos dos avôs paternos, em que eles mesmos se consideravam secundários às avós maternas. Muitos destes avôs expressam muito prazer em estarem envolvidos com o bebê, e remorso por terem sido mais distantes dos filhos antes de terem um neto, justificando que as expectativas em relação ao homem na sociedade são outras.

1.8 Considerações Teórico-Methodológicas e Objetivos do Trabalho

Os estudos e aspectos teóricos revisados neste capítulo apontam para a importância do momento de transição em que o indivíduo se torna avó ou avô. Há uma reorganização de papéis, em que toda a família tem de se adaptar à nova constituição familiar. Para aquele que se torna avó ou avô, é um momento em que um novo ciclo se completa, e a característica principal é poder assumir um papel secundário na vida dos filhos, bem como aceitar que estes cresceram, passando a ajudá-los na criação de seus filhos. Para a avó materna, principalmente, é uma nova relação com a filha que se estabelece.

Os netos surgem como fonte de gratificação e possibilidade de novo vínculo, que permite o estabelecimento de uma relação especial, diferente daquela que tiveram com seus filhos. Para desempenhar esse novo papel, os avós buscam modelos que possam direcioná-los a uma melhor vivência deste momento. Assim como buscaram o modelo de pai e mãe em seus próprios pais, a tendência é identificar seus próprios avós como modelos para essa nova relação que se inicia com o nascimento do primeiro neto. Muitos aspectos se modificam, não só no plano familiar, mas também no que diz respeito ao nível pessoal.

Alguns estudos têm se dedicado ao tema dos avós com ênfase no ser avós, em diferentes culturas, ou com os avós que desempenham papéis de cuidadores. Ainda existem pesquisas sobre a relação entre avós e netos. Poucos estudos têm investigado a importância

deste momento de transição para o processo de individuação. Como foi visto, o nascimento do primeiro neto traz uma nova constelação familiar e pessoal para os avós, em que novas emoções são experimentadas. A transformação ocorre modificando a identidade dos avós, pois estes adquirem um novo *status*, outro papel ao qual precisam se adaptar.

O presente trabalho teve como objetivo central analisar o tornar-se avó no processo de individuação. Visto que este momento é bastante peculiar e traz grandes modificações, esperava-se realizar uma descrição dos aspectos mais importantes no tornar-se avó, com um confronto entre quatro papéis (avó, mãe, neta, filha), inerente ao processo de desenvolvimento na quarta individuação.

Em função dos aspectos supracitados, a presente investigação procedeu a partir de quatro eixos investigativos, com as seguintes questões norteadoras:

- Como o tornar-se avó contribui para o processo de individuação?
- Eixo I Experiência de ser Avó: Como se deu a experiência de tornar-se avó?
- Eixo II Experiência como Mãe: Que mudanças são experimentadas na relação com a filha após o nascimento do primeiro neto?
- Eixo III Experiência como Neta: Como a vivência como netas na infância é identificada agora que também são avós?
- Eixo IV Experiência como Filha: Que mudanças são experimentadas na relação com o pai e com a mãe após estes terem se tornado avós?

1.9 Considerações éticas

De acordo com Barker, Pistrang e Elliot (1994), os princípios éticos têm a finalidade de proteger os direitos, a dignidade e o bem-estar dos participantes da pesquisa. Para que isso ocorra, o pesquisador precisa preocupar-se com o consentimento informado, a minimização dos prejuízos, a privação de benefícios, bem como a confidencialidade e a proteção à privacidade.

As participantes do presente estudo receberam informações sobre o presente estudo. A assinatura do consentimento informado serviu para a proteção da própria participante, garantindo-lhe o direito de desistir de tomar parte no estudo quando lhe conviesse, sem nenhum prejuízo de qualquer ordem.

O presente estudo não apresentou nenhum prejuízo às participantes. A privacidade e a confidencialidade dos dados foi mantida, uma vez que os casos foram tratados por codinomes, recebendo um número que facilitasse a identificação de todo material correspondente. Tais dados estão sendo mantidos no Instituto de Psicologia da UFRGS, na sala 108, acondicionados em caixas-arquivo mantidas chaveadas, e serão destruídos depois de decorridos cinco anos.

Enfim, este estudo pode trazer benefícios à sociedade de uma forma geral, pois pretende oferecer um entendimento dos aspectos psicológicos no processo de tornar-se avó. Os achados podem contribuir para a melhor compreensão do contexto familiar no momento do nascimento de um neto.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1 Participantes

O presente estudo contou com a participação de 11 avós maternas, selecionadas de uma amostra maior existente, pertencente ao projeto de pesquisa intitulado “*Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da gestação à Escola*” (Piccinini, Tudge, Lopes & Sperb, 1998). Participam do estudo aproximadamente 100 famílias de diferentes idades, configurações familiares, condições sócioeconômicas e nível de escolaridade, desde o nascimento do primeiro filho até o quarto ano de vida da criança. Os participantes do estudo longitudinal foram recrutados em grupos de gestantes realizados no Hospital de Clínicas de Porto Alegre e Hospital Presidente Vargas, por indicação ou por voluntariado. Os casais selecionados atenderam aos seguintes critérios: estar esperando o primeiro filho, estar no terceiro trimestre da gestação, não apresentar complicações físicas durante a gestação.

Para a seleção das avós, foi realizada um levantamento das famílias do estudo longitudinal, em busca daquelas em que o casal tinha no mínimo 20 anos de idade no início do estudo, ou seja, quando estava na gestação do primeiro filho. Foram encontradas 40 famílias que preenchiam este critério. Deste grupo, 14 avós maternas atendiam a exigência de que o neto envolvido no estudo fosse o primeiro destas avós. Tendo em vista o momento em que aconteceu a coleta de dados, os netos já estavam por volta dos 3-4 anos de idade. Também se destaca o fato de algumas avós já terem outros netos.

As 11 avós selecionadas tinham idades entre 49 e 66 anos (média de 56 anos) na época da entrevista. O estado civil da maioria da amostra (sete participantes) é casada, tendo três viúvas e uma solteira. As profissões variaram, sendo que cinco participantes são do lar, três são professoras aposentadas (uma delas também é advogada), uma telefonista aposentada, uma comerciária e uma contadora aposentada. O nível escolar variou desde o Ensino Fundamental Incompleto (duas participantes), passando pelo Ensino Fundamental Completo (uma participante), Ensino Médio Incompleto (duas participantes), Completo

(quatro participantes) e Ensino Superior (duas participantes). O número de filhos também variou, sendo que a maioria (oito participantes) tem dois filhos, duas participantes têm uma filha e uma participante tem três filhos. O número de netos variou de um (sete participantes) a dois netos (quatro participantes). Três participantes vivem com o esposo, três com esposo e filha ou filho, uma com filha e neta, uma com esposo, filha, genro e neto, uma participante vive com uma amiga, outra com a mãe e uma delas vive sozinha. A maioria das participantes (seis) mora em Porto Alegre, três moram na Região Metropolitana e duas no Litoral Gaúcho (ver Tabela 1).

Tabela 1

Dados Sócio-Demográficos e pessoais

Caso	Idade	Estado civil	Profissão	Nível escolar	Número de filhos	Número de netos	Com quem vive	Procedência
Celina	65	Viúva	Professora e advogada aposentada	Ensino Superior	2	2	Filha e neta	Porto Alegre
Eugênia	55	Casada	Do lar	Ensino Médio	3	2	Esposo e filha	Litoral gaúcho
Vânia	49	Casada	Do lar	Ensino Fundamental Incompleto	2	1	Esposo e filho	Região Metropolitana
Miriam	66	Casada	Do lar	Ensino Médio Incompleto	2	1	Esposo	Porto Alegre
Margareth	50	Casada	Professora aposentada	Ensino Médio	2	2	Esposo e filho	Porto Alegre
Isabel	58	Casada	Professora aposentada	Ensino Médio	2	2	Esposo, filha, genro e neto	Região Metropolitana
Solange	54	Solteira	Telefonista aposentada	Ensino Médio Incompleto	1	1	Amiga	Região Metropolitana

Antônia	50	Casada	Do lar	Ensino Fundamental	2	1	Esposo	Litoral gaúcho
Sirlei	53	Viúva	comerciária	Ensino Médio	1	1	Sozinha	Porto Alegre
Nádia	57	Viúva	Do lar	Ensino Fundamental Incompleto	2	1	Mãe	Porto Alegre
Rosane	59	Casada	Contadora aposentada	Ensino Superior	2	1	Esposo	Porto Alegre

Inicialmente, foram selecionadas 14 avós que atendiam aos critérios da amostra. Entretanto, três delas não participaram por motivos diversos. Uma delas mora no norte do país e não viria ao Rio Grande do Sul no espaço de tempo em que a pesquisa estava sendo desenvolvida. Outra participante mora no interior do estado e diversas vezes foi realizado contato telefônico a fim de marcar a entrevista, mas não foi possível estabelecer um dia adequado. E outra participante mora em Porto Alegre e a entrevista foi marcada três vezes, sendo que em duas delas a entrevistadora foi até a casa da participante e ela não estava, e a outra foi desmarcada pela participante. Antes da realização da entrevista com as participantes da amostra foram realizadas quatro entrevistas piloto.

2.2 Delineamento e Procedimentos

Foi utilizado neste estudo o delineamento de *estudo de caso coletivo* (Stake, 1994), de caráter exploratório. Este estudo teve por objetivo identificar as mudanças ocorridas nas participantes após tornarem-se avós.

Num primeiro momento, os casos que fizeram parte do estudo foram examinados individualmente, com o objetivo de investigar os aspectos singulares da experiência de tornar-se avó, e sua repercussão no processo de individuação. Posteriormente, o estudo se estendeu à totalidade dos casos, buscando suas características comuns. Portanto, tal delineamento também foi utilizado para garantir o entendimento das particularidades de cada caso, bem como de seus aspectos comuns (Stake, 1994).

Inicialmente foi realizada uma seleção dos casos que se enquadravam nos critérios da amostra, realizada através de contato telefônico com os casais participantes do GIDEP.

Neste momento, se questionava se o filho ou filha do casal era o primeiro neto ou neta dos avós, e em caso afirmativo era solicitado o endereço e telefone destes. Em outro momento foi feito contato telefônico para as avós, em que se explicava sucintamente a pesquisa e ela era convidada a participar, e então era agendada uma entrevista domiciliar. Com as avós que tinham esposos também era marcada uma entrevista com eles no mesmo instante, ou seja, pesquisadora e bolsista iam até a residência do casal e as entrevistas eram realizadas com os dois em separado, no mesmo momento, para que não houvesse interferência de um para o outro. Nenhuma das avós se recusou a participar do estudo. As entrevistas com os avós não fizeram parte do presente estudo, sendo que serão analisadas em um estudo posterior.

Antes da entrevista, os avós assinaram um consentimento informado, no qual se declaravam cientes da sua participação na pesquisa, dando início, dessa forma, à coleta de dados. Em seguida eram preenchidas as questões sobre os dados demográficos e pessoais. Posteriormente, eram iniciadas as entrevistas propriamente ditas, que foram gravadas em fitas de áudio e mantidas pelo grupo de pesquisa a que este projeto está vinculado, no Instituto de Psicologia da UFRGS, para fins exclusivos de pesquisa.

Das 11 avós que participaram do estudo, 10 delas foram entrevistadas em suas próprias residências. Com uma delas a entrevista foi realizada em uma sala no Instituto de Psicologia da UFRGS, a pedido da própria participante, que preferiu vir até à Universidade, onde se mantiveram os mesmos passos da entrevista, bem como um ambiente adequado para a atividade.

2.3 Instrumentos e materiais

2.3.1 Consentimento informado:

O consentimento informado, baseado em GIDEP (1998), continha o objetivo geral da pesquisa, a forma de coleta e tratamento dos dados, os direitos do participante e o nome e telefone do pesquisador responsável, para eventual contato. Esse documento foi assinado em duas vias pelos participantes, sendo que uma cópia ficou em seu poder e a outra, com a pesquisadora (ver Anexo A).

2.3.2 Entrevista com avô e avó:

A entrevista (Kipper & Lopes, 2002) aborda temas referentes ao tornar-se avós. Inclui aspectos da vida pessoal dos avós, reflexões sobre o momento em que se tornaram avós, bem como todas as mudanças que ocorreram desde então e em função de sua nova condição de avós. Também é investigada a relação com a filha, antes e depois de ela ter tido um filho. A infância dos participantes é lembrada, quando é abordada a relação com os próprios avós, e o último tópico relaciona-se ao envolvimento com os pais, especialmente quando estes se tornaram avós e quando o (a) participante teve o primeiro filho.(ver Anexo B).

2.4 Análise dos dados

Os dados das entrevistas foram agrupados em quatro eixos temáticos, com a finalidade de que se pudesse observar tais aspectos de modo particular. Entretanto, os eixos se permeiam, pois os temas muitas vezes são referidos de uma forma indistinta. Os Eixos temáticos são os seguintes: Experiência de ser Avó, Experiência como Mãe, Experiência como Neta e Experiência como Filha. No Eixo Experiência de ser Avó é apresentado como foi para as avós entrevistadas a experiência de tornar-se avó. No Eixo Experiência como Mãe foi destacada a relação com a filha, em função do primeiro neto. O Eixo Experiência como Neta traz a vivência que as avós tiveram com seus próprios avós; e o Eixo Experiência como Filha mostra uma análise sobre a relação das mulheres com suas mães e pais, mais particularmente após eles terem se tornado avós.

Foi utilizada *análise de conteúdo* a fim de investigar o conteúdo do relato das entrevistas, visando apreender suas características e significação. A análise de conteúdo qualitativa foi empregada para examinar as particularidades das verbalizações de cada caso, bem como as semelhanças entre eles. Os temas de análise foram definidos a partir da estrutura da entrevista, e obedeceram ao modelo fechado, isto é, foram definidos a priori (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999). Tais temas, utilizados na construção das entrevistas, foram baseados na revisão da literatura.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos através da análise das entrevistas realizadas durante a coleta de dados. O material está organizado por casos, num total de onze. Num primeiro momento, são trazidos elementos referentes aos dados de identificação, em que se pretende fornecer informações pessoais sobre as avós entrevistadas. A seguir cada caso contém o título Experiência de ser Avó, que traz um entendimento de como cada mulher entrevistada está vivenciando o papel de avó e as mudanças ocorridas em função desta nova condição. Após, há o item Experiência como Mãe, que aborda a relação das mulheres com suas filhas, especialmente após terem se tornado avós. O item Experiência como Neta apresenta relatos das mulheres sobre os seus próprios avós. E, enfim, o item Experiência como Filha, mostra sua relação com os pais, enfatizando quando estes se tornaram avós.

Inicialmente cada caso foi pormenorizado, estudado e discutido em supervisão. Foram investigados temas pré-estabelecidos pela pesquisadora, baseados na literatura e contemplados pelas entrevistas, em quatro grupos de questões. No item Experiência de ser Avó foram delimitados os seguintes temas: *o momento da notícia sobre ser avó, a idéia que se tinha sobre ser avó, a gestação da filha e o nascimento do neto, participação nos cuidados, o ser avó, a responsabilidade com filha e neto, as preferências com os netos, modelos de avós, o entendimento sobre o que é ser uma boa avó, e comparações entre o seu papel de avós e o seu papel de mãe, os próprios avós e os pais enquanto avós de seus filhos*. O item Experiência como Mãe definiu seis temas: *a saída da filha de casa, a relação com a filha antes e depois do neto nascer, a percepção sobre a filha como mãe, a idéia que se tem sobre a percepção de sua filha sobre ela como avó, a interferência da filha na relação da avó com o neto, e o envolvimento dos avós maternos e paternos com seu neto*. O item Experiência como Neta definiu um tema geral: *as lembranças sobre o relacionamento com os avós*. E, finalmente, o item Experiência como Filha abarcou os seguintes temas: *o momento em que seus pais se tornaram avós, a relação com os pais, as mudanças ocorridas no relacionamento com os pais antes e após as entrevistadas terem se tornado*

mães. Desta forma, a análise dos diferentes temas contemplados pela entrevista é apresentada neste capítulo.

3.1 Caso Celina

3.1.1 Dados de Identificação

Idade: 65 anos

Estado Civil: viúva

Profissão: professora e advogada aposentada

Nível escolar: Ensino Superior

Número de filhos e netos: 2 filhos (filha e filho) e 2 netos (neta e neto)

Com quem vive? Com filha e neta

Nome fictício da filha: Paula

Nome fictício da neta: Renata

3.1.2 Experiência de ser Avó

Celina é uma avó muito presente na vida da família, e desde que soube que iria ser avó encheu-se de alegria e passou a organizar sua vida em função disto. O momento em que ela soube que ia ser avó foi para ela maravilhoso, “*eu queria tanto ser avó.*” Ela ficou muito surpresa, pois os dois filhos diziam que não queriam ter filhos. Chama a atenção como ela transita entre passado e presente. Ao ser avó pensa que poderia ser neta novamente:

“Na verdade eu tava querendo ser neta de novo, pois eu não tive avó.”

Nesta época, Celina morava no Rio de Janeiro e quando soube da notícia tomou um avião na mesma hora para Porto Alegre, onde a filha morava. Segundo ela “*eu comprei uma passagem e paguei uma tarifa plena até hoje o quanto eu gastei, foi a mais cara passagem da minha vida.*” Depois disso não voltou para o Rio de Janeiro, e pediu que uma vizinha arrumasse sua mudança e mandasse para cá.

A entrevista mostra que existe uma grande proximidade entre ela e sua filha, o que também se evidenciou em sua forma de ser avó. É uma avó muito ativa, que acompanha o crescimento da neta dia-a-dia e refere que, às vezes, esquece que a neta não é sua filha:

“Ela foi muito esperada, eu fiquei feliz, né, com dois meses eu teria ela em Montenegro com uns parentes, né, e exibi ela pra todo mundo ... com menos de um mês a minha filha ia viajar eu fiquei com ela (neta) e então ela é super agarrada a mim, né, a gente se entende.”

Celina acompanhou todo o processo de gestação de sua filha:

“Eu ficava louca de feliz de comprar roupa, eu ficava quase como uma compulsão na loja, comprando as coisas, ficava encantada.”

A avó foi com a filha até o hospital no dia do parto, *“eu fiz a baixa e tudo, aí eu fiquei em estado de graça, eu acho maravilhoso ser avó.”* A avó conta que durante a gestação da filha teve todos os cuidados com ela, pois ela é portadora do vírus da hepatite C, e tinham muito medo que o nenê também tivesse. Já no final da gestação, a filha de Celina teve uma infecção pulmonar e a médica pediu que baixasse, e também porque já estava com dilatação. Ela havia acompanhado a filha à médica, e buscou o enxoval da neta. A avó permaneceu sozinha no hospital, sem o marido de sua filha, pois seu genro errou de hospital, *“teve minutos de tensão”*, e diz que *“nunca mais eu fico sozinha numa sala de espera de cirurgia.”*

No nascimento ficou muito emocionada. Celina diz que o nascimento da neta a fez recordar o nascimento de sua filha:

“Foi muito traumático pra mim, foi de um casamento que tava se desfazendo, ela nasceu sentada, em casa, tinha parteira, a parteira que me xingou o tempo todo.”

A avó conta que quando sua filha nasceu, esta *“ficou gripada e quase morreu”* e no nascimento da neta a avó estava gripada e usou uma máscara para proteger a neta, depois se deu conta da situação que se repetiu:

“Então eu reconheço que tudo que eu não pude fazer pela filha, dar para a filha, receber pela filha, eu não deixei isso acontecer com a neta.”

O nascimento da neta mudou a sua vida:

“Toda a minha vida. Eu fui pra lá (Rio de Janeiro) por causa do frio, não é, e a partir dali na mesma hora, no dia em que ela nasceu, que elas moravam ali nos fundos, eu fiz um laço deste tamanho, vermelho né, (risos)...mas a Paula nem notou que tinha aquele laço ali, e foi engraçado.”

Celina sente-se muito à vontade no papel de avó, acha que é melhor do que ela imaginava *“eu sempre digo a melhor coisa do mundo é ser avó, melhor que ser pai e mãe.”* Ao ser questionada sobre os motivos pelos quais ela considera melhor, diz:

“Eu não sei por que é melhor, eu acho que é melhor porque a gente talvez esteja menos preocupada que a mãe com a vivência, não com o bem-estar, eu me preocupo tanto

quanto a mãe...Eu acho que quando a gente é mãe a gente é mais jovem, eu digo assim, a natureza é sábia, mas agora é que eu estava preparada pra ser mãe...eu tenho uma babagem.”

Depois, ela utiliza-se de uma metáfora para expressar o que pensa sobre ser mãe e ser avó “eu só sei que ser mãe é como uma gostosa torta, e ser avó é uma gostosa torta com chantilly em cima...”

A avó refere não ter tido um modelo de avó pra seguir, mas que até hoje lê a respeito, mas acha que o seu jeito de ser avó é por intuição. Ela sempre conviveu com crianças, pois era professora, e após se aposentar continuou tendo contato com crianças, e diz que sempre sentiu saudade delas:

“Hoje já tenho saudade da neta de quando ela era menorzinha. Quando a minha mãe dizia que tinha saudade de nós pequenos eu não entendia, eu era jovem, né, hoje eu entendo.”

A avó teve e tem uma grande participação nos cuidados de sua neta. Na época em que a neta nasceu, a filha de Celina morava com seu companheiro nos fundos de sua casa. Logo após os primeiros dias de vida da neta, a avó passou a tomar conta dela à noite, para que os pais dormissem, e assim o fez por muito tempo:

“...quando chegou nos acho que 15 dias depois que ela tava aqui em casa, a Paula chegou aqui com ela “mãe, dorme com ela essa noite que eu ando estressada, faz 3 dias que nós não dormimos naquela casa”, aí eu tinha combinado com ela assim sugerido que ela fizesse assim ó tu fica com ela todo o dia depois à noite eu fico com ela, cuido dela (...) Aí nós começamos a fazer isso.”

A avó comenta que essa situação se estendeu até os quatro anos da neta, quando “ela parou de berrar de noite que ela foi pra Paula.”

Também gostava de dar chás, mas tinha que ser escondido da mãe, pois esta não gostava:

“Foi uma coisa horrível, não havia coisinha quentinha nem nada, a Paula não queria dar os tais cházinhos que a gente dá, que diminui um pouquinho a dor, né, ... Coisa quentinha, né, camomila essas coisas, então não podia dar, que ela não queria, depois eu comecei a dar escondido dela.”

Ainda hoje continua a ajudar nos cuidados da neta:

“Todos os cuidados...eu faço mamadeira, a roupa pra lavar, pra isso tem a vó, a vó normal, quer dizer, eu acho o normal dos avós, né, lavar roupa, arrumar a casa, fazer a comida pra filha, passar a roupa da neta, lavar isso eu sempre fiz tudo, né, preparar o banho, só não dava.”

Celina refere que a neta tem muito ciúme dela com o outro neto, e diz que ela é só sua avó. A mudança na rotina, experimentada pela avó devido ao nascimento da neta, refere-se à bagunça da casa. Além disso, às vezes ela suspende ou adia um compromisso em função da neta, por exemplo quando ela está doente. O que a avó mais gosta de fazer com a neta é *“ficar com ela, de estar com ela em qualquer situação, de brincar em cima da cama, tomar banho junto, né.”* Por outro lado, o que ela menos gosta de fazer com a neta *“é a hora que ela tem que se arrumar para o colégio porque elas (sua filha e sua neta) batem boca, as duas brigam que nem sei.”*

No que se refere à forma como os avós maternos e avós paternos relacionam-se com sua neta, ela acha que a avó paterna de sua neta, que já faleceu, era tão avó quanto ela, embora houvesse algumas diferenças:

“Tinha um modelo diferente de criança, e ela tinha que tá tudo certinho, tudo arrumadinho, não podia mexer aquela coisa toda, não a minha tá sempre bagunçada.”

Ainda assim, a avó acha que a avó materna tem uma maior proximidade com os netos:

“Agora eu acho, dizem e eu tenho observado, que a avó materna convive mais, como é que eu vou te dizer, age mais ou interage mais com o neto que a avó paterna, porque aquela coisa antiga assim que diziam que a filha que traz o marido é uma coisa.”

Refere que freqüentemente troca os nomes da filha e da neta, principalmente chamando a neta pelo nome da filha, o que aconteceu algumas vezes durante a entrevista:

“...porque naquela época não tinha esse SUS pras pessoas, 41 anos atrás, né, e toda a gestante tinha o direito, né, então eu passei muito medo e tudo, depois acabou esse casamento, a Re... a Paula tinha menos de 2 anos, né.”

E Celina se dá conta da troca de nomes entre filha e neta:

“Tanto que é uma coisa engraçada, eu sei que é uma coisa assim, eu seguido chamo a Renata de Paula, na verdade eu tô me referindo à Paula ali, né.”

Tem uma grande preocupação em estar presente na vida da neta, e procura realizar determinados acontecimentos para que a neta tenha ótimas lembranças dela:

“A Renata tem um pé de bergamota que quando ela nasceu eu plantei e quando ela fez 1 aninho eu tirei uma foto ela colhendo uma bergamotinha do pé dela.”

Celina também conta que sugeriu à filha e ao genro que lhe dessem a guarda legalmente da neta para que, quando a avó vier a falecer, a neta receba uma pensão do IPÊ. Ao fazer isso, a avó quer proteger a neta para que ela tenha um futuro bom na educação. Mas os pais não aceitaram a proposta, dizendo que *“depois quando ela for viajar tem que pedir*

autorização pra vó”, o que ela diz ter mostrado que isso não será um problema “mas só vai constar isso eu não quero a Renata comigo, né, não tem medo, né, não tem esse perigo aliás, não tenham medo.”

De uma forma bem peculiar, introduz o tema morte, referindo-se inicialmente à morte da avó paterna de sua neta, depois sobre a morte de uma cadela, mas logo faz uma relação com sua própria morte:

“Aí a Renata disse assim pra mim “vovó, tu sabe que agora eu só tenho uma vovó, a vovó Lili foi pro céu”, aí ela levantou, me abraçou,... e em seguida morreu uma cadela velha(Teca) que nós tínhamos, aí ela chegou em casa “vovó onde tá a Teca?”, “a Teca foi pro céu”, “é longe?”, “é”, “ela volta?”, “não”.”

A neta também perguntou por que a cadela morreu *“aí é horrível, né, por que ela morreu é diferente, vai dizer que ela é velhinha aí tu tá velhinha e vai morrer”*. Comentou que na família tinham comentado que a avó paterna de Renata tinha falecido porque estava velha e então a neta perguntou a Celina *“tu não tá muito velhinha vovó”*, e ela respondeu que não:

“Acho que eu fiquei com medo que ela estivesse com medo porque estou ficando velhinha.”

Ao falar sobre a neta cita o jacaré como animal preferido de suas histórias:

“E ela gosta muito do jacaré, né, e eu também, sempre gostei, então eu conto sempre história do jacaré, depois imagina se eu vou me lembrar, né.”

E o mesmo animal também é um dos apelidos da neta:

“Minha filha me xingava, “não põe apelido mãe”, então eu chamava (...), Jacaré do deserto, coisas assim sabe.”

Em outro momento da entrevista fala da própria mãe como uma jacaroa , mostrando a marca que perpassa as gerações:

“Mas ela foi ótima avó a mãe, a mãe deitava na cama, às vezes tinha 5, 6 netos, isso ela dormindo, mas ela era uma jacaroa, a jacaroa do sol (...) ela era super paciente com os netos, ela era muito boa.”

Outro aspecto que se destaca é a questão de ter filhos. Inicialmente, Celina relata que os filhos não queriam lhe dar netos e ao mesmo tempo mostra que é tradição de família ter muitos filhos e netos:

“ Foi uma coisa maravilhosa, porque os meus filhos diziam que não queriam ter filhos, aí eu dizia a Paula não quer ter filhos porque eu tenho isso de casa e eu queria tanto ser avó, né,... A Paula conviveu muito com os meus pais... A nossa família é ancestral, porque é filhos e filhos e filhos....Eles tiveram 39 netos.”

Ao confrontar o seu papel de avó com o seu papel de mãe, ela acha que não mudaram muito as coisas que fazia com a sua filha quando esta era pequena e o que faz hoje com a neta. *“Não, não mudou muito não, assim a única coisa que mudou é que eu tenho mais tolerância porque cresci, amadureci.”* Ainda acrescenta:

“Única coisa que eu fazia com minha filha e que eu não faço com a neta, que depois eu aprendi que incomodava, era dizer olha a bruxa, hoje eu vejo o horror que era, né.”

Quanto à forma como ela é avó, comparada ao modo como seus avós eram com ela quando era pequena, Celina acha que é diferente em *“quase tudo.”* Diz que *“tem coisas que eu faço pra já pra marcar lembrança com ela (neta),...fazer negrinho, a gente recorta coisas, desenha...”* Já os avós não tinham uma relação carinhosa com ela, demonstrando não ter lembranças agradáveis dos avós.

Já em relação aos seus pais enquanto avós, relata que a sua forma de ser avó também é diferente, embora por outros motivos:

“Era uma outra época, estilos de vida diferentes, outras teorias, acho que não era tão igual, acho que a mesma coisa nos cuidados, fazer comida que cada um gostava, como ela fazia arroz de leite pra minha filha, que era o doce preferido dela, até pros filhos. Isto eu sou igual.”

3.1.3 Experiência como Mãe

Celina tem uma proximidade muito grande com a filha, embora relate que na relação com a filha é comum a discordância. Também ressalta que o que sentiu quando a filha deixou de morar com ela foi um alívio por não ter mais que se preocupar com a alimentação da filha, que *“sempre foi muito chata.”* Ela ainda diz que *“se existe carma, que eu não acredito, minha filha está pagando”*, referindo-se ao fato de a neta fazer a mesma coisa que sua filha em relação à comida, ou seja, as duas serem exigentes nas refeições. Elas discordam sobre algumas coisas em relação à neta, *“tudo que eu, bom tinha uma época que ela me irritava, porque tudo que eu dizia pra neta ela dizia que tava errada.”*

Entretando ela acha que o relacionamento dela com sua filha melhorou após o nascimento da neta:

“A filha comigo melhorou,...ela se tornou mais preocupada comigo, antes ela não tinha, ela ee desligada mesmo, muito desligada, ela se tornou mais preocupada comigo, ela já começou a pensar assim na possibilidade que eu morra e que eu vou fazer falta e antes não tinha.”

A avó acha que sua filha “*é uma super mãe*”, mas também acha que ela e a neta brigam muito. Celina acha que sua filha a vê como uma boa avó, “*isso é um consenso entre todo mundo que eu sou uma ótima avó.*” Ela acha que sua filha não interfere muito na sua relação com a neta.

3.1.4 Experiência como Neta

Celina relata não ter tido uma boa relação com os avós com que conviveu. Acha que sua avó materna não gostava dela, e as poucas vezes em que iam na casa desta avó ela chamava a neta de preguiçosa. Recorda que no dia do casamento de sua irmã, sua avó materna ordenou que ela ficasse em casa para lavar o chão, pois havia chovido. A avó paterna morou durante um tempo com sua família, e era uma pessoa “*impertinente ou chata.*” Lembra de um episódio que aconteceu com esta avó e que a marcou muito. Foi quando ela tentava se esconder de um suposto fantasma, ou seja, alguém que se fantasiava de fantasma, e a avó ofereceu para que ela se escondesse debaixo de seu lençol e quando o fantasma chegou a avó contou onde ela estava:

“...até hoje eu me lembro da sensação de ser traída.”

Também acha que esta avó não gostava dela. Então conclui:

“Tive dois modelos péssimos de avó...mas empre soube que ser avó, ter avó era uma coisa maravilhosos, eu não tinha avós boas.”

Celina conta que queria muito ser avó pois assim poderia ser neta:

“Na verdade eu tava querendo ser neta de novo, pois eu não tive avó.”

3.1.5 Experiência como Filha

Ela diz que sua mãe sempre foi muito boa, sempre foi “*muito compreensiva com criança.*” Ela teve 12 filhos:

“A mãe era assim, lá na casa da mãe era uma bagunça sempre, porque todos os sobrinhos iam passar as férias lá, éramos nós 13, mais sobrinhos, mais os amigos, nós éramos muito socialveis, e aquela cachorrada, né, pra fora né, então era a casa da mãe joana. Foram tempos maravilhosos...foi ótima avó, deitava na cama, às vezes tinha 5, 6 netos, isso ela dormindo, mas ela era uma jacaroa, a jacaroa do sol...ela era super paciente com os netos, ela era muito boa.”

Conta que sua filha era a neta preferida de sua mãe, e que esta era uma ótima avó. Cada vez que um de seus filhos tinha filhos ela viajava até o local para ajudar:

“A mãe ficava contente, cada vez que nascia um neto a mãe ficava louca de feliz, parecia que era o primeiro. Cada vez que tinha um neto era uma alegria. O pai dava um espreito a gente nem dava bola, ...ele era mais caladão tudo, tinha os problemas dele, mas ele gostava dos netos.”

Refere que na casa de sua mãe o costume sempre foi ter muitas pessoas morando, ou seja, outros filhos, com os netos, e que sua mãe sentia falta da casa cheia:

“Na minha casa era aquele monte de netos, tanto que quando eu cheguei em casa, fui visita a minha mãe e ela tava chorando, eu disse mãe que tu tem, ela disse essa casa tá vazia, não tem mais ninguém nessa casa, eu disse mas mãe tem seis aqui, ó seis filhos com mais quatro netos, ela disse mas onde é que tá todo mundo?”

Celina acha que sua relação com os pais era boa e continuou boa após ter tido uma filha:

“Eu comecei a ver a mãe com outros olhos, comecei a pensar como eles puderam ter tantos filhos, aí eu via a grandeza, como podiam sustentar tantos filhos.”

Também acredita que a forma de seus pais serem avós era parecida em alguns aspectos com o papel que ela tem hoje como avó:

“O que era diferente é que eles não se importavam se tava de banho tomado ou se tinham escovado os dentes, se não quisesse não precisava fazer, mas eu me importo. Eles tiveram 39 netos.”

3.2 Caso Eugênia

3.2.1 Dados de Identificação

Idade: 55 anos

Estado Civil: casada

Profissão: do lar

Nível escolar: Ensino Médio

Número de filhos e netos: 3 filhas e 2 netos

Com quem vive? Com esposo e filha mais nova

3.2.2 Experiência de ser Avó

Eugênia lembra que o tornar-se avó foi motivo de muita alegria, pois para ela, um neto é *“um novo despertar.”* Esse momento foi muito aguardado, pois sua filha já estava casada há algum tempo e esperando engravidar. Conta que a gestação da filha foi acompanhada, e que a filha foi *“bem paparicada.”* Os avós moram em uma cidade das praias

gaúchas e a filha em Porto Alegre. Assim, no momento do nascimento de sua primeira neta, Eugênia estava em sua cidade, mas assim que soube da notícia foi, juntamente com seu esposo, para a cidade em que a filha reside, conhecer a neta e ajudar a filha nos primeiros momentos.

Ao recordar o nascimento de sua neta, Eugênia diz que aquele momento a fez lembrar do nascimento de sua filha. Entretanto, ela diz que com o neto foi tanta emoção, que ela se voltou inteiramente para ele, deixando sua família em sua cidade para ficar uns tempos ajudando a filha:

“Então era aquilo assim, da gente se doar, dar o melhor, né, dar aquela mão pra ela, né.”

Para Eugênia, o nascimento de sua neta fez com que sua filha amadurecesse como mãe, e ela amadurecesse como avó:

“Nós duas, tanto ela amadureceu como mãe, pra me valorizar; como eu, ela, né. Foi, assim que eu notei... Eu tornei mais mãe pra ela depois do que ela se tornou mãe, né.”

Ao falar do nascimento de sua primeira filha, Eugênia lembra-se que foi um momento difícil, pois já havia perdido o primeiro filho, que faleceu logo após nascer, com problemas de saúde. Desta forma, durante sua gestação esteve muito ansiosa, até que a filha nascesse e se verificasse que tinha uma ótima saúde:

“Então, daí eu tinha a preocupação que podia ser assim, né...eu carreguei isso, eu tinha vivido... Com certeza eu passei essa bagagem pra minha filha.”

Eugênia diz que ao tornar-se avó foi como ser mãe novamente. Ficou alguns dias na casa da filha para ajudar nos cuidados, e sentiu-se renovada:

“Pra mim foi muito bom porque eu entrei de mãezona mesmo pra ajudar no banho, ajudar em tudo ali, né...me fez renovar como eu tive com a minha filha, e depois eu entrei nessa de mãe de novo, porque eu acho que ser vó é mãe outra vez, mas mãe mais doce, que a gente já criou os filhos e agora parece que tem mais tempo voltado pros netos, né. “

A avó diz que não imaginava que ser avó fosse tão renovador, “o renascer.” Ela acha que ser avó é “ter mais ânimo de vida”, pois pensa que tem que viver e se conservar com saúde para poder se doar aos netos:

“Eu quero ser uma vó que brinca, uma vó que vai sentar no chão, sabe? Aquela vó, vó mesmo. “

Como Eugênia não mora na mesma cidade que a neta, quando recebe sua visita procura dedicar-se exclusivamente à ela. Conta que então deixa seu trabalho para depois, pois os momentos que tem com a neta são especiais:

“Pra minha saúde mesmo, me fez muito bem. Mais prazer de viver, né, porque eu quero me conservar melhor, eu quero me dar o melhor pra eles e receber. Então eu tenho que dar pra poder eu ser aquela vó querida, né. Como eu me sinto pra ela, né.”

Eugênia se descreve como uma avó que faz o possível para ser uma boa avó, e que está pronta a qualquer momento para o que precisar. Quando sua filha vai para a praia em que ela mãe mora, ela fica em uma casa separada, com seu esposo e filhos. Assim, a avó diz que gosta de levar a neta para sua casa, para dar um descanso para os pais. Gosta de brincar com a neta e que ela brinque com as amigas que têm na cidade. Acha que ao ajudar a cuidar da neta, faz a sua parte:

“ Valeu muito a pena eu me acordar pra ser vó.”

A avó diz que ter netos fez com que ela se preocupasse mais com sua saúde e procurar estar bem para poder acompanhá-los. Antes de tê-los, era muito voltada para o trabalho, *“de querer mais”*, e hoje já se preocupa mais em *“curtir”* os netos. Também nota que já aprende algumas coisas com a neta, pois ela está na escola e traz coisas novas para a avó, que diz que não pode parar, tem que se manter atualizada para acompanhar a neta.

Em relação à criação de seus netos, Eugênia sente-se responsável por aconselhar a filha sempre que preciso. Diz que, por exemplo, quando nota que a filha não pode dar atenção aos próprios filhos, pois trabalha e faz faculdade, a avó cobra dela essa posição, e tenta ajudá-la. Também mostra que ela deve ser melhor do que ela mesma foi como mãe:

“Minha filha, não é assim, eu acho que tu tem que ter mais paciência, tu tem que dizer abençoadinha, em vez de dizer pestinha...O que a mãe fez pra vocês, pra ti, no caso, não quero que tu faças pra ela. Vamos melhorar, né, esse jeito de tratar.”

A avó conta que ensina para a neta valores como saber dividir, para que ela entenda que outras pessoas precisam de ajuda, e que ela, como tem um pouco mais, deve repartir. Já com 4 anos, sua neta aprendeu a dividir, até mesmo com o irmão mais novo:

“Que eu ensino pra ela, eu tô vendo que ela tá entendendo a repartir as roupinhas dela, fazer a sacolinha e trazendo pras crianças daqui. Então eu penso que isso é muito bom, né, prazer pra ela e pra mim também, né. “

O que a avó mais gosta de fazer com a neta é brincar. Ela conta que deixa os pais de sua neta olhando televisão na sala e leva a neta para o quarto, onde sentam no chão e

divertem-se. Lembra que a neta gosta muito de brincar que a avó é a mamãe e ela, a filhinha. Eugênia diz que se torna uma criança naquele momento, e que realmente gosta de ficar no chão, brincando. O que ela menos gosta de fazer com a neta é colocá-la para realizar algum serviço de casa, como secar a louça, por exemplo. Ela diz que sua filha ensinou à filha que ela deve ajudar na limpeza, e em sua casa ela ajuda a mãe, mas a avó não gosta que ela a ajude, prefere que ela vá brincar.

“Ela diz que é representante da mãe. Ela gosta de vir, ajudar a lavar a louça, ou arrumar a cama, ou dobrar a roupa, né. Porque ela já me diz “Óh, vó, a mãe gosta que dobre a roupa assim”. Então eu, não é dizer que eu não gosto, mas eu evito. Prefiro ir pra fora, brincar, sentar na rede, ficar ali fora, do que botar ela pra fazer este tipo de serviço.”

A avó acha que uma boa avó tem que “*ser o que a gente é.*” Ela diz que assim como ensinou para as filhas também ensina para a neta que ela deve ser sempre a mesma pessoa, e tratar todos da mesma forma, independente de condições financeiras:

“Ser o que ela é, não interessa, né, se ela tem um estilo de vida diferente, e aqui tem estilo mais simples, mas que ela seja sempre a mesma. Não faça diferença das pessoas, do menor pro maior, né...São todos iguais. Que amor tem que dar pra todos.”

Eugênia conta que frequenta a igreja e tem uma responsabilidade com a comunidade. Nos dias em que a neta está na cidade, ela também acompanha os avós à igreja.

Ao se tornar avó, Eugênia diz que não teve nenhum modelo de avó a seguir, pois para ela o ser avó “*já vem com a gente...primeiro a mãe depois a vó*”, uma criação de Deus:

“Pra mim, já foi Deus que preparou muito bem isso aí pra gente ter mais gosto daí de viver, né. Pra mim, assim, Deus já fez porque, quando a vida entre um casal, entre os filhos, parece que a gente já tava assim meio, daí vem os netos...Foi Deus que nos criou assim. Essa maravilha de ser vó.”

E acrescenta o seu desejo:

“Então eu acho assim que eu como vó, eu acho assim, graças a Deus, que Ele sempre me ajude que eu tenha esse amor, assim, forte por eles, porque se eu dou, eu recebo. É uma semente que eu tô botando na terra, e vou colher, né.”

Quanto à sua forma de ser mãe e de ser avó, diz que é diferente. Ela pensa que se fosse mãe novamente “*ia melhorar bastante.*” Acha que naquela época era muito preocupada em ter mais, de ajudar o marido e a dar uma vida melhor para toda a família. Assim, acha que desde cedo deu muita responsabilidade para as filhas. E hoje “*eu sou uma mãe mais doce com os netos.*” Ela diz que chegou à conclusão de que o que eles têm é suficiente para

viverem bem, e que por isso já não se preocupa com questões financeiras como antigamente, podendo aproveitar mais o tempo com os netos. Para ela o que permanece igual, que fazia para as filhas e continua fazendo para os netos, é fazer a comida que eles gostam.

Eugênia acha que algumas coisas mudaram na forma como ela é como avó, em comparação ao modo como seus avós eram com ela. Para ela, hoje em dia, eles conversam mais com filhos e netos, enquanto antigamente eram mais severos. E o que permanece igual é o amor, e estar presente sempre que for preciso:

“Acredito que isso aí a gente vem de família, do berço, que procura se doar nas horas boas, nas horas ruins.”

Ela também acredita que é uma avó um pouco diferente do que sua mãe, pois acha que é mais aberta para conversar com as filhas sobre assuntos que para sua mãe eram proibidos, como sexualidade. E o que permanece igual são os valores a serem cultivados:

“De ensinar que a gente tem que trabalhar, que tem que ser honesto, que tem que valorizar o que a gente tem. Se a gente um dia quer ter, que ter mais alguma coisa, que a gente tem que saber segurar o que tem...Então sempre ter um dinheirinho na poupança, reservado, porque nunca sei o que ta pra vir.”

3.2.3 Experiência como Mãe

Eugênia conta que já teve um relacionamento mais distante da filha. Aos 14 anos sua filha decidiu que iria morar em Porto Alegre para estudar em uma escola melhor e estar mais preparada para uma faculdade, e foi morar com sua avó e depois com sua tia. Ela diz que na época apoiou a filha, pois achava que era o que ela devia fazer, “*ir à luta.*” Então, certas conversas a filha tinha mais com a tia do que com a mãe:

“E daí, às vezes eu sentia uma espécie de uma frieza eu com ela e ela comigo...eu acredito que eu fiz falta pra ela como ela para mim.”

O relacionamento das duas se modificou após o nascimento da neta de Eugênia, em que elas se reaproximaram novamente:

“Porque quando ela se tornou mãe e eu vó, daí nós reatamos tudo de novo. Daí depois ela se tornou mãe, precisou bastante de mim, e eu larguei aqui e fui pra lá. Então tudo, tudo voltou ao normal, né. Muito bom. Ela foi, assim, mais carinhosa pra mim, como mãe, né, reconhecer como mãe. E eu me doando mais pra ela.”

Eugênia acha que a filha é uma “*mãezona*”, mas às vezes ela é um pouco severa. Conta, por exemplo, que a filha faz os filhos guardarem os brinquedos após eles brincarem, pois senão ela diz que vai colocar tudo no lixo para o lixeiro levar, e eles arrumam. Diz que

acha que eles estão ensinando muito bem os filhos e que quando ela tenta repreender a filha, esta pergunta se a mãe não lembra que fazia a mesma coisa com elas.

Quanto à forma como sua filha a vê como avó, Eugênia acha que é vista como uma avó que “*paparica*.” Também conta que os pais de seus netos ficam admirados com a forma que ela lida com os netos, pois eles adoram ficar com ela. Acha que é uma boa avó, mas mesmo assim admite que deve faltar alguma coisa, pois é “*humana*.” Diz que tem total liberdade com os netos, e que procura ser “*um pouco babá*” para as crianças, para que os pais possam descansar.

Eugênia acha que como avó é diferente dos avós paternos de seus netos. Ela diz que adora brincar com eles, enquanto a outra avó, quando solicitada para brincar com os netos, não o faz, dizendo que prefere ajudar a nora com a limpeza, por exemplo. Acha que isso acontece porque eles têm um jeito diferente de ser, talvez porque os avós paternos morem mais distante e não têm mais filhos em casa, enquanto Eugênia ainda tem uma filha que mora junto:

“Aí eu acho que, por mais que tá passando esse tempo, eu ainda, parece que eu tô vivendo mais ainda época de atenção, de me doar ainda, né.”

3.2.4 Experiência como Neta

Eugênia diz que não conheceu os avós paternos, mas conviveu bastante com os avós maternos. Lembra-se que o avô gostava de colocar uma música do rádio e convidá-la para dançar, “*ele era muito amigo*.” Já a avó, embora fosse muito querida, era mais de fazer comida, e não tão envolvida como o avô, “*era uma vó mais paradona*”:

“Tenho boa recordação do meu avô...meu avô já era de dar atenção, né, de repente a vó se preocupava mais com a comida, que é o caso da avó paterna dos meus netos, mais com a comida. E o vô já era mais light, né...então daí isso ficou mais gravado, né, pra mim, assim...Então, a minha vó era querida, mas eu não tenho, assim, tanto em mente, uma brincadeira que ela fazia. Eu tenho do meu avô que ele brincava com nós.”

A avó diz ter se dado conta, durante a entrevista, de que como avó é muito parecida com seu avô:

“De repente eu tenho no sangue...que eu trouxe isso, essa bagagemzinha um pouco do meu avô.”

3.2.5 Experiência como Filha

Os pais de Eugênia já faleceram, mas ela lembra a forma como foram avós de suas filhas. Ela diz que eles tiveram 12 filhos e muitos netos, e além disso seu pai sofreu um derrame o que demandava cuidados por parte de sua mãe. Dessa maneira, sua mãe não foi muito presente na vida de sua família, ainda mais porque moravam em cidades distantes. Ela reflete que antigamente não havia essa facilidade nos meios de transporte que há hoje, então a distância dificultava uma convivência mais próxima. Ela diz que não notava um apego de sua filha na avó:

“Naquela época, não que eles não tivessem amor pra dar, mas é a distância, né, porque é com se diz aquela plantinha que tu vai regando ali, vai crescendo. Eu penso assim que não é que eles não tivessem amor pra dar, eles tinham, mas de repente não tinham tempo pra cultivar, né.”

Eugênia recorda-se que assim como era mais apegada em seu avô do que em sua avó, seu pai era mais próxima de sua filha do que sua mãe:

“Que se eu saía, elas ficavam ali pra vó cuidar. A mãe ia dormir, de repente tava cansada. E o vô tinha paciência de ficar esperando. Botava a cadeira na frente da casa, ficava esperando até que eu chegasse, com aquela paciência dele...Apesar que minha mãe fizesse, que ela foi uma pessoa boa, mas prevaleceu, pelo que eu vi, mais em mente o pai.”

Ela lembra que sua mãe também era como sua avó materna, ou seja, que se preocupava mais com a comida, enquanto seu pai brincava mais com as crianças, assim como seu avô, o que a marcou muito mais:

“Porque incrível, né, que não é que a gente queira, mas tomara que eu consiga sempre brincar, porque o que mais ficou gravado na minha cabeça é o que o meu avô fazia, que brincava, dançava, tudo. Agora o que comi, o que deixei de comer.”

Ela diz que o relacionamento com os pais na época em que ela teve sua primeira filha era bom, e que ficou melhor ainda. Apesar de seus pais não terem ajudado muito nos primeiros cuidados de sua filha, pois moravam em outra cidade, eles vieram conhecer a neta, e como é tradição na família, a batizaram. Também pensa que a vinda de sua filha aproximou-a dos pais, pois passaram a se visitar mais frequentemente:

“O meu pai quando a gente chagava lá, já esperava, já comendo uma laranja, uma bergamota... Na hora de ir embora, já com os bracinhos ali, ou era com uma laranja, alguma coisinha, já oferecia pra gente trazer pras crianças.”

3.3 Caso Vânia

3.3.1 Dados de Identificação

Idade: 49 anos

Estado Civil: casada

Profissão: do lar

Nível escolar: Ensino Fundamental Incompleto

Número de filhos e netos: 2 filhos, 1 neto

Com quem vive? Com esposo e filho

3.3.2 Experiência de ser Avó

Vânia se tornou avó em um momento muito difícil, em que estava entrando na menopausa. Naquela época, estava muito desanimada e o nascimento de seu neto mudou sua vida:

“Saber que ia ser avó foi a melhor coisa por causa que me deu um ânimo, sabe. E quando ele nasceu, então, parece que eu renasci de novo.”

Conta que já esperava ser avó, pois a filha já estava tentando engravidar há algum tempo, *“aí, quando ela engravidou, foi lindo.”*

A avó conta que acompanhou toda a gestação de sua filha, e esteve presente em todas as sessões com a médica. Na última consulta, a doutora mandou que sua filha fosse direto para o hospital, que o bebê estava nascendo, e como Vânia estava junto, a levou. O parto foi difícil, mas correu tudo bem:

“Eu tenho a fita gravada, eu quase pulei nos vidros quando trouxeram ele pra mim ver, foi o máximo.”

Vânia diz que no momento do nascimento de seu neto lembrou do nascimento de sua filha. Conta que o parto da filha foi muito difícil porque ela estava sentada, *“me cortaram bastante, puxaram ela”* e havia um problema na combinação sanguínea dela e do marido. O parto do neto também teve suas complicações, pois a filha estava com pressão alta e foi realizada uma cesárea, o que acrescentou para que ela se lembrasse do parto da filha:

“Aí eu ainda lembrei de toda essa parte, assim, que eu passei, essa parte me veio na memória.”

De acordo com Vânia, o tornar-se avó é diferente do tornar-se mãe, pois se está mais madura. Diz que hoje a filha a questiona, pois acha que ela está muito diferente de quando foi mãe e tinha dois filhos pequenos. Ela acha que é outra época:

“...que tu não te expressava tão bem quanto tu te expressa com neto, é diferente, a gente já passou por tudo. Acho que já tem mais segurança em tudo.”

Após o nascimento do neto, Vânia ajudou a cuidar dele, a filha casada ainda morava com eles. Desta forma, ela participou dos cuidados desde o início, sempre respeitando o espaço e o tempo da filha:

“Então eu sempre deixava pra ela tomar as decisões, tudo, mas sempre ajudando ela, dando apoio nas inseguranças dela.”

Diz que ser avó era como imaginava, pois ajudou a criar os irmãos e depois criou os dois filhos, então tinha experiência e habilidade para cuidar de criança. Só o que foi peculiar foi a questão emocional:

“A não ser o lado emocional, no caso do neto, foi o máximo, como eu te falei já, tava muito pra baixo e renovou tudo de novo.”

Vânia diz que se considera uma avó normal, que se sente feliz por ter conseguido chegar a ser avó, já que muitos não conseguem e relata que gostaria de ter mais netos. Quanto a sua rotina, diz que mudou totalmente após o nascimento do neto, pois além da filha, neto e genro morarem com ela, o marido, e o outro filho, ela cuidou do neto até os dois anos de idade. Após este período, eles se mudaram e o neto passou a freqüentar a escolinha no turno da tarde e pela manhã a avó continua a cuidar dele. Diz que se sente muito bem em poder ajudar:

“Eu me sinto realizada, né, em poder ajudar ela, porque não tô trabalhando fora, mesmo, tô em casa, então, ajudo ela com o maior prazer.”

Ela conta que em relação à educação do neto, prefere deixar para os pais, embora também faça esse papel no momento em que o neto está sob sua responsabilidade. Diz que gosta de fazer qualquer coisa com ele, pois ele é uma criança muito fácil de se lidar. Gosta de andar com ele de lotação, de trem, *“ele adora passear comigo”*, de levá-lo na praça para brincar. E relata que não há nada que não goste de fazer com o neto.

Para Vânia, uma boa avó *“não pode interferir quando os pais estão educando”*, então ela procura ser uma avó que não se envolve nesta parte, para não tirar a autoridade dos pais. Além disso, uma boa avó tem que cuidar bem do neto, o que ela faz, sem se sentir uma *“escrava”*, pois segundo ela, *“pra tudo tem limite.”* Mas segundo a avó, os horários são

combinados e não há problemas quanto a uma possível exploração de sua tarefa de cuidadora.

Ao se tornar avó, Vânia diz que não houve uma avó que ela “*seguisse*”, mas há uma atriz de televisão, que já é avó, e que ela acha muito bonita e admira, que é Suzana Vieira, “*eu acho ela uma avó bem pra frente, bem moderna, e vó, sabe.*” Certa vez viu uma entrevista dela com os netos e ficou admirada do seu jeito de ser avó, mas não se espelhou nela como avó.

Vânia diz que hoje faz coisas com o neto que não fazia com os filhos quando eram pequenos, como “*brincar, se atirar no chão.*” Acha que é diferente porque não tinha tanto tempo para os filhos como tem para o neto e também porque tinha vergonha de algumas coisas e hoje “*não tenho vergonha de mais nada.*” E o que permanece da mesma forma, para os filhos e para o neto é o carinho, “*o amor pra eles é igual.*”

Ao lembrar-se de seus avós na infância, diz que mesmo eles sendo pessoas maravilhosas, não tinham muita aproximação:

“Antigamente não faziam o que a gente faz hoje em dia porque naquela época tudo eram mais rígido... Bem diferente.”

Para ela, o que é semelhante entre a forma como seus avós lidavam com ela e o modo como ela é com o neto é a parte afetiva:

“Tu sente, assim, que gostavam de ti...mesmo estando mais distantes, mas sentia aquele afeto por mim. Então acho que é o que continua.”

Ao lembrar-se de seus pais enquanto avós de seus filhos, diz que eles eram diferentes do que ela é hoje como avó. Seus pais não brincavam muito com os netos, mas ela acha que era por falta de tempo, já que sua mãe tinha filhos pequenos para cuidar. Mas acha que ela e a mãe são muito parecidas pois estão sempre prontas para ajudar:

“Se eu precisasse, qualquer coisa pra sair, ou tivesse que deixar um pouquinho, sempre ela teve de pronto, como ela é até hoje com o meu neto, que é bis dela.”

3.3.3 Experiência como Mãe

Vânia diz que tem um relacionamento bom com a filha. Conta que a filha é “*geniosa, explosiva*”, mas ela explode e já volta ao normal. Ela diz que fala o que tiver que falar a filha, elas têm um relacionamento bem franco. Diz que a filha “*ficou mais assertiva*

depois que se tornou mãe... depois que ela teve o filho, melhorou.” Também conta que após o nascimento do seu neto, houve uma aproximação entre a filha e ela.

A filha morou com eles até pouco tempo numa casa no mesmo pátio, até que tiveram que desmanchá-la. Então foi morar com sua avó, que mora perto de Vânia, até que eles possam construir novamente uma casa no pátio para eles. O momento em que a filha, genro e neto deixaram de morar com eles foi difícil para Vânia, mesmo eles tendo se mudado para perto. Para ela, os piores momentos eram a tardinha e à noite, pois seu marido viaja e ela muitas vezes fica sozinha:

“Tinha que me consolar, às vezes tinha até medo de entrar em depressão, mas graças a Deus, não deixo me abater.”

Vânia acha que a filha é boa mãe. Conta que às vezes não gosta quando ela briga com o neto, pois não tem muita paciência. Mas recorda-se que, quando tinha os filhos pequenos, também não tinha paciência e agia da mesma maneira que a filha age hoje com o filho. Diz que hoje prefere conversar com o neto a gritar ou brigar, pois ele é muito inteligente e entende o que se fala com ele:

“É como o que eu te digo, que hoje eu não faço com o neto o que eu fazia com eles.”

Quanto à forma como sua filha a vê como avó, Vânia pensa que sua filha a acha “muito boba”, pois “*é tudo para o neto.*” Diz que a filha não interfere na sua relação com o neto, ela tem total liberdade com ele. Também acha que ela e o marido estão mais envolvidos com o neto do que os avós paternos dele. De acordo com Vânia, isto aconteceria pois eles moram longe do neto, e não se vêem com frequência, e hoje o avô paterno já é falecido.

3.3.4 Experiência como Neta

Ao recordar-se de seus avós, Vânia diz que seus avós paternos foram mais presentes que os maternos, que moravam longe, dos quais não têm muitas lembranças. Conta que os paternos foram seus padrinhos e eram maravilhosos, e que conviveu com seu avô até os 11 anos, quando ele faleceu de uma forma estúpida “*esmagado por um trator.*” Lembra-se que foi horrível, e a partir de então a avó passou a morar com eles “*até ela se terminar...era muito boa.*” Ela recorda que os avós eram muito participativos, principalmente o avô, “*era incrível, ele tinha esse trator...me levava pra passear.*”

3.3.5 Experiência como Filha

Vânia conta que dos 12 irmãos ela foi a primeira a se casar e a primeira a ter filhos. Lembra que a mãe ficou muito “faceira” com a notícia de que iria ser avó, e com seu pai não tinha muita liberdade, “da maneira como ele foi criado ele criou os filhos”. O pai era muito distante com os filhos, o que mudou com os netos:

“Hoje a gente diz pra ele: o que ele faz pros netos, teve coisa ele nunca fez pra nós.”

Então ela acha que foi muito bom para o seu pai tornar-se avô. Conclui que o relacionamento com os pais era bom, apesar da distância do pai, e não mudou muito com o nascimento de sua filha. Hoje em dia diz que o pai não é mais tão distante.

Lembra-se que ao contar a notícia de sua gravidez, os pais ficaram contentes, mas não como ela quando soube que ia ser avó, que estava na expectativa, e a filha já estava casada há algum tempo. Quanto aos primeiros cuidados de sua filha, a mãe de Vânia não pôde ajudar, pois tinha muitos filhos, incluindo uma filha de 4 anos. Segundo ela, seus pais também não brincavam muito com sua filha, devido ao grande número de crianças, ou seja, os outros irmãos de Vânia, e sua filha brincava com as tias que eram de uma idade muito próxima.

3.4 Caso Miriam

3.4.1 Dados de Identificação

Idade: 66 anos

Estado Civil: casada

Profissão: serviço secretaria do trabalho – do lar

Nível escolar: Ensino Médio Incompleto - normal

Número de filhos e netos: 2 filhos (filha e filho) e 1 neto

Com quem vive? Com o esposo

3.4.2 Experiência de ser Avó

Miriam é uma avó muito envolvida com o neto, e participa ativamente de sua vida. Conta que o momento em que recebeu a notícia que ia ser avó foi “cômico”, pois ficou tão surpresa que caiu “sentada na patente” :

“Foi uma emoção e um susto, que eu não esperava, a maneira como ela me contou, né.”

Ela diz que já estava esperando ser avó, pois casou-se com 32 anos e a filha engravidou com quase 30 também, ou seja, já se achava na idade de ter netos, e era “louca pra ter um”:

“Eu adorava, a minha idéia era de poder ajudar, de poder alcançar, dar uma mão, que a gente com mais idade vai ficando.”

Durante a gestação de sua filha, Miriam a acompanhou com atenção. A filha almoçava todos os dias com ela, e ela sempre cuidando para que ela se alimentasse bem, tomasse vitaminas, e ia ao médico com a filha. No momento do parto de seu neto, Miriam também estava lá:

“Acompanhei tudo, tudo, tudo, fiquei lá até o fim, até ver tudo, até ela ir pro quarto, tudo.”

Com o nascimento de seu neto, Miriam reviveu o nascimento da filha. Diz que antes mesmo do nascimento conversava com a filha sobre como ela era quando era bebê:

“Ah sim, eu revivi tudo, né, eu contava pra ela como foi. Eu comparava assim, né, “ai, tu era tão engraçadinha, tu era assim, tu era assado”, e eu dizia “tu era assim”, e pegava ele, né, e assim “parece que eu tô te pegando”, eu revivi o passado.”

Também lembrou-se que o seu parto foi muito “dolorido” e que ela se sentiu muito sozinha. O médico que a acompanhou durante a gestação não foi o mesmo que realizou o parto, e este era insensível, pois naquele momento precisava de apoio e ele não soube dar:

“...uma contração e eu me segurei no braço dele, aquilo me chocou porque ele fez assim ó, sabe...soltou a mão e limpou, aquilo, tu precisa de um apoio, de um conforto nessa hora, né, eu tava sozinha.”

Miriam conta que logo após o nascimento de seu neto, não pôde ajudar nos primeiros cuidados. O motivo para isso é que ela tinha que cuidar de seu marido, que havia tido uma isquemia e de sua mãe. Lembra que ficava “desesperada” de não poder ajudar, mas quando sobrava um tempo ia visitá-los e ficava com o neto para sua filha descansar.

Depois de algum tempo, a avó passou a cuidar do neto:

“Agora eu assumi o meu neto, pra ela, faço tudo pra ela, pra ela tirar o curso, pra ela estudar, pra ela continuar, trabalhar enquanto ela é moça, então o que eu posso eu faço, eu assumi mais agora do que antes.”

Há algum tempo a filha se mudou para perto de Miriam, há apenas uma quadra e meia, e ela pôde começar a cuidar mais freqüentemente do neto. Pela manhã Miriam vai até a casa da filha para ficar com o neto lá, e ao meio-dia eles vêm para sua casa, pois a

empregada já preparou o almoço. Depois que o neto almoça, a avó o leva para a escola. Antes era ela que buscava o neto na escola e o trazia para jantar, e só depois o levava para casa. Mas isto mudou, ela acha que os pais sentiram ciúme dela e agora é o pai de seu neto que o busca na escola e o leva para casa.

Miriam diz que ser avó é como ela imaginava, e se diz apaixonada pelo neto:

“Ele é a minha paixão, ele recarrega as minhas baterias porque tanto problema que eu tenho se não fosse ele eu não sei, ele é tudo pra mim. Eu sempre amei meus filhos, sempre gostei, né, e achava que neto era maior ainda.”

Miriam se descreve uma avó apaixonada, “*avó coruja*.” Diz que não pode ver nada na rua que compra para o neto, pois só tem ele na cabeça. Também acha que é uma avó participativa e querida pelo neto, pois ele é muito “*agarrado*” com ela também.

Ela acha que sua vida mudou muito após o nascimento de seu neto. Antes disso, tinha uma vida “*mais sossegada*”, a empregada levava o café na cama para ela, e dormia até mais tarde. Não tinha problemas com sua mãe como tem hoje, que inspira cuidados, e tinha o tempo mais livre, pois não tinha compromissos. Mas mesmo assim não troca o que tem hoje com o neto:

“Mas era uma vida vazia, né, que agora apesar de tudo parece que me preenche. Ele vai embora eu sinto uma, um aperto assim, como eu sentia quando os filhos saíam. E sabendo que no outro dia de manhã eu tô lá, né.”

Miriam acha que tem responsabilidade na criação do neto, mas diz que deixa a educação para os pais, embora quando o neto está com ela, procura ensiná-lo também. Diz sentir-se muito bem em poder ajudar a cuidar do neto:

“...me sinto mais realizada, mais produtiva, né, não tem tempo da gente pensar.”

A avó diz que o que mais gosta de fazer com o neto é de estar com ele, e adora colocá-lo no colo, “*beijando*”, além de passear com ele. O que ela não gosta é de ficar sozinha com ele quando ele está com febre. Diz que com seus filhos não tinha medo, pois como eram seus filhos podia medicar à vontade, o que não faz com o neto, pois só dá a medicação que o médico receita.

Para Miriam, uma boa avó tem que ser disponível quando há possibilidade, além de dar carinho e amor, e um pouco de limite. Diz que ao se tornar avó não teve nenhum modelo a seguir, pois sempre quis ter uma avó e nunca teve:

“Eu fui sendo natural, aquilo de mim e me tornei uma avó querida pra ele porque ele sente falta de mim.”

Conta que o neto foi para a praia com ela e seu esposo e ficou dois meses, e não perguntava pela mãe nem pelo pai:

“E lá é meu chameguinho, ele vinha, me beijava, lá eu acho que eu era a mãe dele.”

Miriam diz que sua forma de ser avó é muito parecida com o modo que foi mãe quando tinha os filhos pequenos. Lembra que com a filha brincava de boneca e com o filho, de bicicleta, e já com o neto joga bola:

“Eu sempre fiz as vontades, mas era outro tipo de criança, não sei, mas tudo que eu fiz pros meus filhos eu tô fazendo pro meu neto com mesmo amor.”

Miriam diz que sua forma de ser avó é diferente do que seu avô (o único que conheceu) foi para ela. Diz que ela fica “bajulando” o neto o dia inteiro e faz tudo o que ele quer. Diz que o neto tem mais “regalias” do que ela teve, que ela é mais carinhosa e dedicada, pois seu avô era mais “severo”:

“Eu era muito criança naquela época pra eu te dizer alguma coisa, né, eu só o que eu me lembro é que ele dava carinho, mas ele era severo, e eu não, eu dou carinho e não sou severa. Isso eu me lembro.”

Ela diz que é uma avó muito parecida com o que sua mãe foi para seus filhos. Conta que hoje sua mãe reclama para ela, dizendo que a filha a explora demais, mas que ela não se lembra de tudo o que fez por Miriam. Acha que a única diferença é que quando foi mãe não trabalhava e contava com sua mãe, enquanto sua filha trabalha e é mais dependente dela. Diz que no resto tudo permanece igual, pois sua mãe também gostava de brincar com os netos, tinha paciência, contava histórias, como ela faz hoje com o neto.

3.4.3 Experiência como Mãe

Miriam conta que quando a filha era pequena, era muito “agarrada” à mãe, mas depois quando ficou mais velha e começou a sair, tiveram alguns atritos. Diz que não queria que a filha tivesse engravidado antes de casar. Como ela comenta, casou-se aos 32 anos, virgem e esperava que a filha fizesse o mesmo. Mas depois aceitou com emoção, e preparou um “lindo casamento” para a filha.

A saída de casa de sua filha foi muito sofrida para Miriam. Como o apartamento em que vivem tem somente dois quartos, e tendo uma filha mulher e outro homem, chegou um momento em que ficou difícil para os dois dividirem o mesmo quarto. Como sua mãe tinha comprado um apartamento ao lado dela, convidou a neta para ir morar com ela. Então

a filha de Miriam passou a morar com a avó, e foi uma passo para sua independência, pois começou a faculdade e ganhou um carro:

“Eu chorava, eu suspirava muito, eu tinha uma paixão, né, única filha né, a gente sempre junto conversando e eu fui sempre muito apegada, né, a ela, e a, eu ia lá via os móveis e a cama dela, o quarto dela, eu vinha doente, foi bem dolorido, até me acostumar, chorava assim sozinha. Depois acabei me acostumando.”

Miriam conta que o relacionamento dela e da filha é bom, mas que a filha acha que ela tem muita preocupação, então às vezes não comenta seus problemas com a mãe. Muitas vezes ela só fica sabendo das coisas através da empregada, que trabalha para Miriam e também para sua filha. Diz que o relacionamento sempre foi assim e que não mudou com o nascimento de seu neto:

“Ela não quer preocupar. Não é tipo confidente minha, entre o relacionamento deles lá ela é muito fechada pra mim.”

Ela acha que como a filha trabalha e estuda, muitas vezes não está atenta ao seu filho:

“Tem certos problemas que ela não vê, ou tem certas ocasiões do momento que precisava ela tá ali, ela não está, né. Às vezes ela tá mais preocupada e eu vejo que ela esquece um pouco do filho. Mas eu não posso tá falando porque a guria se vira, ela é o eixo da casa.”

Miriam acha que a filha a vê como uma avó dedicada demais e muito preocupada. Ela conta que tem total liberdade com o neto, pois a filha não interfere na relação dos dois:

“Eu faço o que eu quero, se eu quero pegar pra sair eu telefono pra pegar ele, ou o que eu faço com ele durante o dia ela não liga nada, eu vou pra praia de tarde, volto, não levo ele pra escolinha e ela não.”

Para ela não há diferença no grau de envolvimento dos avós maternos e paternos de seu neto. Ela diz que cada um tem a sua vida e nenhum lado interfere no outro. Quando estão todos juntos, deixam que o neto escolha com quem quer ficar naquele momento. Mas, segundo ela, o neto é mais chegado ao lado materno:

“Ele é mais pra cá do que pra lá, né. Aí que tá o pai né, o pai dele, que fica meio enciumado comigo por causa da, é mais de cá, a creche é perto da minha casa, ela comprou apartamento perto da minha casa, ela puxou pro meu lado.”

3.4.4 Experiência como Neta

Miriam conta que não conheceu os avó paternos e nem a avó materna, só conviveu com o avô materno, que faleceu quando ela tinha 15 anos. Diz que como era a primeira neta

mulher foi muito mimada, muito querida, foi criada com muito amor e carinho pela mãe, pelo avô e pelos tios.

Conta que sua avó materna faleceu deixando onze filhos, sendo que uma tinha dois meses. Assim, sua mãe criou a irmã e os outros irmãos e continuou morando com seu avô mesmo depois de se casar. Seu pai faleceu quando sua mãe estava grávida dela de oito meses, então sua mãe continuou morando com o avô de Miriam. Ela lembra que ele a colocava sobre os seus pés para dançar, e lembra que ele a ensinou a dançar valsa:

“E o meu vô fazia tudo pra mim também, que ele foi um vô também, é a única imagem dele assim...Eu convivi na infância, depois não, depois nos últimos momentos que ele morreu eu tava junto e eu senti muito a morte dele.”

3.4.5 Experiência como Filha

Miriam conta que é filha única e que sua mãe ficou muito feliz quando soube que ia ser avó. Lembra que sua mãe soube da notícia antes mesmo dela, pois ela tinha feito o exame de gravidez, e como trabalhava, foi a mãe que buscou o resultado, e ligou para ela no serviço:

“Me deram notícia por telefone e eu quando cheguei já tinha um parzinho de meia e uma roupinha de nenê me esperando.”

Ela relata que sua mãe a ajudou muito, que quando ficou avó tirou férias e participou de todos os cuidados da neta, era ela que dava o banho:

“Foi uma vó muito dedicada né, foi o meu braço direito.”

Conta que sua mãe foi muito participativa, e que mesmo trabalhando a ajudava a cuidar dos filhos. Sua mãe tinha uma convivência diária com os netos, pois morou com a filha até os netos terem entre 9 e 10 anos e depois comprou um apartamento ao lado:

“Ela gostava, passeava com eles, brincava mais, tinha paciência de contar historinha, isso eu não tinha muita paciência de contar historinha e pro meu neto eu conto, invento as historinha, né, e ela era daquelas vó que ficavam de mãozinha dada com eles até dormir e tudo e...bem dedicada, foi uma vó, que ela trabalhava fora, vinha cansada e tomava conta pra mim.”

Miriam relata que o relacionamento com a mãe sempre foi bom, e que não mudou após o nascimento de sua filha. Ela diz que hoje sua mãe tem ciúme do bisneto, pois diz que Miriam dedica-se mais a ele do que a ela, embora ela esteja debilitada, pois não caminha mais:

“Ela se acha assim ela em primeiro lugar e depois o meu neto, e eu não, eu boto o meu neto em primeiro lugar e depois ela.”

3.5 Caso Margareth

3.5.1 Dados de Identificação

Idade: 50 anos

Estado Civil: casada

Profissão: professora aposentada

Nível escolar: Ensino Médio

Número de filhos e netos: 1 filha, 1 filho e 2 netas (ambas filhas de sua filha)

Com quem vive? Com o esposo e o filho

3.5.2 Experiência de ser Avó

Margareth é uma avó participativa e muito próxima de suas netas. Conta que o momento em que soube que ia ser avó foi uma surpresa, pois sua filha estava casada há menos de 1 ano e estava no segundo ano da faculdade. Diz que nem mesmo a filha estava esperando ser mãe naquele momento, e que foi muito difícil para a filha aceitar a idéia. Já para Margareth, que sempre gostou muito dos sobrinhos, foi maravilhoso imaginar que teria um neto, que para ela é como um filho:

“Aí a gente teve bastante problemas pra resolver assim, né, de aceitação, conversar com ela, expor, né, fazer ela ler alguma coisa assim que tocasse até ela se dar conta. Pra mim, foi gratificante.”

A avó diz que já havia se imaginado como avó antes de ser. Na verdade, ela achava que seria avó bem mais cedo, pois hoje em dia a juventude começa a namorar muito cedo e a possibilidade de engravidar existe:

“Até que ela demorou bastante e foi forte, como ela tinha 23 anos, eu acho, quando ficou grávida. Então eu já tava preparada pra ser, né.”

Durante a gestação de sua filha, Margareth a acompanhou “demais.” Lembra que chegava a sonhar com o neném, imaginando como ele seria. Diz que até mesmo deixou a família um pouco de lado e só pensava na gravidez da filha. Quando saía comprava algo para o bebê, e tudo o que via só lembrava-se dele:

“Eu acho que até fiquei boba demais. Mas eu, como é que eu vou te dizer assim, é uma coisa sem explicação que a gente sente. Eu me empolguei tanto que eu me esqueci do resto da família: esqueci casa, esqueci marido, esqueci o outro filho.”

A avó recorda-se que o momento do parto de sua neta foi difícil. Sua filha ficou no hospital das 21 horas até às 11 horas do outro dia, e a avó ficou de “*plantão*” todo esse tempo. Diz que enquanto a filha ficava no sétimo andar do hospital, eles tinham que ficar no térreo, até que avisaram que precisavam fazer uma cesárea de urgência. Mas depois disso, o procedimento ocorreu com sucesso, e Margareth surpreendeu-se com a maturidade da filha para ser mãe:

“Me surpreendeu muito, a minha filha, porque ela sempre foi assim, ela foi filha única até os 8 anos e era muito mimada, eu fazia todas as vontades deles, né, então eu imaginava que ela não ia reagir da maneira que ela reagiu como mãe, né, ela foi muito adulta assim na época e foi uma mãe, e é uma mãe assim muito perfeita.”

Margareth diz que no momento do nascimento de sua neta lembrou-se do nascimento da filha. Conta que quando anunciaram que ia ser realizada uma cesárea de urgência, regrediu no tempo, pois ela também passou por situação semelhante. Lembra que na época em que teve a filha, não havia toda a aparelhagem que se tem hoje, e que foi preciso realizar um procedimento de urgência, pois os médicos não estavam escutando o coração de sua filha. Além disso, ela não estava na posição correta para nascer, e sim “*sentada*.” Lembra, ainda, que ela tinha problemas cardíacos e havia a necessidade de fazer anestesia geral para a realização da cesárea, o que era um risco:

“Porque é um momento delicado da vida, né, um momento de risco até do ser humano, então a gente volta ao tempo sim quando acontece com os filhos da gente.”

Ela conta que na época que teve sua filha, sua mãe a atendeu durante 15 dias, assim como ela também auxiliou a filha após o nascimento de sua neta. Diz que “*praticamente me mudei para o apartamento deles*”, pois só ia para casa para dormir:

“Depois que tava tudo arrumado lá eu vinha pra cá. Pra trocar, pra dar banho, pra ajudar ela...Eu participei assim total, eu esqueci o outro lado, né, mas é um erro da gente, mas é um erro normal.”

Para Margareth, ser avó é “*muito melhor*” do que imaginava. Diz que tem um carinho pelos netas, e que os outros até apontam uma preferência dela pela primeira neta, o que ela acaba se dando conta que existe mesmo:

“Às vezes até acontece assim de eu enxergar as duas chegando e de primeiro eu olhar o jeito que ela tá vestida, se ela tá penteadinha, se ela tá calçada, se ela tá bem agasalhada, né, às vezes eu nem observo isso na outra...É um erro meu, mas não é preferência, é.”

A avó diz que se empenha muito para ser uma avó “*perfeita*”, pois quer que quando elas cresçam e tenham lembranças do que ela fez por elas, assim como ela tem

lembranças boas de sua avó. Ela acha que como avó “*voltei a ser criança.*” E explica que quando teve seus filhos trabalhava muito e não pôde acompanhá-los como acompanha os netos, coisa que sua mãe fez por eles como avó:

“Se eu tiver que sentar no chão, se eu tiver que brincar com eles, né, eles vêm pra dentro da banheira pra tomar um banho, se eu tiver que entrar junto, eu entro, né, então aquelas coisas que, às vezes, eu dizia pros meus filhos “vamos mais rápido, que eu tenho pressa, eu tenho horário!”, já pros netos não.”

Margareth diz que como já teve a experiência com os filhos, procura não errar com os netos:

“Aí eu digo pra ela: não faz o erro que eu fazia contigo, né, e automaticamente é assim que a gente faz.”

Também conta que gosta de brincar com as netas se colocando no universo infantil delas, para que elas tenham lembranças agradáveis da avó:

“E eu procuro descer ao nível deles, ir, brincar com elas, ser uma pessoa assim que entenda elas, né. Porque nós, eu, no meu caso assim, tenho lembranças só de corretivos do meu vô, não me lembro assim de coisas que eles fizeram pra agradar a gente.”

Ela revela que após o nascimento de sua neta, sua rotina mudou totalmente. Desde que a primeira neta nasceu até 6 meses atrás, Margareth cuidava delas pela manhã e pela tarde. Diz que às vezes as meninas vinham ficar na casa dela, e outros dias, para não ficar monótono para elas, a avó ia até a residência de sua filha. Depois, sua mãe ficou doente e ela teve que passar a cuidar dela, o que a impossibilitou de continuar no cuidado diário com as netas, que agora freqüentam uma creche, para desgosto dela:

“Então tudo é diferente, a gente passa a viver em torno deles, né, a gente não tem mais assim aquela vida só nós, né. Vai aumentando cada vez mais a preocupação, né, de se estender mais, não só nos filhos, agora tem mais os netos, né.”

Margareth percebe uma responsabilidade em dar conselhos na criação das netas, pois tem mais experiência. Ela acha que as mães agem mais pelo impulso e os avós agem diferente, tentam conversar com o neto ao invés de gritar, e quando há alguma teimosia, por exemplo, tentam contornar:

“Às vezes, a gente tem que parar e conversar com ela, até pelos erros que a gente comete com os filhos, pros filhos não cometerem... E vô já é diferente, já não é à base dos gritos que nem a mãe faz, né, a gente, quando mãe, a gente é na base da imposição, mas isso aí só com o tempo que a gente aprende porque ninguém tem curso de pai e mãe, né.”

A avó diz que gosta de estar com as netas, de ensiná-las, pois são muito espertas. Também gosta de testá-las e ver a reação delas, a capacidade que elas têm. Aprecia

observar o desenvolvimento das netas a cada dia, gosta de fazer brincadeiras, ensinar músicas. E o que ela não gosta é de levá-las embora. Para ela, uma boa avó tem que dar carinho para os netos, amor, tem que cuidar, passear...

Ao se tornar avó, Margareth diz não ter tido ninguém como modelo de avó, pois acha que foi sendo avó ao natural, queria ser uma avó “normal”, sem ultrapassar os seus “limites.” Apenas não queria ser uma avó como sua irmã, que tem uma forma de ser que ela descorda:

“Ela praticamente tentava até se adonar das crianças, que só a maneira dela ensinar tava certa, só a maneira dela fazer tudo pras crianças era certa e criava muito atrito com a família dela.”

Ela acrescenta que deste modo tenta ser diferente da irmã, dando liberdade para que a filha seja a responsável pela criação de suas netas:

“Quando a minha filha resolvia alguma coisa, eu acatava aquilo ali. Ela é a mãe, ela sabe, né, nunca quis ultrapassar palavra de mãe, eu me sentia avó e eu só quero os meus direitos de avó.”

Em relação à sua forma de ser avó e de ser mãe, Margareth acha que hoje tem mais tempo para ficar com as netas. Na época em que a filha era pequena, ela trabalhava muito e não brincava. Hoje com as netas brinca, senta no chão, e fica o tempo que elas quiserem. O que permanece igual é o cumprimento de horários para dormir, para descansar, pôr limites. Além disso, ela gostava muito de ler histórias para a filha e pedir que ela contasse a história do jeito dela, o que também faz com as netas.

Margareth como avó é bem diferente do que seus avós eram com ela. Ela tem muita proximidade com as netas, e recorda que uma coisa que sente falta é de nunca ter dormido na casa dos avós. Por outro lado, certa vez sua neta dormiu mais de 20 dias em sua casa porque nunca queria ir embora:

“Eu não tive essa oportunidade de dormir na casa da minha vó, de curtir, porque, quando a gente ia lá na vó, a gente não podia nem ir nos quartos, que é pra não sujar as camas, né. Então, se eu tive, se eu tenho lembrança que não fiz assim, tinha vontade de fazer, né, por que eu vou tirar esse prazer da menina, né?”

Ela acrescenta que não há nada de igual entre a forma como ela é avó hoje e como seus avós eram com ela. Ela procura fazer todas as vontades das netas, e cativá-las para serem suas amigas:

“Eles não cativavam a gente. A minha neta olha bem pra gente assim: “ah, vó, eu te amo”. Então aquilo ali vem de dentro dela, ela expõe esse sentimento dela, eu não me

lembro de ter feito isso com a minha vó. Eu acho que a gente não tinha nem abertura com eles, nem com os pais da gente.”

Para Margareth, o seu jeito de ser avó é parecido com a forma que sua mãe é avó de seus filhos, especialmente nas questões de “*obediência, de ensinar.*” Mas existe uma diferença, que sua mãe, quando cuidava de sua filha, tinha limite de horário para ficar com ela, ou seja, quando Margareth chegava do serviço, a avó entregava as crianças, não importando se elas quisessem ficar mais. Já ela, nunca faz isso com as netas:

“Se elas querem ficar mais um pouquinho, ficam ou se elas querem ficar totalmente, ficam.”

3.5.3 Experiência como Mãe

Margareth conta que o relacionamento com a filha é muito bom, que são amigas e companheiras. Entretanto nem sempre foi assim. Durante a adolescência da filha, tiveram muitos atritos. Depois disso, a filha foi trabalhar e fazer faculdade à noite, enquanto Margareth também trabalhava e as duas se viam muito pouco. Neste período, ressalta, elas “*contornavam tudo*”:

“Então era só as coisas boas, as coisas ruins não apareciam. E depois, conforme ela foi mudando assim com outras pessoas, outras amizades, né, ela, o pensamento dela foi mudando, foi quase batendo com o meu, porque a gente tinha praticamente os pensamentos opostos, né.”

Depois disso, as duas passaram a ser muito amigas, e são unidas até hoje. Lembra que a filha saiu de casa apenas quando foi casar, e foi muito difícil para Margareth. Diz que se sentiu muito sozinha, que sentiu que estava perdendo a filha:

“Eu fui desmanchar o quarto dela, eu acho que uns cinco ou seis meses depois que ela já tinha ido. Então aí vai te dando um vazio. A gente tem sim um sentimento de perda, mas depois a gente supera, a gente acostuma.”

Ela lembra que logo após a filha ter saído de casa foi mais difícil, até porque o casal quase não a visitava, “*no início tudo é novidade pra eles.*” Depois passaram a ir com mais frequência à casa de Margareth, e ela superou aquele momento de perda. Diz que o relacionamento das duas não se modificou após o nascimento da neta. Ela lembra que ele se modificou antes mesmo de ela casar, mas depois continuou o mesmo.

Na opinião de Margareth, sua filha é uma ótima mãe, muito dedicada. Conta que não importa o que aconteça, as filhas estão sempre em primeiro lugar para ela. A avó acha que sua filha está se saindo melhor do que esperava, e é muito carinhosa com as filhas.

Também brinca com elas, senta no chão, e ensina as brincadeiras que ela fazia quando era pequena:

“E eu acho importante esse movimento, porque as raízes a gente tem que botar, né, então se usa as nossas brincadeiras mais simples, não é só as coisas de hoje.”

Margareth relata que a filha não interfere na relação dela com as netas, pois tem total liberdade para agir. Muitas vezes, a filha deixa que ela decida algo, e pede opiniões também:

“Às vezes, a gente fica mesmo sem saída com certas perguntas ou com certas atitudes das crianças e ela diz, né, “não sei mais o que fazer, o que que eu faço, que que não faço”.

Em relação aos avós de suas netas, Margareth diz que existe uma grande diferença, principalmente entre ela e a avó paterna. Os avós paternos chegam a ficar 15 dias sem ver as netas nem falar com elas, enquanto os avós maternos não conseguem ficar 1 dia:

“E a outra vó não se importa, ela não se envolve assim, se eles têm ou se não têm alguma coisa, se elas tomaram banho ou não, se elas mamaram ou não, se tá doente ou não, né. Eu todo dia eu ligo, se eu não vou eu ligo.”

Ela recorda que quando não pôde mais cuidar das netas, e para não colocar na creche que estava muito cara, tentaram que a outra avó cuidasse delas, mas ela se negou. Margareth diz que isso ocorre pois as duas têm estilos de vida muito diferentes. Ela trabalhou a vida toda e passou trabalho para criar os filhos, então entende as dificuldades que a filha está passando e se prontifica a ajudar. Por outro lado, a outra avó não passou nenhuma necessidade, e por isso não nota a dificuldade que o filho e a nora passam. Além disso, na opinião da avó materna, a avó paterna não se envolve por comodidade:

“Porque se ela tiver que ficar com as crianças, ela não vai ter tempo pra ela. É chá com as amigas, é fazer a ginástica, fazer ioga, fazer isso, é outro estilo de vida. “

3.5.4 Experiência como Neta

Margareth conta que pouco conviveu com os avós paternos, já que sua avó faleceu quando ela tinha 1 ano e o avô quando ela tinha 5, além de tê-lo visto poucas vezes. Já os avós maternos, ela teve um pouco mais de convivência, embora nada parecido com o que tem hoje com suas netas.

Ela lembra que a avó não tinha nenhum “achego” com elas, que não tinha “paciência” com os netos, talvez porque ela fosse “velha.” Ela não tem boas recordações da

avó, nenhuma lembrança dela fazendo um carinho. O avô paterno também era bastante rude, e xingava os netos. Diz que ela queria que eles fossem visitá-los, mas tinha que ficar sentada, quieta. O que lembra da avó é que ela fazia um bolo muito gostoso, que chamava de “*bolo de areia*”, e que quem incomodava não ganhava:

“ Só que quem incomodava não ganhava, tinha que ficar olhando o outro comer, então isso é uma coisa que marcava muito, né. E eu jamais faria isso, por que que eu vou dar pra um e não vai dar pra outro, né.”

Ela diz que a avó reclamava muito do barulho dos netos, pois Margareth tinha quatro irmãos. Então, por isso, eles não tinham muita proximidade e convivência com os avós:

“Quando a gente ia lá, a gente tinha que ficar sentado num canto, meu vô era muito rude, grosseiro, com a gente, ele xingava, ele batia em nós, né. Já a vó não xingava, mas ela castigava. Acho assim que eles achavam que, quando a gente ia lá, a gente ia lá pra incomodar, então a gente não era bem vindo, né.”

3.5.5 Experiência como Filha

Margareth conta que tem 4 irmãos, sendo que 3 deles são mais velhos que ela. Assim, foi com o nascimento de um filho de um de seus irmãos mais velhos que seus pais se tornaram avós. Na verdade, quando seus pais se tornaram avós, sua mãe estava grávida, então ela foi mãe e avó ao mesmo tempo:

“Então eu acho que ela nem curtiu muito como avó, ela se curtiu mais como mãe.”

Ela conta que, antes de ela ter dado uma neta a seus pais, sua mãe não cuidava de nenhum dos netos, nem mesmo se houvesse uma necessidade:

“Ela nunca ficou um dia, uma hora que fosse. Eles não faziam muita questão em dar amor ao neto, talvez eles não gostassem de ser avós, se achavam jovens, porque se tu tá sendo pai e mãe, naquele momento, tu não quer ser avô.”

Margareth e sua mãe sempre tiveram um relacionamento muito próximo. Assim que ela decidiu se casar, sua mãe começou a se lamentar que iria ficar sozinha, que ia perder a companhia, pois em casa só restava ela e o irmão mais novo. Então sua mãe “*fez de tudo*” para que ela morasse perto dos pais e deu todo o dinheiro que estava na poupança para que o pai de Margareth construísse uma casa nos fundos para que a filha viesse morar com o marido.

Quando ela engravidou, pensou que teria de parar de trabalhar, pois não tinha condições de pagar uma creche nem de pagar para alguém cuidar, e sua mãe nunca havia cuidado de neto algum. Para seu espanto, sua mãe se ofereceu e cuidou da neta desde que ela tinha 3 meses até os 7 anos, quando ela foi para o colégio em tempo integral, e depois cuidou do outro filho de Margareth:

“E ela foi uma vó boa assim, dentro do que ela pôde oferecer, né. Tanto que hoje ela fala assim: ah, meus netos; a gente pergunta: qual netos?; ela diz: os meus netos, que ela considera os netos os dois. E isso dá muito ciúme nos outros.”

Ela conta que sua mãe sempre foi muito atenciosa para seus filhos, mas sempre a corrigia, pois achava que ela era uma mãe “carrasca”, que ela não tinha paciência com os filhos:

“Eu sempre me achei uma mãe boa, mas ela sempre achou que eu era uma mãe muito rigorosa, muito carrasca.”

Margareth lembra que sua mãe sempre brincava com seus filhos, e que tinham seus segredos. Conta que sua mãe e sua filha brincavam com as almofadas e faziam “tipo ocas”, e sua mãe deitava embaixo e dormia, enquanto a filha brincava que a avó era seu inimigo. Além disso, elas brincavam de muitas outras coisas:

“Ensinava algumas coisas, né, brincadeiras e musiquinhas, historinhas ela sempre foi bem atenciosa nesse lado assim.”

Ela conta que o relacionamento com a mãe sempre foi bom porque ela sempre foi muito calma e sempre procurou entender sua mãe, que é muito “problemática.” Ela acha que a mãe é uma pessoa muito “rancorosa”, e que nunca foi compreendida pelos outros filhos, enquanto que com ela sempre foi entendida. Para ela, o relacionamento com a mãe melhorou após ela ter tido uma filha. Ela acha que isso as aproximou porque sua mãe tinha um compromisso de cuidar da neta e isso as tornou mais próximas, mas no restante o relacionamento continuou igual.

3.6 Caso Isabel

3.6.1 Dados de Identificação

Idade: 58 anos

Estado Civil: casada

Profissão: professora aposentada

Nível escolar: Ensino Médio

Número de filhos e netos: 2 filhas e 2 netos (1 neta e 1 neto)

Com quem vive? Com o esposo, a filha, o genro e o neto

3.6.2 Experiência de ser Avó

Isabel ficou muito feliz quando soube que ia ser avó, diz que foi muito bom e já estava esperando há algum tempo. Já se imaginava como avó, mas não gostava de ser chamada de “vó” pelos outros antes de ter tido um neto, o que mudou após o nascimento de sua primeira neta, pois hoje gosta de ser chamada assim. A gestação de sua filha foi um pouco difícil, ela tinha que cuidar bastante, mas era uma alegria para todos:

“Mas era felicidade cada vez que ela vinha e que ela tava gordinha, né, pra nós foi, pra mim principalmente, foi muito bom.”

No momento do parto de sua filha, a avó não estava junto, pois como seu esposo tem problema nos rins e há alguns anos ficou cego, exige muitos cuidados, o que demanda uma atenção especial de Isabel. Diz que foi visitar a filha e a neta assim que pôde, mas não foi possível ficar no hospital ou até mesmo na casa da filha para ajudar a cuidar, em função do estado de saúde de seu marido, o que a deixou triste:

“E eu tenho assim uma, um complexo de culpa, uma dor de eu não ter podido ficar lá.”

Isabel diz que “a vó é mãe pela segunda vez”, e que o momento do nascimento de sua neta fez com que se lembrasse do nascimento de sua filha. Diz que lembrou que a filha nasceu no inverno, e do banho que sua própria mãe deu em sua filha, em que ela ficou “roxinha de frio.” Também recordou que na época em que foi mãe pela primeira vez, eram muito pobres e que a neta já nasceu “no conforto”:

“Mas a gente sempre lembra, né, faz a comparação e elas são bem parecidas uma com a outra, muito parecida.”

A avó recorda-se que a época do nascimento de sua filha foi difícil, pois ela trabalhava o dia inteiro, e sua mãe cuidava da neta. Também lembra que o marido estava desempregado e ela teve que ficar uns tempos com sua mãe e sua filha em outra cidade e o marido veio para Porto Alegre procurar trabalho, e só depois elas vieram também. Mas diz que apesar das dificuldade foi bom ter tido uma filha:

“Foi bom, foi, se eu não tivesse tido, aí eu não tinha ninguém hoje, né. Então a gente sempre precisa de alguém.”

Em relação aos cuidados da neta, diz que além de não estar presente no momento de seu nascimento, também não pôde ajudar nos cuidados, pois sempre teve o compromisso de cuidar do marido. Acha que não teve a participação *“como deveria ter”*, e ainda hoje não vê a neta com muita frequência, o que também é dificultado por morarem em cidades diferentes:

“Mas a gente sempre tá, a gente se comunica por telefone.”

Ela lembra que antes de ser avó sempre imaginava que queria ser uma avó diferente de sua avó materna, pois achava que ela era *“muito chata, estressante.”* Acha que está se saindo bem no papel de avó, como ela realmente imaginava. Diz que sempre foi muito reservada, até mesmo pela criação mais rígida que teve, mas com os netos é bem diferente, pois canta, dança, corre com eles, e relata que está gostando. Ela também conta que deixa para os pais colocarem limites nos netos:

“Eu não vou bater, não vou judiar, fica pros pais, agora, os avós estragam, vocês que criem.”

Isabel relata que a única coisa que mudou em sua rotina após o nascimento de sua neta foi que permitiu ser chamada de avó. Diz que antes *“detestava”*, mas que hoje se sente muito bem. Mesmo não estando muito presente nos cuidados da neta, Isabel diz que se sente responsável pela sua criação, e frequentemente dá conselhos por telefone para a filha:

“Apesar dela ter bastante consciência, mas sempre é bom ter a mãe, né, assim, porque eu já hoje, quando eu tive as minhas, eu não tinha mais a minha mãe pra perguntar.”

A avó diz que gosta muito de conversar com a neta, e também quando a neta dança. Por outro lado, não gosta quando ela começa a teimar, pois como não quer ser rude com ela, acaba ficando triste por ter que falar um pouco mais alto com a neta. Isabel relata que tem o maior prazer em cuidar da neta, fazer comida para ela, arrumar sua roupa, embora já não tenha o mesmo pique para lidar com crianças, mas diz que é *“gostoso”*, que adora os netos. Acha muito importante ser avó e recomenda que todos sejam avós e *“curta”* muito seus netos. Ressalta que seu outro neto fica olhando para ela e que a filha diz que ele vai ser o *“defensor”* da avó.

Isabel diz que uma avó tem que estar sempre *“bem ajeitada”*, com o cabelo cortado, pintada, o que segundo ela não é o caso dela no momento da entrevista. Isto deve ocorrer

para que os netos não fiquem envergonhados da avó, principalmente nos dias de hoje. Antes de ser avó lembra que não queria ser uma avó “barriguda”, e pensava que deveria se cuidar. Acha feio quando as mulheres relaxam com a aparência, e diz que se cuida para não engordar. Queria ser como sua avó paterna, pois ela era muito boa para os netos, era pobre e costurava para fora para dar as coisas para eles. Em relação a ser uma boa avó, tem uma idéia:

“Eu acho que pra ser uma boa avó não tem que deixar eles fazerem tudo o que eles querem, né, tem que ter um certo limite, né, até pra ajudar os pais. (risos)”

Em relação à sua forma de ser mãe, comparada ao seu papel de avó, Isabel diz que faz muitas coisas com os netos que não fazia com as filhas, quando estas eram pequenas. Diz que não brincava com as filhas porque não tinha tempo, pois trabalhava e hoje brinca com os netos. Para ela, o que permanece igual é o carinho que tem com eles e com elas:

“Eu tenho mais por eles do que por elas assim até.”

Ao comparar seu modo de ser avó com a forma que seus avós eram, Isabel diz que é diferente, pois é outra época, e antigamente a relação com os netos era outra. Conta que, por exemplo, não lembra dos avós fazendo carinho nela. Em relação à avó materna, que era mais distante da neta, ela lembra-se apenas de que oferecia biscoitos. Também relata que quer se aprimorar como avó:

“E eu sempre vou procurar melhorar, me espelhar em alguém pra melhor, não ficar estacionada, porque nós temos que evoluir, ainda mais com esses jovens.”

Quanto à sua forma de ser avó e o modo como seus pais foram avós, Isabel acha que o que faz com o neto que seus pais não faziam com sua filha é cantar, sentar no chão. Diz que a mãe já estava doente quando teve sua primeira neta, da qual ajudou a cuidar, o que dificultava que ela brincasse com a neta. Mas existem coisas que permanecem iguais:

“Eu acho que o carinho, o respeito por essas pessoas tão importantes.”

3.6.3 Experiência como Mãe

Isabel relata que tem um bom relacionamento com a filha, diz que ela é “bem calma.” Lembra que quando a filha saiu de casa para se casar “foi horrível”, e recorda que os momentos mais difíceis eram à tardinha quando normalmente a filha chegava do trabalho:

“Eu ficava naquela angústia...acostumada, né, a fazer a comida e ficar esperando. Deu aquele vazão assim dentro da gente.”

Para ela, seu relacionamento com a filha após o nascimento de sua neta melhorou, e elas tiveram uma aproximação:

“Ela ficou mais madura, né, porque depois que a gente se torna mãe, a gente amadurece bastante. Até valoriza mais a mãe depois.”

Isabel acha que sua filha cuida muito bem de sua neta *“ela é demais.”* Acha que ela deveria ser mais enérgica, e usar uma *“varinha verde”* para dar na neta de vez em quando, pois ela tem uma personalidade forte, e enfrenta a mãe dela. A avó diz que nunca pensou como a filha lhe vê como avó, mas acha que sua filha tem ciúme dela como avó do outro neto, embora não faça distinção nenhuma entre os dois.

Na opinião de Isabel, sua filha não interfere no seu relacionamento com a neta, até mesmo porque ela não intervém na criação, acha que os pais devem criar seus filhos:

“Porque até sou uma avó abobada... a avó não vai educar, eu principalmente não vou educar neto, não sou eu que vou educar eles.”

Ela acha que há algumas diferenças entre os avós maternos e paternos de sua neta. O avô paterno é separado de sua esposa e quase nunca vê a neta, enquanto a avó paterna tem muitos netos, e para Isabel *“é diferente”*:

“De repente, ela até tenha uns carinhos por ela, mas....”

3.6.4 Experiência como Neta

Isabel lembra de seus avós, e conviveu principalmente com os avós maternos quando era pequena, e com os avós paternos quando já era adolescente. Com 7 anos de idade foi morar com os avós paternos. Diz que a avó paterna era *“severa”*, mas uma *“pessoa boa”*, que a ajudou bastante e de quem ela tem saudade até hoje. O avô paterno era brincalhão, e recorda que era muito divertido morar com ele. Gostava também de chegar da escola, e ter *“aquela mesa cheia de coisa boa.”*

Já em relação aos avós maternos, Isabel tem outras lembranças, de quando tinha 13, 14 anos de idade e ficou um tempo com eles. Diz que a avó era *“mandona”*, e tinha uma casa enorme, a qual ela é que fazia todo o serviço. Lembra que quando terminava uma coisa a avó já mandava limpar outro lugar, e sempre pensava que quando tivesse netos não iria querer que eles morassem com ela para que não fizesse com os netos o que a avó fez com ela. Quanto ao avô materno, a recordação que ela tem é que ele *“não falava muito, não dizia quase nada.”*

3.6.5 Experiência como Filha

Ao falar de sua relação com os pais, que já são falecidos, Isabel lembra que estava tudo bem entre eles quando ganhou sua primeira filha. Conta que eles estavam naquela expectativa para serem avós, *“estavam ansiosos.”* Após o nascimento da filha, ela acha que o relacionamento com os pais mudou:

“Assim mais até porque sente mais até uma obrigação, né, até porque, cuidando da gente, cuidando da filha, eu acho isso.”

Isabel lembra que seus pais ficaram muito felizes com a notícia que iriam ser avós. Sua primeira filha também foi a primeira neta de seus pais, que foi recebida com muita alegria pelos avós:

“A minha mãe era apaixonada por ela, ela era tão apaixonada pela neta que, quando a gente chegava de carro, ela não esperava abrir a porta, ela tirava pelo vidro, tanta a ansiedade.”

Ela recorda que quando sua filha nasceu, seu pai foi o primeiro a chegar no hospital, e sua mãe veio alguns dias depois. Sua mãe ajudou muito nos primeiros cuidados, deu o primeiro banho, enfim, participou ativamente com a neta até ela completar 1 ano. Depois disso, Isabel e a família mudaram-se para outra cidade, e logo após sua mãe faleceu, e depois seu pai também. Lembra-se que desde que a neta nasceu seus pais *“não pararam de fazer festa...muita paixão por aquela neta...”*

Conta que seus pais brincavam bastante com sua filha. As brincadeiras eram diferentes, pois eles moravam no interior, pegavam no colo, saíam para mostrar os bichos, seguravam atrás do fogão a lenha,... Também recorda que sua mãe escondia as balas para que os outros irmãos não achassem, e para que quando a neta chegasse, tivesse para presentear-la.

3.7 Caso Solange

3.7.1 Dados de Identificação

Idade: 54 anos

Estado Civil: solteira

Profissão: telefonista aposentada

Nível escolar: Ensino Médio Incompleto

Número de filhos e netos: 1 filha, 1 neto

Com quem vive? Com uma amiga

3.7.2 Experiência de ser Avó

Solange é uma avó muito participativa na vida de seu neto e de sua filha. Lembra-se que ao receber a notícia de que ia ser avó teve *“uma grande decepção.”* Ela diz que não esperava que a filha fosse engravidar, pois havia conversado com a filha sobre sexualidade e contracepção, e também a levou ao médico para uma primeira consulta ginecológica. Para ela, não era o momento da filha ter engravidado, mas depois que o tempo passou, aceitou, e passou a *“curtir”* o bebê.

Durante a gestação de sua filha, a acompanhou em todos os momentos. Diz que participou de todo o pré-natal com a filha, pois as duas têm uma *“ligação muito forte.”* O parto de seu neto foi bom, pois, segundo a avó, ele nasceu muito rápido. Solange comenta que o nascimento de seu neto fez com que ela se lembrasse do nascimento da filha. Conta que lembrou-se da filha criança, pois a melhor coisa é ver o bebê, e o tempo de infância dos filhos passa tão rápido:

“Ah, eu me lembrei... Parece que passa um filme na cabeça da gente, né. Que a gente já passou por aquilo.”

Ao lembrar-se de sua filha quando era criança, Solange também recordou que como trabalhava tinha pouco tempo para estar com a filha, mas sempre tinha um momento com ela, mesmo que não tivesse tempo para dormir o suficiente, pois as horas que passava com a filha eram muito importantes. Conta que na época começou a trabalhar pouco tempo após ter tido sua filha, e que ela acabou *“mal cuidada.”* Então ela levou a filha para que sua mãe, que morava em outra cidade, cuidasse, e ia visitá-la todos os fins-de-semana, até ela completar 3 anos.

Quanto aos primeiros cuidados do neto, Solange diz que, apesar de sua filha ser uma mãe muito *“despachada”*, ajudou a cuidar dele desde o início. O primeiro banho do neto foi a avó quem deu, mas logo a mãe passou a banhá-lo também. Conta que o neto teve cólica durante 3 meses, e que ela e a filha se revezavam no cuidado dele. Ela acha que se doa demais, e muitas vezes se acha *“burra”*:

“Aliás eu sempre fui de fazer, eu sou muito de abraçar as causas todas, que eu sou uma burra. Tem coisas que eu nem deveria, mas eu sou muito de abraçar assim, faço, não quero saber porque que eu tô fazendo. Aí se deixar eu tomo conta, eu sei. Eu tenho até meio que me policiar, às vezes, um pouco em relação a ele, mas é assim que eu sou.”

Para Solange, ao ser avó “*tu é mãe pela segunda vez*”, pois no caso dela, cuida do neto desde que ele nasceu. No início filha, genro e neto moravam com ela e depois se mudaram, mas a avó cuida do neto pela manhã e pela tarde, enquanto os pais trabalham. Diz que o neto está “*sempre em contato*” com ela, até mesmo nos fins-de-semana em que, se não se vêem, se telefonam e conversam. Conta que quando eles deixaram de morar com ela, o neto até adoeceu, ela acha que foi porque ele sentia falta dela, e sente até hoje, pois insiste que a avó vá morar com eles.

Solange diz que atualmente se descreve como uma avó que está “*impaciente*”, que é uma coisa da personalidade e que procura não prejudicar o neto com o seu jeito de ser. Acha que o neto está ficando “*rebelde*”, e que é difícil ensinar as coisa para ele durante o dia e à noite os pais fazem diferente. Acha que o neto deve ir pelo menos um dos turnos para a escola, para conviver com crianças e também para que ela tenha um tempo para ela, pois assim sente-se “*presa*.” Conta que deixou de fumar há pouco tempo e está mais ansiosa, e não quer descontar sua ansiedade no neto, embora o neto preencha seu tempo:

“Eu não quero que ele fique se estressando, esclerosado junto comigo. Mas ele enche o meu dia. As minhas horas voam. Se eu tivesse parado de fumar e não tivesse esse guri, eu já tinha pirado, porque o tempo com ele voa, porque ele é um grilo falante.”

A avó lembra que o nascimento de seu neto mudou toda a sua rotina. Mesmo já estando aposentada quando o neto nasceu, ela continuava a trabalhar meio turno, pois diz que não nasceu para ficar parada, que esse é seu temperamento. Então deixou seu trabalho para dedicar-se aos cuidados com o neto. Diz que é uma “*mãezona*” e que faz qualquer coisa pela filha:

“Eu, pela minha filha, eu pingo sangue...Eu, se eu pudesse, eu sofria até as dores da minha filha. Eu ajudo no que eu posso e no que eu não posso. Às vezes eu sou até meia boba em relação a isso, eu acho, mas eu sou assim.”

Solange acha que tem uma responsabilidade sobre a criação do neto, pois ele está com ela boa parte do dia. Então procura ensiná-lo enquanto está com ele, embora com os pais a criação é um pouco diferente. Ela conta que coloca limites nele, que ele sabe que se fizer algo errado vai ficar de castigo e mesmo quando ele teima ela não cede aos apelos e

ele acaba aprendendo. Mas para ela, a teimosa é algo típico da idade do neto, uma fase que vai passar.

O que ela mais gosta de fazer com o neto é *“conversar com ele.”* Diz que ele conversa o dia inteiro e que com ele *“o tempo voa”*, e que não há nada que ela não goste de fazer com ele:

“Ele sempre tem uma coisa pra me contar...Eu acho uma gracinha. Eu queria gravar tudo o que ele diz, porque é uma coisa de louco esse guri, como é que sabe tão direitinho as coisas.”

Conta que o neto é muito seu amigo, e que às vezes ele fala que não quer que o pai chegue do trabalho porque sabe que é hora da avó ir embora, e que o pai só olha televisão e não brinca com ele, enquanto a avó brinca:

“Nós brincamos demais nós dois. Ele adora, eu sou a cuca. Então eu sou várias personagens, até no telefone quando nós falamos, eu sou... Cada dia eu sou uma coisa.”

A avó conta que o neto gosta de ouvir música, mas não gosta de olhar televisão. O único programa que ele aprecia é a novela do horário nobre da Rede Globo, que assiste acompanhado dos pais. A avó, quando está com ele, coloca música para ele escutar ou se liga a televisão procura escolher algum programa educativo:

“Como é que a novela chama mais atenção dele do que um programa do Ra-Tim-Bum que às vezes ele olha de tarde.”

Solange descreve uma boa avó:

“Tem que ter um pouco de amor, um pouco de sabedoria e respeito, né. Tu tem que respeitar pra ser respeitada também. Então eu acho que esse é o princípio da coisa.”

A avó relata que, ao se tornar avó não teve nenhum modelo a seguir. Diz que já cuidou de muitas crianças e que o ser avó veio com a experiência, mas ressalta que com o próprio neto é diferente:

“Tudo é diferente. O teu neto é o teu neto.”

Ao comparar o seu papel de avó e de mãe, diz que fazia as mesmas coisas com a filha quando era pequena, e que faz hoje com o neto, pois suas características permanecem iguais. O que mudou é que hoje tem mais tempo para ficar com ele. No geral, tudo continua da mesma forma.

Em relação ao modo como é avó hoje, Solange diz que seus avós eram iguais, e que *“não tinha o que eles não fizessem.”* Lembra que os avós eram maravilhosos com ela e com os outros netos:

“Eu nunca via a minha vó maltratar um neto sequer. Nós tava sempre tudo junto.”

Solange conta que não se recorda muito de sua mãe como avó, pois sua filha morou com a avó até os 3 anos e quando ela ia visitá-la ficava mais envolvida com a filha e não prestava atenção em como a mãe era como avó. Entretanto acha que sua mãe era uma avó como hoje ela é:

“Mas a mãe, acho que fazia também. A mãe era uma pessoa muito boa. Ela era. Ela tinha momentos de crise lá, mas no geral ela era muito boa.”

3.7.3 Experiência como Mãe

Solange tem uma relação muito próxima de sua filha. Conta que foi mãe solteira, que não se casou por opção, e que a filha nunca apresentou nenhum problema por isto. Diz que fez essa opção por ser filha de um casal separado. Quando era pequena tinha uma vida muito boa, diz que era criada como uma “rainha”, até que seus pais se separaram e elas passaram a viver na miséria e a mãe se tornou uma alcoólatra. Então, ela teve que começar a trabalhar desde cedo, e mudar pois era muito tímida. E planejou ter sua filha sem se casar:

“Eu fiz uma opção. Eu sei, todo mundo sempre ria de mim que eu dizia assim: “Olha, quando eu tiver 30 anos, eu vou ter uma filha, depois eu vou escrever um livro”. Eu não escrevi o livro, mas eu tive a filha...Eu dizia “nunca vou me casar na minha vida, porque se eu tiver que me casar pra viver o que a minha mãe passou”...Então, acho que essa maneira, essa ligação que eu te falo, esse amor, é tudo em função do que eu vivi.”

Conta que ela e a filha conversam de todos os assuntos e que recentemente a filha decidiu se separar e ela a aconselhou a pensar melhor no assunto, até mesmo em função do filho, e o casal permaneceu junto. Solange não tem uma boa relação com o genro, e ele ficava muito incomodado com a proximidade que ela tinha de seu neto. Mas quando filha, genro e neto saíram da casa de Solange, compraram um apartamento com 3 quartos para que ela viesse morar com eles, o que ela não aceitou até hoje:

“Olha, se eu já não me acertava com ele lá na minha casa, tu imagina na casa dele. Porque aqui é a casa dele, lá era a minha, era diferente. E eu acho que um casal tem que ter sua privacidade.”

Ela diz que a filha só deixou de morar com ela quando o neto já era um pouco maior, e que para ela foi muito bom, pois já não “agüentava mais ele lá”(genro). Também achava que a filha deveria viver a vida dela ao lado do marido e do filho:

“Eu posso ter um amor muito grande pela minha filha, mas isso não quer dizer que eu não vou querer que ela vá ter a vida dela, viver como eu acho que tem que ser.”

Solange acha que a filha é mais dependente dela, do que ela da filha. Para Solange o relacionamento com a filha é muito bom e não se modificou após sua filha ter sido mãe. Ela conta que a filha é uma boa mãe, e que sempre a aconselha a dar prioridade para o seu filho. Diz que ela não interfere em sua relação com o neto e pensa que a filha a considera uma boa avó:

“Eu acredito que sim, apesar das manias que eu tenho. Eu acho, de repente, que eu sou uma boa avó porque ela só quer deixar esse guri comigo, né.”

Em relação aos avós paternos de seu neto, Solange acha que ela é diferente. Ela está com ele todos os dias, e quando chega em casa telefona para saber se está tudo bem. Já os avós paternos passam vários dias sem vê-lo e sem ligar para saber como ele está. Mas a avó comenta que os avós gostam muito dele porque ele também é o primeiro neto deles e ressalta que ele adora o avô paterno. Também comenta que é muito bom quando o neto visita os avós paternos, pois na casa deles há um cachorro, que ele adora, e um pátio grande para ele brincar.

3.7.4 Experiência como Neta

Solange recorda-se pouco de sua avó materna, pois lembra-se dela já doente e logo faleceu. No entanto, conviveu bastante com os avós paternos, pois morava em uma casa no mesmo pátio que eles. Diz que os avós eram “maravilhosos”:

“Porque nós morávamos tudo num terreno muito grande, cada filho tinha uma casa. Era, assim, uma coisa imensa, né, todos que moravam ali.”

Recorda-se dos avós paternos fazendo 50 anos de casados, e diz que eles morreram com mais ou menos 90 anos. Também lembra que a avó gostava que mexesse na cabeça dela, que era bem “branquinha”:

“Nós, sentada no sol, e ela: “Tira um piolhinho que eu te dou uma rapadurinha”. Aí eu ficava mexendo na cabeça dela. Ela dava uns dinheiro...que ela me guardava.”

Solange diz que a avó e o avô eram muito bons para ela. Imagina que os avós sempre ajudaram a cuidar dela, e os outros netos tinham ciúme dela e do irmão, pois eram tidos como os preferidos:

“Sempre ali com a minha vó, sempre ali. Acho que a minha vó devia ser maravilhosa, porque os netos que ela tinha ali era, era nós...Ela tinha uma preferência...talvez porque a gente fosse mais chegado a ela, mais carinhoso.”

3.7.5 Experiência como Filha

Solange conta que após a separação de seus pais, quando tinha 6 ou 7 anos, não teve mais contato com o pai. Como a mãe tornou-se alcoólatra após esse episódio, a relação entre elas ficou conturbada. Mas ela recorda-se que sua mãe era uma pessoa *“muito boa, muito meiga”*:

“A mãe não tinha quem não gostasse, desde o cachorro, todo mundo gostava muito da mãe, né. Até hoje o pessoal, quando eu vou até lá, as pessoas me falam assim.”

Lembra-se que quando contou que estava grávida para sua mãe, ela não gostou, até mesmo porque ia ser mãe solteira, mas após a neta nascer tudo melhorou, e então ela aceitou, assim como a história de Solange que não queria que a filha engravidasse:

“Não queria, ficou com vergonha, mas depois que a minha filha nasceu foi assim, óh. A história se repete, a história se repete.”

Ao se tornar mãe Solange pôde contar com a ajuda de sua mãe. Ela veio de sua cidade acompanhar os primeiros cuidados da neta, sendo que Solange só voltou a trabalhar quando sua filha tinha 3 meses, e sua mãe ficou algum tempo mais. Depois disso, sua filha foi malcuidada e perdeu peso, então ela decidiu levar a filha para que sua mãe cuidasse, e ela a visitava nos fins-de-semana, o que durou até os 3 anos da filha:

“Ia sexta feira e já me mandava na segunda. Aí eu ficava. Volta e meia, a mãe vinha também um tempo com ela pra cá, ficava um pouco comigo.”

Solange diz que o relacionamento com a mãe foi difícil porque ela viu a mãe bebendo desde que era criança e durante toda a sua adolescência, quando mais precisou da mãe e não pôde contar com ela:

“Vou te dizer uma coisa, Deus que perdoe, eu peço perdão todo dia, viu? Porque uma fase da minha vida que eu precisava muito ter uma mãe assim, a mãe bebia. Era o contrário. Eu sempre digo que eu vim no mundo pra ser mãe da minha mãe.”

Ela acha que com o nascimento de sua filha, o relacionamento com a mãe mudou:

“Eu não sei te explicar qual é o sentimento que eu tinha, se era de raiva... Eu não sei te dizer, de vergonha... porque é um misto de coisas...Não que eu não tivesse amor, mas é como se faltasse alguma coisa...Um elo pra aquele relacionamento.”

Então, sua mãe se dispôs a cuidar de sua filha e elas passaram a conviver com mais frequência. Anos mais tarde, quando sua mãe adoeceu, foi Solange que cuidou dela. Conta que ela *“se esclerosou”* e então veio morar com a filha. Foi outra fase difícil, em que sua mãe não reconhecia mais ninguém, apenas ela, e passou a ter atitudes infantis, como *“fazer cocô, botar a mão dentro do vaso”*:

“Literalmente ela não conhecia mais os filhos. Só eu que ela sabia quem eu era, eu era a mãe dela e a minha filha era a filha dela.”

Ainda houve um momento mais difícil, que foi quando sua mãe faleceu, em que não teve ninguém para ajudá-la a cuidar dos detalhes do funeral, e teve que arrumar a mãe no caixão e carregá-lo:

“Até pra essa criatura morrer, eu tive que comer o pão que o diabo amassou. Porque tu não vai acreditar que eu cheguei lá no necrotério e não tinha ninguém pra me ajudar a colocar ela no caixão. Só eu e o homem da funerária. Eu não sei nem como é que eu tive força. Botei. Tinha uma escadaria pra descer, assim óh. Tive que descer eu e o homem com ela... na escadaria com o caixão da mãe. Pesando uma tonelada, porque o corpo morto pesa.”

E até hoje Solange traz consigo essas lembranças de sofrimento:

“Que eu tenho, apesar de tudo isso, eu tenho, sabe... Até hoje, até hoje, até hoje eu tenho isso. Depois que ela morreu, ficou pior ainda, ficou muito pior.”

3.8 Caso Antônia

3.8.1 Dados de Identificação

Idade: 50 anos

Estado Civil: casada

Profissão: do lar

Nível escolar: Ensino Fundamental

Número de filhos e netos: 2 filhas e 1 neto (a mesma filha, primogênita, está grávida novamente)

Com quem vive? Com o esposo

3.8.2 Experiência de ser Avó

Antônia é uma avó muito próxima de seu neto. Apesar de sua filha, genro e neto morarem em Porto Alegre e ela no litoral, sempre que possível ela está perto dele, e tem uma relação de carinho com ele. Muito antes de seu neto nascer, ela já esperava ansiosamente ser avó, pois a filha já estava casada há algum tempo e a vontade de que sua filha tivesse um filho era muito grande:

“Foi uma alegria porque a gente tava esperando... a gente nem tem explicação, que era o primeiro neto, da primeira filha. Então a gente ficou bem contente, claro, uma quantidade que não acaba.”

Durante o período em que sua filha esteve grávida, Antônia a acompanhou em quase todos os momentos. Conta que a filha ficava com ela no litoral, ou então ela ia para Porto Alegre para ficar com a filha, porque ela tinha pressão baixa. Também se acompanhou os momentos do desenvolvimento do bebê, bem como as compras para o neto. A filha sempre pôde contar com ela:

“...qualquer coisa ela me chama, sempre ela me chama, e eu saio correndo.”

O momento do parto de seu neto foi muito especial para ela. Ao saber que a filha já estava no hospital, Antônia e o esposo tomaram o primeiro ônibus para Porto Alegre, e o neto nasceu enquanto eles ainda estavam a caminho. Ela conta que ficou muito preocupada com o sofrimento que a filha iria passar:

“Fiquei preocupada por causa do sofrimento porque ela queria parto normal e nada de anestesia...A gente é mãe, a gente sabe, que passou... E ela não sabia o que ela ia passar ainda.”

Para a avó, ter neto é melhor do que ter filho:

“A emoção é melhor porque a gente é mais velha, a gente tá mais consciente, sei lá, mais preocupada também, quando a gente é mãe a gente é tão nova.”

O nascimento do seu neto fez com que ela se lembrasse do nascimento da filha e das similaridades entre os dois momentos. Ela diz que assim como ela foi sua primeira filha, ele era seu primeiro neto, e ambos nasceram quase no mesmo horário. Além disso, os dois eram bem cabeludos ao nascer, *“e quando eu vi aquela cabeleira bem pretinha, parecia ela quando tinha nascido.”*

Antônia conta que participou dos primeiros cuidados do neto, ajudando no que era preciso, mas sem se intrometer, que era como sua mãe e sua sogra a ajudavam quando teve suas filhas:

“É, já foi diferente das minhas, né, que a minha sogra e a minha mãe se metiam mais que eu me meti, mas como eu não quero ser uma vó pra trás, eu fui uma vó pra frente, não me meti.”

Diz que a época é outra e que os costumes de se criar uma criança também mudaram, como por exemplo o consumo de chás, que antigamente era muito utilizado para os bebês, hoje já não é mais aceito nem mesmo pelos médicos.

Para Antônia ser avó é algo muito especial:

“É tudo que eu imaginava, é mais que filho...é super interessante, é muito legal, a gente gosta mais, a gente já tá pra isso mesmo, né, depois de uma certa idade.”

Conta que o neto é muito “*grudado*” nela, e refere não saber o porquê, pois como ela diz, não é de dar presentes, nem mesmo nos aniversários, “*eu não comprei ele, só com carinho.*” A avó refere que ele liga pra ela dizendo que está com saudade e ela sofre, diz que não queria que ele fosse tão “*agarrado*”; “*que eu não me importo de eu sofrer, eu não quero que ele fique sofrendo longe, né.*”

A rotina de Antônia não mudou muito após ter se tornado avó, apenas quando ela tem de ir para Porto Alegre “*obrigada.*” Nos momentos em que ela está presente, o neto quer que ela faça tudo que se refere a ele:

“Tudo é eu que faço, eu que dou banho, ele que dorme comigo, tudo é comigo, tudo, pra dar mamá, pra trocar roupa, pra ele limpar o bumbum, tudo comigo. Esquece de mãe, esquece de pai, todo mundo. É eu, é eu pra tudo.”

Também comenta que ajuda dando conselhos sobre a criação dele e na prática dizendo o que é certo e o que é errado para o neto, embora nem sempre consiga se impor:

“Se é não, é não, né. Se não é pra mexer no abajur da vó, não mexe, né. Mas ele... mas ele faz o que quer de mim. Ai, ai.”

A avó adora estar com o neto, não importa o que estejam fazendo, “*só o fato de estar comigo é uma grande coisa.*” Ela conta que não gosta quando ele está doente e tem que fazer injeção ou tomar algum remédio:

“Se ele tá doentinho, me corta, me dói por dentro, parece que é em mim que tá sangrando. Se ele adocece, bah, eu fico doente também, sabe? Se ele tosse ...já é o fim do mundo pra mim.”

Antônia diz que uma boa avó não pode ser como ela, pois diz que não sabe dizer não, faz todas as vontades do neto, enquanto uma boa avó tem que ser enérgica, “*eu amo muito, e eu tenho pena de dizer não pra ele.*” Ela diz não ter tido um modelo de avó a seguir ao se tornar avó, pois suas avós e sua mãe eram mais severas com os neto:

“As avós de antigamente eram mais duronas, né, ... E a minha mãe também era muito durona com a gente, com a minha filha, muito enérgica, né. Então eu não fui, eu queria ser diferente, eu fui diferente.”

Ao confrontar o seu papel de avó com o seu papel de mãe, acha que faz coisas com o neto que não fazia com as filhas quando eram pequenas, “*brincar e rolar no chão com ele.*” Diz que não brincava com elas pela falta de tempo e porque tinha muitas responsabilidades, “*eu tinha que arrumar tudo, arrumar casa, esperar marido, e aí tinha que tá as coisas prontas.*” Lembra que naquele tempo sua sogra brincava com suas filhas, como hoje ela faz com o

neto. Também acha que o que permanece igual na sua forma de lidar com as filhas e com o neto é em *“fazer as vontades, eu quase não dizia “não” pra elas também.”*

Antônia relata que sua forma de ser avó é bem diferente de seus próprios avós, *“eu faço tudo o que eles não faziam.”* Ela acha que é assim *“pra compensar.”* Ela não é enérgica como seus avós eram, e age exatamente ao contrário, sendo afetiva com o neto, brincando com ele, e não nega nada a ele.

Em relação a seu modo de ser avó e a forma como seus pais foram avós de suas filhas, Antônia acha que é diferente em tudo:

“Meu pai não era assim...a mãe também não era de ficar agarrando, com as minhas filhas a mãe não era muito carinhosa...eles eram silêncio.”

Entretanto, são iguais quando algum dos netos está doente, ajudando a cuidar, *“se eu precisasse eu podia correr e contar com eles pra isso, e pode contar comigo também.”*

3.8.3 Experiência como Mãe

Antônia diz que sempre teve uma relação muito boa com a filha, *“é mãe, é amiga, é filha, é vó, é mãe, é pai, é tudo, a gente é tudo, a gente é muito amiga.”* Ela relata que mesmo quando a filha saiu de casa para se casar as duas continuaram muito unidas, a filha passou a morar em um apartamento nas proximidades e continuava a visitá-la freqüentemente. Para ela, o casamento da filha foi algo bom para a filha:

“Saiu pra um novo rumo, e foi estudar...E eu fiquei feliz por ela, e ela tava feliz, felicidade de filha é o que a gente quer.”

A avó pensa que a relação com sua filha, que já era boa, não se modificou após o nascimento de seu neto, pois para ela tudo continuou da mesma forma. Conta que a filha cuida muito bem de seu neto, que ela *“é muito pelo normal, é bem pelo certo.”* Diz que acha que a filha a vê como uma avó normal, e que não interfere em sua relação com o seu neto.

Antônia acha que há uma completa diferença no envolvimento dos avós maternos e paternos de seu neto. Ela conta que a outra avó é mais enérgica, e é mais de educar, de ensinar. Na forma de gostar do neto não existe esta diferença, apenas na forma de se relacionar com o neto:

“É diferente. Ela é mais séria, é mais enérgica, acho isso, acho que eu que sou diferente. Eu que não sei dizer não.”

3.8.4 Experiência como Neta

Ao lembrar-se de seus avós, Antônia diz que era uma época diferente e que os avós eram muito enérgicos, *“a gente não podia chegar nem perto.”* Conta que sua avó materna era recebida com muita *“cerimônia”* em sua casa:

“Eu me lembro que a minha vó, mãe da minha mãe, ia lá em casa, era como se fosse uma santa, nós beijávamos na mão dela.”

Mas não tinha uma proximidade afetiva com os netos, embora ela lembre que gostava muito de ir na casa da avó, tomar café lá:

“...de tarde, aquela mesa muito grande, porque a gente é pequeno, tudo é do grande, né, aquela mesa muito grande assim e a gente gostava tanto de lá.”

Diz que gostava de ir na avó porque ganhava coisas, como pintos da granja da avó, *“qualquer coisa ela me dava, e ficava tão feliz, feliz assim, que nossa!”*

Antônia lembra que a avó não gostava de grito ao redor dela e que não queria que ficassem no seu quarto. E quando a avó anunciava que viria visitá-los *“era aquilo assim, tinha que se comportar.”* Tinham que almoçar na cozinha para a avó comer na sala com os outros, *“a gente foi criado assim, longe dos avós.”* Ela acha que elas eram assim porque eram *“bem velhinhas.”*

3.8.5 Experiência como Filha

Antônia conta que sempre teve um relacionamento bom com os pais. Ao se tornar mãe, não pôde contar com seus pais ao seu lado porque eles moravam muito longe, mas ficaram felizes com a notícia. Diz que após o nascimento de sua primeira filha, o relacionamento com os pais mudou:

“Mudou pra melhor...Era tudo, tudo uma felicidade, do jeito deles, né, precisasse, era só contar com eles.”

Sua mãe não lhe ajudou muito nos primeiros cuidados porque tinha que cuidar de seu pai, que era muito doente e ela teve a ajuda de sua sogra. Mas sempre que podia, sua mãe ia visitá-la. Seus pais se tornaram avós quando Antônia tinha 8 anos, e ela ganhou um sobrinho. Diz que lembra de sua mãe, e que ela era bem diferente com os primeiros netos do que foi para suas filhas:

“...nos filhos deles, eles sempre ficaram mais puxando o saco, era uma festa, tem aniversário, tem tudo, tem pipoca. Aí os outros foram vindo, claro, eles já foram acostumando, eu acho. Já meu pai começou a ficar muito velho. E aí eles já não eram mais como eram com os primeiros netos.”

Lembra que eles eram muito enérgicos:

“Eles eram bem durão, a mãe era muito durona com os netos, ‘não’ era ‘não’, não passava a mão por cima. Era de varinha, dava nos netos.”

Diz que eles eram bons avós, desde que os netos não morassem muito perto.

3.9 Caso Sirlei

3.9.1 Dados de Identificação

Idade: 53 anos

Estado Civil: viúva

Profissão: comerciária

Nível escolar: Ensino Médio

Número de filhos e netos: 1 filha e 1 neto

Com quem vive? Sozinha

3.9.2 Experiência de ser Avó

Sirlei é uma avó muito ligada ao neto, mas no momento em que soube que sua filha estava grávida não foi a favor, não se sentiu bem com a notícia. Conta que na época não queria que a filha engravidasse, pois tinha medo que o casamento não desse certo, e que ela fosse sofrer no parto. Diz que nunca tinha pensado em ser avó, pois não gosta de famílias grandes, e relata que teve a única filha por acaso.

A avó mostra ter uma grande proximidade com o neto, o que ela percebeu desde o momento de seu nascimento e a partir de então passou a ter uma grande participação na vida dele, com cuidados, atenção, o que a fez sentir-se mãe novamente:

“Olha, eu não sei te explicar, foi a coisa mais linda que me aconteceu, a chegada dele, foi tão maravilhoso, foi tão bom, eu me sentia mãe outra vez, foi muito bom, eu cuidei dele até os dois aninhos... era quase um filho, eu cheguei a dar mamar pra ele parar de chorar, era uma coisa tão linda, tão linda, eu nem sei te explicar, a coisa mais linda do mundo, a chegada dele.”

Durante a gestação de sua filha, Sirlei acompanhou, conviveu bastante com ela, mas continuou não aceitando a situação:

“Eu sempre, sempre contrária, até cansei de dizer coisas pra ela que ela saía triste pra casa, sabe, não sei o porquê, mas eu não queria a gravidez...e hoje não tem ninguém no mundo que queira mais, né (risos), como é que pode?”

O momento do nascimento de seu neto também foi muito sofrido para ela, tinha medo que a filha sofresse. Mas depois do parto de seu neto foi *“só felicidade.”*

O nascimento do neto fez com que a avó relembresse o nascimento da própria filha, *“me sentindo mãe de novo assim, sem os mesmos compromissos, né, tão bom.”* Para ela, ser avó é melhor que ser mãe:

“É, ah, um lado melhor da coisa, não é tu que vai educar, não é tu que vai criar, tu só vai acompanhar, o compromisso é dos pais, então é uma coisa até bem melhor pra gente que é vó.”

Mas ela conta que o nascimento de sua filha também foi muito sofrido, e que na época precisou de tratamento psicológico, pois não era casada e *“era um crime estar grávida sem casamento.”*

No momento em que começou a ser chamada de avó por vizinhos e amigos, Sirlei relata que se sentiu um pouco envelhecida:

“Agora eu sou vó, que agora eu tô velha, sabe, pensei assim, eu acho que eu envelheci agora, sou vó.”

Mas logo depois aceitou-se como avó:

“Não me incomodou em nada, ficar mais velha, ficar avó não me incomodou em nada, acho bem legal, não me atrapalhou em nada.”

Desde o nascimento do neto, a avó teve grande participação nos cuidados dele. No início deu apoio à filha, e quando esta voltou a trabalhar, assumiu os cuidados com ele diariamente:

“Eu cuidava de dia e o pai cuidava de noite, mas eu ainda ficava junto com o pai, que assim o pai era verde, medo que o pai desistisse daquela...junto assim sempre.”

Foi assim até os 2 anos do neto, até que os pais decidiram que ele iria ficar durante o dia no colégio, o que para Sirlei foi muito difícil:

“Eu me deprimi, fiquei doente, tô fazendo tratamento ainda, sabe, me faltou o chão quando o guri saiu de casa.”

A avó relata que isto foi necessário porque o neto estava muito apegado a ela, e quando os pais chegavam para levá-lo ele não queria ir, só queria ficar com a avó:

“...porque o guri tava todo meu, não queria sair daqui, eu acho que eles tão certos, hoje eu vejo que eles tão certos porque o guri tem que ser criado à moda deles e não à minha moda, né, o filho é deles.”

Atualmente, Sirlei vê o neto nos fins-de-semana “*só nos finais de semana agora, então eu procuro ir visitar ele pra ver ele, eu ligo, eu converso, eu tô sempre em contato com ele*” e um dia da semana vai até a creche em que ele está para visitá-lo “*eu costumo ir na creche uma tarde pra ver ele, mas agora eu até tô me controlando pra não ir porque não é normal, né, ninguém vai, mas eu sempre fui uma vez por semana sempre.*” Relata que, além disso, em situações especiais, o neto fica com ela:

“Então quando tem festa ele fica comigo, que os pais têm que ir, quando ele adoecer que não pode ficar sozinho é comigo, sempre que precisa daí sou eu, se não precisa não.”

Sirlei diz que, para ela, ser avó é algo muito prazeroso “*é muito gostoso, é muito bom, eu não fazia idéia que era tão, tão, tão gostoso ser avó.*” Também acha que a sua forma de se relacionar com o neto é muito forte, o que não vê na forma de outras avós se relacionarem com seus netos:

“Eu vejo assim umas avós que não têm assim,, esse querer tanto assim pelos netos, né, eu vejo a minha mãe também, não sei se é porque tem vários netos, ela ama os netos, mas não dessa maneira que eu amo. Eu parece que o guri é meu, sabe, é uma coisa assim de louco que eu sinto pelo guri, parece que ele é meu. Tivemos até umas encrencas logo que o guri nasceu, com o genro, ciúmes de mim.”

Ao se descrever como avó, diz que sua filha acha que ela dá muita liberdade para o neto, e que ele a desrespeita. Mas, ela diz que quando tem que chamar atenção ela também o faz. Em relação ao que mudou na sua rotina após o nascimento do neto, ela relata que não mudou quase nada, que apenas trouxe novas experiências:

“É, não mudou muita coisa, só acrescentou, né, a vinda da criança que foi uma coisa bacana, diferente, mas bom...no início assim uma preocupação, né, porque eu já não sabia mais cuidar de nenê,, mas depois encaixou.”

Sirlei ainda mostra que acha “*bem bom*” poder ajudar a filha a cuidar do neto, pois não está trabalhando fora, e sua filha trabalha e estuda “*se eu puder ajudar nas pequenas coisas é bom, eu gosto de ajudar ela.*”

Sirlei acredita que sua filha e seu genro estão sendo ótimos pais, “*eles criam muiiito bem, tão se saindo bem mesmo, eu é que estrago um pouco a educação dele*”. Conta que no início ajudou sua filha, dando conselhos e direcionando o que deveria ser feito, mas agora já não é mais preciso. Ela diz que acha a criação do neto muito boa, e que não necessita de sua interferência. Adora estar com o neto para fazer qualquer coisa:

“Eu gosto de tudo, sair com ele lá pra fora, ficar com ele, dormir com ele eu adoro, dar, tomar banho junto com ele eu adoro. Sabe, a gente toma banho junto, a gente dorme

junto, a gente come junto, é muito bom. A única coisa ruim mesmo é quando tá doente, aí fica tudo difícil, sofrido.”

Ao se tornar avó, Sirlei refere não ter tido nenhum modelo de avó pra seguir:

“Não, não segui ninguém, fiz tudo que o meu coração mandava, sabe. Fiz e faço o que o meu coração manda, isso aí não tem que se basear em ninguém, ou tu dá amor ou tu não dá amor, eu acho, né.”

Sirlei acha que os avós de seu neto, tanto ela como os avós paternos, não têm espaço para interferirem na criação dele, embora ela dê algumas dicas:

“...até por fora eu sempre digo alguma coisa porque filha tu pode dizer, nora tu não pode, né, então do lado de lá eu sei que eles não abrem a boca porque nora é nora, e filha é filha, é diferente.”

Em relação ao envolvimento com o neto, Sirlei acha que ela convive mais com ele do que os avós paternos *“...eu convivo mais e de maneira mais gostosa.”* Complementa que com os avós paternos os encontros com o neto são mais esporádicos e que eles têm um outro jeito de tratar, segundo ela *“porque é filho homem e tem que criar mais aqui, sabe.”*

Ao comparar o seu papel de avó com a forma como foi mãe de sua filha, acha que é quase tudo diferente. Segundo sua opinião, naquela época ela trabalhava demais e dava pouca atenção para a filha. Além disso, ela ficou viúva quando a filha tinha 4 anos, e acredita que tinha muitas responsabilidades, o que hoje não acontece *“então eu faço tudo com ele o que eu não fazia com ela, bem diferente.”* Sirlei acha que é diferente não só porque hoje tem mais tempo, mas porque ao ficar mais velha tenha amadurecido. Acha que a filha foi exigida demais por ela, o que não faz com o neto:

“Eu exigia muito dela, eu dava uns tapas e castigo, que pra ele eu não faço, e ele merece mais do que ela.”

Acha que o que faz igualmente hoje para o neto, e para sua filha quando era pequena são a higiene, a comida, enfim, todos os cuidados necessários.

Ao refletir sobre o seu papel de avó e a forma que seus avós se relacionavam com ela, Sirlei acha que ela tem um convívio gostoso com o neto, que não teve com os avós quando era pequena *“eu acho que essa intimidade que nós temos eu e ele, eu acho que eu não tive com eles”*. Conta que tem que cuidar dos bichos do neto, *“ele mexe em toda a minha vida, ele bagunça a minha vida, e eu acho bom ainda”*. O que ela pensa que permanece igual é a questão da educação, em que tanto seus avós quanto ela como avó souberam dar limites aos netos.

Sirlei relata que sua forma de ser avó é bem diferente da forma como seus pais foram avós de sua filha. Seus pais tiveram pouco convívio com sua filha, e nenhuma participação nos cuidados, também não têm uma relação de intimidade com a neta. Por outro lado, ela é muito próxima de seu neto e tem uma grande ajuda nos seus cuidados:

“Eu vejo, a minha filha se dá muito bem com a minha mãe e tudo, mas ela não é nem 1/3 do que eu sou com o filho dela. Por isso que eu acho que a falta de convívio deve interferir sim, ... ela gosta dos netos, mas ela não faz nem a metade do que eu faço com o meu...a minha mãe é boa pros netos, mas do jeito dela, o meu neto pra mim é quase um filho sabe, filho da minha filha, é pra mim é um segmento, é quase um filho.”

3.9.3 Experiência como Mãe

Sirlei tem apenas uma filha e as duas têm uma relação muito próxima. Diz que elas são muito cúmplices, e que convivem muito bem. Relata uma situação que exemplifica esta proximidade:

“Conta conjunta, é tudo junto, ela não tem conta conjunta com o marido, ela tem com a mãe, e se ela comprar uma coisa, por exemplo, comprou essa blusa mãe, eu vou dizer pra ele que eu ganhei , tudo bem, sabe.”

Também relata que de vez em quando “*tem umas broncas também*” entre as duas.

Conta que a saída da filha de casa, há 6 anos atrás, para casar, foi horrível, “*eu não conseguia viver sem ela.*” Depois do casamento, sua filha foi morar no apartamento ao lado do dela, ou seja, continuaram se vendo diariamente, mas para ela foi muito difícil:

“Não tinha mais a roupa dela aqui, não tinha mais nada dela aqui...foi horrível, parece assim que eu tava perdendo a minha filha na época.”

Agora, Sirlei percebe que estava ganhando mais pessoas, o neto e o próximo neto que está a caminho. Também relata que no início tinha uma implicância com o genro, o que já mudou, “*eu tinha uma implicância com o genro, pra ela não sair de casa eu acho...*”

Sirlei acha que com o nascimento do neto a relação dela com a filha não mudou, pois as duas já eram bem próximas. Entretanto, relata que a filha, como mãe, passou a entendê-la melhor:

“Eu não mudou nada, mas ela parece que entende mais agora o que é mãe, né, as coisas que eu dizia e ela não aceitava, agora ela já pensa mais ou menos como eu.”

Durante um tempo, quando a avó cuidava do neto durante o dia, relata que houve uma troca de papéis por parte dela, pois ela dizia o que o neto devia comer, tomar, vestir. Aos poucos ela foi se dando conta desta situação, até mesmo quando o genro lhe disse que ela deveria ser mais avó e menos mãe, o que na época fez com que ela ficasse meio

ofendida, mas hoje ela vê que ele estava certo. A avó conta que a filha e o genro interferem na sua relação com o neto, pois não deixam que ela faça as coisas do seu jeito.

3.9.4 Experiência como Neta

Sirlei conta que conviveu com os avós, e teve muito carinho deles. A avó materna era mais braba, mais exigente, mas sempre foi boa. Os avós maternos ela gostava mais:

“Mais gostoso assim de conviver, até quando eu tinha que apanhar da mãe, uma coisa ou outra, eles não deixavam, é mais ou menos o que eu vivo com o meu neto.”

A avó diz que quando era pequena não teve muito contato com os avós, pois ela morava com a família no interior, e os via raramente. Também não recorda se havia algum tipo de ajuda dos avós na criação dos netos *“eu acho que se tinha alguma ajuda era financeira, mas não cuidado, carinho...”* Lembra que seu pai não se relacionava bem com seus avós maternos, e após seus pais se separarem teve maior contato com eles, *“só depois de grandinha.”*

3.9.5 Experiência como Filha

Sirlei relata que teve pouco convívio com os pais depois de estar adulta, pois eles moram muito longe, e ela trabalhava demais. Conta que hoje tem mais contato com sua mãe, pois como não está trabalhando, pode visitá-la com mais frequência. Ela veio para Porto Alegre, quando era jovem, para trabalhar e ficou grávida, foi visitar a mãe e esta a cuidou:

“Foi muito legal, muito querida comigo, eu me lembro, me apoiava, me levava café na cama de manhã, ela era carinhosa comigo a mãe.”

Mas como ela já tinha muitos netos, Sirlei diz que *“ela já tava cansada de ter netos, não era novidade mais.”* Naquela época, seus pais já estavam separados, não houve participação de seu pai, que hoje já é falecido.

A participação de sua mãe como avó aconteceu quando sua filha tinha 4 anos, e ela ficou viúva. Como tinha que trabalhar e não tinha ninguém para cuidar dela, levou a filha para a casa de sua mãe, e ela a acolheu por um tempo, *“mas foi só essa participação, até os 4 anos nenhuma participação.”*

Ela acha que o relacionamento com os pais não era bom, e continuou da mesma forma após o nascimento de sua filha:

“Não era uma relação boa, até porque eles eram separados e sempre fica aquela encrenca, né, gosta do pai, não gosta da mãe, gosta da mãe, não gosta do pai, fica aquela, sempre fica uma encrenca no meio, né...a relação com os meus pais era uma e a relação da Mana comigo era bem outra, tudo era o oposto.”

Sirlei conta que sua mãe é ótima bisavó de seu neto, o que já é diferente da forma como tratava sua filha:

“Ela é apaixonada, eu vejo que a mãe dá muito mais confiança pro meu neto do que deu pra minha filha,... ela é louca por ele, ...com a minha filha eu acho que não foi a mesma coisa.”

3.10 Caso Nadia

3.10.1 Dados de Identificação

Idade: 57 anos

Estado Civil: viúva

Profissão: do lar

Nível escolar: Ensino Fundamental Incompleto

Número de filhos e netos: 1 filha, 1 filho e 1 neta

Com quem vive? Com a própria mãe

3.10.2 Experiência de ser Avó

Nadia é uma avó presente e amorosa com a neta. Conta que ficou muito contente ao saber que ia ser avó, era algo que queria muito. Ao mesmo tempo foi uma surpresa, pois não estava esperando pela notícia. Ela diz que achava que a filha iria aguardar mais um pouco para ter filhos, pelo menos até terminar os estudos, pois ela também trabalha e seria muito difícil conciliar todas suas tarefas. Por outro lado, não queria que ela esperasse muito, porque sendo mais velha poderia ter riscos na gravidez.

A avó relata que desde o início da gravidez de sua filha, esperava que tivesse uma neta. Diz que gosta mais de menina para vestir, e acha que ela é mais companheira da mãe do que o menino, que fica mais com o pai. Mas todos só ficaram sabendo o sexo do bebê no dia do nascimento, pois antes não foi possível ver na ecografia. Durante toda a gestação, Nadia ficou na expectativa, pois queria muito que fosse uma menina:

“Aí quando o meu genro saiu de dentro da sala a sogra da minha filha perguntou, eu nem tinha coragem de perguntar, que eu não queria ouvir dizer que era menino, quer dizer que pra mim tanto faz, né, um ou outro, mas eu queria mais que fosse menina.”

A avó relata que acompanhou a gestação da filha, pois moram na mesma rua, em casas separadas. Conta que ia quase todos os dias para lá, fazer companhia para a filha, quando o genro estava trabalhando:

“Pra ela não ficar sozinha, enquanto o meu genro não chegava eu não ia embora, que ele trabalhava o serviço dele era das 6 à meia noite, ... eu ia pra lá e ficava com ela todas as noites.”

Nadia diz que o momento do nascimento de sua neta fez com que ela se lembrasse do momento em que sua filha estava nascendo, especialmente por ela também estar esperando que fosse uma menina:

“Olha, eu tava também querendo uma menina, eu queria uma menina, não é não gostar, eu acho mais bonitinho pra arrumar assim, né, aí eu disse a minha neta eu também quero que seja menina, aí pedi a Deus que fosse menina e foi.”

A avó conta que gostava de usar roupa branca na filha quando esta era pequena, principalmente na hora de levá-la ao médico *“eu vestia ela, gostava muito de botar roupa branca, que aí dá mais assim aspecto de limpeza mesmo.”* E quando sua filha estava grávida, Nadia pediu para que ela colocasse uma roupa branca na neta, quando saísse do hospital.

Desde o nascimento da neta, a avó tem ajudado nos seus cuidados. No início, ela passava o dia na casa da filha, diz que a neta tinha muita cólica, ela então ajudava *“...aí eu ia pra lá, lavava as roupas dela, passava.”* Também conta que ficava na casa da filha até tarde, até que o outro filho reclamou da ausência da mãe em casa. Depois que sua filha voltou a trabalhar, Nadia passou a cuidar mais ainda da neta, pois ficava com ela. E assim foi até sua neta completar 1 ano e 4 meses, quando então foi para creche.

A avó relata que antes de ser avó, sua mãe sempre dizia que quem é avó se preocupa duas vezes, e ela não achava que seria assim. Porém, ao se tornar avó notou que o que a mãe falava refletia o que ela estava sentindo:

“Ela teve bem doente uma vez, eu me preocupava por causa dela, da menina, e por causa da minha filha também, pensando bah, é mãe, tá sofrendo também.”

Ela achava que não se preocuparia tanto com a neta:

“Neto a gente não se preocupa tanto quanto os filhos que a gente se lembra que a mãe cuida, mas a gente se preocupa às vezes até mais.”

Ela diz que com os próprios filhos é ela que vai cuidar e não precisa se preocupar tanto, mas com os netos ela pensa se vão cuidar bem, *“a gente se preocupa duplamente.”*

Nadia diz que gosta de dar lembrancinhas à neta, e sempre que pode compra algum presente para ela. Às vezes sua filha a repreende, pois não quer que ela gaste tanto com a neta, e ela faz crediário para dar o que deseja à neta, *“compro e dou um presentinho que ela gosta, e eu gosto, me sinto feliz em fazer aquilo.”* A avó relata que o que mudou em sua rotina após ter se tornado avó foi apenas a preocupação que aumentou. Ela diz que gosta de levar a neta à Igreja, e que os pais, embora não pertençam à mesma religião, permitem que ela a acompanhe.

Atualmente, embora more na mesma rua que a filha, a avó diz que vê a neta aos finais de semana e eventualmente algum dia da semana, quando a levam até a casa da avó, ou quando seu filho a busca. Sua filha e seu genro, quando estão trabalhando, deixam a neta na creche, ou então ficam em casa, ou saem, vão a jantas, festas. E quando a neta não pode acompanhar os pais, é a avó que cuida dela.

Nadia se sente bem em poder ajudar a filha a cuidar da neta. Diz que a neta é muito calma, *“ela não é assim de tá chorando muito.”* Também gosta quando há uma criança junto com a neta para que ela possa brincar, o que ocorre muitas vezes quando os filhos de sua irmã mais moça estão na sua casa, o que para ela, é realmente agradável:

“Ela brinca com eles aí ela se distrai, criança tem que tá mais junto com criança, né.”

No que se refere a dar conselhos sobre a criação da neta, a avó diz que não participa, pois sabe que a filha e o genro não apreciam. Quanto a cuidados mais específicos, que impeçam a neta de se machucar, ela o faz com satisfação, mas sua interferência se restringe a estes comportamentos:

“Então pra não dar atrito pra não dar complicação já nem digo, só trago, cuido, vou no médico, ou alguma coisa assim, mas não digo nada. Fico na minha como dizem.”

Para Nadia, uma boa avó não pode dar muito palpite, mas deve ajudar quando e como for preciso. Ao se tornar avó, ela diz que teve sua irmã como modelo de avó. Conta que ela é muito responsável:

“ Eu acho que até ela é mais do que eu, aí eu me, comecei a fazer tudo o que ela fazia assim, mas não igual mas.”

Ela relata que, assim como a irmã faz com os netos, ela também leva a neta junto para passear, fazer compras, levar para lanche, e compra algum presente para ela.

Nadia diz que sente falta de poder sair mais para passear com a neta, mas segundo ela, acha muito perigoso sair com ela nas ruas de Porto Alegre. Lembra-se que quando estavam na praia elas saíam mais tranqüilamente, iam no parque, o que não é possível agora. Para a avó, não há diferença dela como avó e dos avós paternos de sua neta. Ela diz que a outra avó também faz as mesmas coisas que ela faz.

Ao comparar o seu papel de avó com a sua forma de ser mãe, Nadia diz que é quase tudo igual, mas *“com o neto a gente cuida mais.”* Ela diz que é diferente porque se procura fazer para os netos tudo o que não foi possível fazer pelos filhos, *“eu me preocupo mais, se alguma coisa ela quer eu dou.”* Lembra que quando sua filha era pequena ela trabalhava demais, e não fazia tanta coisa como faz hoje pela neta, e que sua mãe fazia como avó:

“O que eu tô fazendo hoje a minha mãe fazia..., antes eu achava também não faz todas as vontades dessa guria se não depois ela fica cheia de vontades vai querer que eu esteja fazendo e eu não tenho tempo de fazer certas coisas, ela disse deixa, a mesma coisa eu digo agora, né.”

Ao observar o seu jeito de ser avó com o de seus próprios avós, percebe que eles eram bem mais enérgicos, especialmente sua avó materna, *“ela tava sempre sacudindo assim a gente, ela não gostava de criança que chorasse ou alguma coisa assim, isso aí eu nunca fiz com a minha neta, só uma vez.”* Por outro lado, eram iguais em relação a preocupar-se com o bem-estar dos netos.

Quanto à forma como seus pais foram avós de seus filhos, Nadia acha que é quase igual ao modo como hoje é avó:

“Eu acho que é tudo a mesma coisa. Mais ou menos igual, que a minha mãe é muito amorosa, né, com os netos, embora ela goste mais de menino ela é amorosa com todas. O meu pai era um pouco mais enérgico assim, mas ele também gostava de criança.”

3.10.3 Experiência como Mãe

Nadia relata que o seu relacionamento com a filha sempre foi bom:

“Ela é uma pessoa calma, né, não é de briga assim...e tudo que eu peço para ela, dentro da medida do possível, ela faz pra mim.”

Ela acha que assim como a filha faz tudo que for preciso por ela, ela também sempre procurou ajudar a filha *“eu acho que de mim ela também não tem queixa.”*

Conta que há 10 anos, quando sua filha deixou de morar com ela porque se casou, foi um momento triste, mas que logo passou, pois continuaram morando perto, na mesma rua. Diz que a relação sempre foi boa:

“Ela não é de brigas nem de discussão, se eu tava um pouco nervosa ela pegava e fazia que não via, né, eu que sempre fui mais atacada do que ela.”

Relata que depois que a neta nasceu a relação continuou a mesma, a única coisa que às vezes acontece é que a filha não quer que ela gaste seu dinheiro com a neta:

“No aniversário da neta eu tinha encomendado dois bolos, um com a cara da Emília, que aquele era pra não partir na hora, pra deixar durante a festa, e o outro pra partir, e ela foi lá e suspendeu, ...sabe, encomendei aí eu fiquei triste por causa disso aí.”

Nadia acha que a filha cuida muito bem de sua neta, inclusive deixa de manter a casa limpa como deveria, para cuidar da filha:

“Aí durante a semana ela vai limpando aos poucos, arrumando e deixa a limpeza só pro fim-de-semana, mas a neta sempre em primeiro lugar.”

Também diz que a filha cuida muito da higiene de sua neta, e relata um exemplo disto:

“Ela ia dar banho e a neta chegava a tá roxa, de tanto tá dentro d’água. Ela bem devagarinho pegava as escovinha e ficava pra limpar, né, e eu disse que tanta sujeira vai ter uma criança nova, né, mas ela quer arrumar tão bem, ajeitar tão bem.”

Ela acha que a filha a vê como uma boa avó, mas que dá muitas regalias à neta.

Conta que a filha disse que a neta é mais teimosa quando está com ela:

“Com as avós os filhos não fazem certas coisas que fazem com as mães, que a mãe chama atenção e a vó não chama tanta atenção, deixa brincar, só cuida pra não se machucar.”

E de acordo com ela, *“criança tem que teimar mesmo.”* Em se tratando do relacionamento com a neta, a avó acha que a filha não interfere, a não ser ao dizer que com a avó a neta *“faz mais arte.”*

3.10.4 Experiência como Neta

Nadia não conheceu os avós paternos e conviveu apenas com os avós maternos, que moravam perto de Porto Alegre, e ia visitá-los nos finais de semana. Conta que a avó era mais enérgica, e que ela batia no irmão quando este incomodava. O avô nunca deu nos netos, era bom, *“eles eram umas pessoas boas assim pra tratar.”* Ela relata que os avós ajudaram nos cuidados com os netos, mas não lembra de muitos detalhes. Diz que a época

era outra e por isso os avós tinham uma forma de lidar com os netos diferente. A avó quando não gostava de uma coisa não conversava, já batia neles, e o avô tentava amenizar a situação, interferindo a favor dos netos. Também davam conselhos sobre coisas práticas, como colocar um casaco se está mais frio, ou um calçado para andar em uma pedra fria.

3.10.5 Experiência como Filha

Nadia relata que o relacionamento com seus pais sempre foi bom. Diz que o pai era mais enérgico porque ele era militar, mas era uma pessoa muito boa pra se tratar. A mãe também sempre foi muito boa pra ela. Refere não ter havido nenhuma mudança no relacionamento deles após o nascimento de sua primeira filha, pois sempre estiveram próximos e presentes para ajudar nos cuidados da neta.

A avó conta que seus pais ficaram contentes com a notícia de que iriam ser avós, e moravam perto, no mesmo bairro, e ajudaram muito a cuidar de sua filha:

“Tinha mais tempo pra tá junto, pra cuidar, né, ela me ajudou muito, ela e o meu pai ajudou, né, ficavam com ela, cuidavam, iam no médico, também me ajudavam a levar.”

Eles cuidaram mais de sua primeira filha do que os outros netos, porque moravam perto e facilitava mais. Também lhe deram muito apoio quando teve que voltar a trabalhar após a licença maternidade.

Ela diz que seu pai, assim como ela, tinha preferência por menina, enquanto sua mãe preferia meninos. Também relatou que escolheu o primeiro nome da filha e pediu que a mãe escolhesse o segundo nome, e mesmo não gostando da escolha, colocou na filha. Para ela, eles foram ótimos avós, *“onde eles saíam eles levavam ela sempre junto, pra passear.”*

3.11 Caso Rosane

3.11.1 Dados de Identificação

Idade: 59 anos

Estado Civil: casada

Profissão: contadora

Nível escolar: Ensino Superior

Número de filhos e netos: 2 filhas, 1 neto

Com quem vive? Com o esposo

3.11.2 Experiência de ser Avó

Rosane conta que quando soube que ia ser avó foi “*muito bom*”, pois já estava na expectativa há bastante tempo. Diz que foi uma “*alegria muito grande*.” Nessa época já pensava em ser avó e fazia cobranças para a filha, pois todas suas amigas já eram avós. Ela imaginava que ser avó seria uma “*coisa muito gostosa*”, até porque já havia se aposentado e esperava um neto para “*preencher esse tempo*”:

“Era uma lacuna pra mim não ter sido avó ainda, né, achava que ia ser uma experiência muito boa.”

Durante a gestação de sua filha, Rosane a acompanhou em todos os momentos. Foi com ela a todas as consultas e ecografias. Conta que, durante a gestação, a filha teve alguns problemas, como trombose, engordou bastante e ficou nervosa e ansiosa. Mas a família procurou tranquilizá-la, até porque o bebê sempre esteve bem.

O momento do parto foi muito bem planejado, já que foi cesariana, marcada com antecedência. Assim, os familiares mais próximos puderam estar presentes. Para Rosane, foi “*maravilhoso*”, pois quando teve suas filhas também fez cesariana, mas naquele tempo a gestante não ficava acordada:

“Então foi a primeira criança que eu vi nascer e já tá ali assim na hora, então, pra mim foi muito emocionante.”

No momento do nascimento do neto, ela se lembrou das filhas pequenas. Diz que como ele era pequeno achou parecido com a mãe dele, que nasceu com 8 meses. Também nasceu cabeludo como sua outra filha, e também achou parecido com ela mesma:

“Ah, eu já achei parecido com as gurias, achei parecido com o pai também, mas eu olhei assim ah, as mãos é da vó, os dedões compridos, já achei que parecesse comigo, né, tinha que achar, né.”

Rosane lembra que o nascimento de sua filha foi muito esperado. Como ela entrou em “*sofrimento*”, foi necessária a realização de cesariana, e ela tinha uma preocupação muito grande que o nenê estivesse morto. Conta que com a anestesia dormiu durante o nascimento da filha e que acordou “*desesperada*”. Quando lhe disseram que havia tido uma menina achou que o filho havia morrido, pois tinha certeza que seria um menino, e achava que iam mostrar um bebê qualquer para ela se acalmar. Mas quando ela viu o bebê soube que era sua filha, pois era muito parecida com seu pai, e então pôde “*curtir*” aquele momento.

Rosane lembra que acompanhou a filha nos primeiros cuidados do neto. Diz que ficou no hospital com ela e depois ia para a casa da filha. Mas lembra que a amamentação foi algo bem problemático, pois a filha não conseguiu amamentar:

“Que eu sabia que a criança amamentada pela mãe fica protegida, né. E ela tinha muita dor, mas eles não tinham paciência e aí eles partiram logo pra mamadeira. Isso daí me aborreceu bastante, sabe, uma coisa que me marcou, porque eu acho que, se eles tivessem tentado mais um pouco, ele teria conseguido, né.”

Ela recorda que quando teve suas filhas também teve dificuldade para amamentar, pois não tinha *“bico, e o leite empedrava.”* Mas como sabia que era importante fez de tudo para proporcionar às filhas uma amamentação saudável:

“Então isso me chateou muito, porque eu acho que pra facilitar talvez até ou pra não ver o guri chorar eles partiram pro leite, pra mamadeira, né, no início assim, terceiro, quarto dia depois que já estavam em casa.”

Rosane diz que procurou dar apoio à filha nos cuidados com seu neto. Conta que ficava lá durante o dia e à noite, se estivesse tudo bem, voltava para casa, para deixar o casal sozinho, *“pra curtir o filho.”* Mas para sua filha, não era o suficiente, ela dizia que quando a outra irmã tivesse um filho, a mãe teria mais disponibilidade. Ela diz que entende a filha, pois mesmo não admitindo, sabe que ela teve depressão pós-parto. Além disso, Rosane diz que não poderia mudar toda sua vida em função do neto porque considera isto errado.

Ela diz que participa muito da vida do neto, e acha *“a melhor coisa do mundo.”* Procura *“descer ao nível dele”*, e se descreve como uma avó que paparica o neto:

“Eu sou o Power Ranger dourado, ele é o Power Ranger azul, eu entro nas fantasias dele, eu curto muito muito ele...às vezes, a gente tem uma certa dificuldade, eu vou ao parque com ele, sinto dificuldade de subir no aviãozinho ou de andar naqueles brinquedos que ele anda, mas ando, né, dou um jeito e ando.”

Ela acha que foi uma avó muito tarde, então algumas coisas já são mais difíceis de acompanhar, mas faz o que pode por ele. Diz que acha que às vezes exagera em presentes, pois acha que ele precisa de limites, já que os pais não conseguem dar, *“eles dão tudo que ele quer.”* Conta que por isso o neto é muito exigente. Diz que como os pais ficam pouco tempo com ele, acabam mimando demais, como uma forma de recompensa. Rosane entende a filha, já que passou por algo semelhante quando tinha as filhas pequenas.

A avó dá conselhos para a filha em relação à criação do neto. Sempre conversa com ela longe do neto, para não tirar a autoridade da mãe, e aconselha, por exemplo, em relação a dar limites para o neto e também em não satisfazer todas as vontades dele:

“...só cuida, não é assim dar as coisas, brinquedos isso e aquilo, que vai substituir a tua ausência, não entra por aí que é errado. Não é dando brinquedo que a gente substitui a ausência da gente, de jeito nenhum. E conselhos também dou.. Às vezes, ela aceita bem, às vezes, ela não aceita, mas consegue dialogar o assunto.”

A rotina de Rosane mudou depois que se tornou avó. Antes era muito esquematizada com suas coisas e tinha horários fixos. Hoje tem horários mais flexíveis, que possam ser alterados em função do neto:

“ Se me dá vontade de buscar ele, eu já mudo e antes não, eu era muito rígida... Eu tenho os meus dias fixos de massagem, meus dias fixos de fazer mão e pé, meus dias fixos assim de fazer o cabelo. Essas coisas eu tenho um horário fixo, pra depois poder distribuir as outras coisas no tempo. Mas agora, assim aposentada, eu tenho essa disponibilidade de horário, antes eu não tinha, era tudo corrido, tudo encaixado nos horários, né.”

A avó conta que após se aposentar começou a fazer alguns cursos, entre eles, curso de piano, e que o neto adora o instrumento, e é o único que pode “batucar” no piano da avó:

“Então eu acho que eu tô sendo uma avó como todas as vós que ajudam a educar, a cuidar, mas que estragam bastante também.”

Rosane diz que o neto convive bastante com ela e o avô. Falam-se quase diariamente, e se vêem duas ou três vezes durante a semana, além de sábado e domingo. Conta que seu esposo, mesmo não sendo o pai de suas filhas, as assumiu e tem o neto como se fosse dele também. Diz que ano passado ele teve câncer, e que o neto foi fundamental para sua recuperação.

A avó diz que o que menos gosta de fazer com o neto é ter que brigar com ele ou dar um tapa, por exemplo. E o que mais gosta é de sair sozinha com ele. Diz que quando sua filha está junto, ou a outra filha que é madrinha, ele não respeita, e quando estão só os dois ele é muito comportado. Gosta de levá-lo no cinema, no parque, no “McDonald’s.”

Para Rosane uma boa avó tem que proporcionar momentos agradáveis para o neto. Ela diz que sempre tem em casa coisas que ele gosta, como um iogurte, o suco preferido dele, balas, mas acha que poderia ser uma avó que fosse para a cozinha fazer o que o neto gosta. Também gosta de levá-lo para a praia ou para o sítio da família.

Ao se tornar avó, Rosane não teve um modelo específico de avó para seguir. Ela diz que “queria ser aquela avó que eu gostaria de ter tido”. A avó paterna era “maravilhosa”,

mas tinha muitos filhos e estava sempre envolvida com eles. Já a avó materna morava com ela, mas sofria de depressão e era mais “dureza”:

“E eu gostava daquelas vós que a gente via nos contos de fada, né, Depois a gente vai crescendo, e pensava que queria ser uma avó mais moderna, que trabalha, que tem a vida dela, mas que tem tempo pra curtir os netos. Então o meu modelo foi assim, pegando aqui, pegando ali, né, pescando e usando o bom senso, né.”

Em relação à forma como foi mãe quando as filhas eram pequenas e como é avó, diz que hoje tem mais tempo para estar com o neto. Antigamente trabalhava dois turnos e ainda fazia faculdade à noite, sobrava pouco tempo para estar com as filhas. Hoje brinca bastante, rola no chão e aproveita mais o tempo com o neto:

“Eu acho que com o tempo, a gente vai ficando mais mole, né, mais fácil e mais vivida também, entendendo que a gente não tem mais a vida toda pela frente, que a gente já tem um tempo só pra ficar com os netos, que isso aí passa muito ligeiro, coisa que com os filhos a gente não tem essa noção.”

Por outro lado, o que ela acha que tinha como mãe pelas filhas pequenas e permanece com o neto, é o carinho e a forma de expressar o amor.

Ao comparar a forma como é avó ao modo como seus avós eram com ela quando era pequena diz que não há nada igual. Não conviviam com ela e não a levavam para passear como faz hoje com o neto. Também não tinham a disponibilidade de sair, comprar presentes, enfim, é um jeito totalmente diverso de ser avó:

“Eu não tinha essas coisas com a vó, quando eu queria alguma coisa, tinha que pedir pra mãe mesmo, porque não tinha e nós éramos 6 filhos. A vida era bem diferente.”

Rosane acha que como avó faz algumas coisas que seus pais como avós não faziam. Ela diz que brinca de cavalo com o neto e não lembra de seus pais fazendo o mesmo com suas filhas. Também não levavam para passear em um parque ou no cinema, mas ela acha que não era possível pela falta de tempo, pois “a vida era diferente.”

3.11.3 Experiência como Mãe

Rosane conta que o relacionamento com a filha nem sempre foi bom. Diz que a filha é muito “brava, tem um gênio difícil”, e antes era pior. Para ela, a filha se tornou mais acessível após ter se casado e mais ainda após ter se tornado mãe:

“Ela sempre procurou ajuda nas horas que ela tava com alguma dificuldade, né, ela fez terapia, então eu acho que, cada vez, melhora mais a nossa relação, tem sido cada vez melhor... Mudou o jeito de ela ser, o relacionamento dela comigo mudou, né, ela me ouve mais. Antes a gente falava alguma coisa pra ela, podia ser pro bem dela, ela

estourava, hoje não, ela pára e pensa, né. Ela consegue hoje pegar o telefone e pedir desculpas, coisa que ela não fazia antes de jeito nenhum.”

Ela lembra que foi muito difícil quando sua filha casou e deixou de morar com ela. Levou 5 anos para desmanchar o quarto da filha, tinha a impressão de que a qualquer momento ela podia voltar. Conta que a outra filha casou-se depois e que Rosane levou 1 ano para desmanchar o quarto, e que a segunda filha ficava com ciúme pois dizia que ela levou bem menos tempo para acostumar-se sem sua presença:

“Fica faltando alguma coisa em casa, né, porque de qualquer jeito, tu olha os filhos todos os dias e, de repente, tu não vê mais todos os dias, tu fala por telefone tudo, mas não vê.”

Rosane diz que sua filha é uma “boa mãe”, é muito dedicada e procura fazer tudo que o filho precisa. Cuida muito bem da saúde dele, acha que a filha “tá indo muito bem.” Acha que a filha a está vendo como uma “avó legal.” Apenas no início a filha quis que ela largasse tudo para cuidar do neto, mas com o tempo isso mudou. Diz que tem total liberdade com o neto, que a filha não interfere na relação dos dois:

“Eu acho que eu estrago muito ele, dou muito denço, muito mimo. Eu dou, mas eu acho que na medida certa, denço, mimo, coisa assim nunca é demais.”

Em relação aos avós de seu neto, Rosane acha que a avó paterna é muito distante, pois às vezes fica até 1 mês sem vê-lo. Ela acha que a sogra de sua filha nunca gostou dela porque não é judia como a família:

“E ela convive, mas convive muito pouco, eu acho pouco, eu jamais conseguiria ficar assim tanto tempo sem ver o meu neto. E ela também tem mais idade, né, ela tem 75 anos, então ela não consegue acompanhar o neto.”

3.11.4 Experiência como Neta

Rosane conta que como neta não teve os avós que gostaria de ter tido. Do lado materno, seu avô morreu quando ela tinha 2 anos e a avó morava com eles. Lembra que ela estava sempre mal-humorada, que não saía da cama, pois tinha depressão, mas naquela época não se falava nesta doença. Diz que a avó não gostava dela:

“Eu sentia que ela não gostava de mim e ela dizia abertamente mesmo que não gostava, né, que eu era a cara da outra avó. E tinha aquele cheiro de velho que a gente diz, né, que a pessoa que não sai da cama tem cheiro, né.”

Em relação aos avós paternos, Rosane adorava a avó, mas não convivia muito porque ela tinha muitos filhos e se ocupava com eles. Tem lembranças muito boas dos

almoços aos domingos na casa da avó, e nas datas festivas. Já o avô paterno ela não tem uma lembrança muito boa, pois ele era alcoólatra:

“Eu me lembro do vô da gente ir buscar ele lá adiante caído, porque bebia demais, a gente tinha que ir buscar.”

3.11.5 Experiência como Filha

Rosane conta que seus pais foram ótimos avós de suas filhas. Conta que estava casada há 1 ano e meio e já estavam cobrando dela que tivesse filho, principalmente seu pai:

“Uma vez até ele me levou um bebê, boneco, né, vestido todo de azul, que era pra mim dar um neto pra ele.”

Lembra que teve muito apoio dos pais para criar suas filhas. Diz que o pai foi um avô diferente do que foi pai:

“Meu pai não brincava conosco assim de deitar no chão, o primeiro neto ele tava aí de bunda pra cima. Nenhum de nós ele pegou antes dos 6 meses no colo, tinha medo de machucar e coisa, os netos com 1 mês, 2, ele já tava com o neto no colo, então ele curtiu muito os netos...e a mãe também curtiu.”

Conta que quando teve sua primeira filha, Rosane foi direto para a casa de sua mãe, pois teve que fazer uma cesariana e a filha era prematura e teve um problema no pulmão. Mas sua mãe a ajudou muito e também com a segunda filha. Sempre pôde contar com a mãe quando precisava, seja porque não tinha com quem deixá-las, seja porque elas estavam doentes.

Ela lembra que nos fins-de-semana todos almoçavam na casa de seus pais, pois é uma tradição de família poder reunir todos. Então seus pais como avós participavam muito. O relacionamento com os pais era muito bom, e permaneceu bom após o nascimento de suas filhas, o que mudou foi que ela passou a reconhecer todo o esforço que tiveram em criá-la:

“Eu passei a reconhecer, valorizar mais a minha mãe como mãe e tudo que ela se doou, toda a trabalhadeira que ela teve pra criar, Eu acho que acontece com todas as filhas. Eu acho que com todas, não tem, ao menos eu não tive amiga minha que não reconhecesse isso e só, no momento que tiveram filhos, foi que se deram conta do trabalho que dá, da responsabilidade que é criar filho.”

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

Nos casos estudados, é possível destacar aspectos em comum referentes à forma como cada mulher está vivenciando o processo de tornar-se avó. Além disso, também é possível destacar algumas particularidades desses casos, na medida que fornecem material para a compreensão de idéias e referenciais teóricos apresentados nesta dissertação. Este capítulo pretende discutir tais aspectos, comuns e singulares, dividindo-os em quatro grandes eixos, que correspondem aos diversos papéis com que a mulher se defronta, ao tornar-se avó: avó, mãe, neta e filha. Em cada um destes eixos, buscar-se-á o entendimento de como vivencia cada papel, e seus novos significados em função de ter se tornado avó, assim como a nova possibilidade de resolução de antigos conflitos. Assim, o Eixo I, Experiência de ser Avó, pretende explicitar como se deu a experiência de tornar-se avó. O Eixo II, Experiência como Mãe, mostra como é o relacionamento com a filha, em função do nascimento do primeiro neto. Já o Eixo III, Experiência como Neta, trata da vivência das mulheres como netas, e como isso é identificado agora que também são avós. E por último o Eixo IV, Experiência como Filha, apresenta uma análise sobre a relação das mulheres, na posição de filhas, com suas mães e seus pais, especialmente após eles terem se tornado avós.

4.1 Eixo I: Experiência de ser Avó

O tornar-se avó, de uma forma geral, era uma expectativa que havia se realizado para quase todas as avós entrevistadas. A grande maioria relatou que o momento em que soube que ia ser avó foi maravilhoso e muito aguardado. Esses achados corroboram estudos anteriores (Robertson, 1977), em que ser avó foi relatado como um papel que é apreciado, relacionado, assim, a sentimentos de orgulho, animação, felicidade, emoção, quando souberam pela primeira vez que iam ser avós. Os dados apontam para a semelhança com a idealização que existe também na maternidade, podendo indicar que o tornar-se avó também é um aspecto idealizado na vida das mulheres.

Duas avós relataram que a notícia foi uma surpresa, pois não estavam esperando ser avós naquele momento, embora já pudessem se imaginar neste papel. Também 2 avós, caso Solange e caso Sirlei, demonstraram que o recebimento da notícia foi um momento de decepção, pois não achavam que a filha devesse ser mãe ainda. A grande maioria (9 avós) mostrou que na ocasião de se tornarem avós já estavam pensando na idéia, inclusive achavam que já estavam na idade de ser avós. O momento de receberem a notícia de que vão se tornar avós é o confronto com a realidade, que para alguns, pode não ser muito agradável.

É importante ressaltar que os 2 casos (Solange e Sirlei) que não aceitaram inicialmente a notícia da gravidez da filha têm um aspecto em comum, que é o fato de terem sido mães solteiras. Desta maneira, como Pikunas (1979) destacou, ao se tornar avós há uma reavaliação da própria vida e ocorre uma mudança na identidade. O fato de se imaginarem como avós pode tê-las remetido às próprias condições em que foram mães, e às dificuldades que enfrentaram em função de terem sido mães solteiras. Também chama a atenção que estes 2 casos são de famílias com filha única, o que pode ter contribuído para a resistência a aceitar o crescimento da filha e sua conseqüente separação, reação esta despertada através da notícia da chegada de um neto.

O ser avó remete a muitas dimensões emocionais da vida da mulher. Como o caso Isabel, em que ela não gostava de ser chamada de avó antes de ser, pode referir-se ao significado que a palavra “avó” tem para cada uma, e ao preconceito por parte da sociedade com as pessoas mais velhas. A mesma avó refere que antes de ser avó se imaginava uma avó bonita, sempre arrumada, que não envergonhasse os netos, o que segundo ela nem sempre acontece. Como aponta Colarusso (1997), é necessária uma aceitação da ação do tempo sobre o corpo, e ao se tornar avó há uma constatação desta realidade, o que pode ser mais difícil para alguns.

Todas as mulheres entrevistadas relataram ter acompanhado de uma forma muito próxima a gestação de suas filhas. Elas contam que se preocupavam com a alimentação da filha, a acompanhavam nas consultas médicas e ecografias, faziam companhia enquanto o genro estava trabalhando, e também gostavam de ajudar na compra do enxoval do bebê. No caso Celina, a avó mudou de cidade quando soube da notícia da gravidez da filha, para estar mais próxima dela. No caso Margareth, ela refere ter deixado o resto da família um pouco

de lado, para dedicar-se à filha e à futura neta. Já o caso Sirlei, embora a avó relate ter acompanhado a gestação da filha, diz que continuou não aceitando a gravidez dela até o nascimento de seu neto, enquanto que o caso Solange, que também não aceitou a notícia logo que soube, aos poucos, durante a gestação da filha, ficou contente e pôde “*curtir*” a vinda do neto. Desta forma, a avó teve, assim como as mães têm, 9 meses para elaborar e aceitar o seu novo papel, para que pudesse usufruir dos prazeres de ser avó.

A emoção devido ao nascimento do neto, descrita pelas participantes do atual estudo, também é destacada por Barros (1987), que ainda acrescenta que é uma emoção nova, diferente, nunca antes experimentada. Em relação ao convívio com os netos, atualmente quatro avós, os casos Celina, Vânia, Miriam e Margareth, vêem diariamente seus netos, pois cuidam deles pelo menos um turno ao dia. Outros 5 casos vêem os netos de 1 a 3 vezes por semana, enquanto que 2 casos, em que as avós moram em cidades muito distantes de seus netos, os vêem com menos frequência, mas mantêm contato telefônico semanal.

Ao se tornarem avós, algumas já tinham uma idéia de como seria. Os casos Vânia, Miriam, Isabel e Antônia relataram que ser avó era como tinham imaginado. Os casos Celina, Margareth e Sirlei contaram que ser avó é melhor do que haviam imaginado, sendo que para duas delas é melhor do que ser mãe. Estes dados podem ser justificados pelo fato destacado por Dias (1994), de que ser avó é uma outra forma de ser mãe, sem as mesmas responsabilidades. Robertson (1977) constatou que ser avó é mais fácil do que ser mãe, e que por isso, para algumas delas, pode ser mais prazeroso e satisfatório. Os casos Eugênia, Solange e Sirlei apontaram que o ser avó é ser mãe novamente, o que mostra que para algumas mulheres não há uma diferenciação entre o ser mãe e o ser avó. Muitas mulheres entrevistadas relataram que houve uma grande preocupação com o sofrimento que suas filhas iriam passar com o parto, e posteriormente existe uma preocupação dobrada, pois além da filha há os netos, mostrando que há uma circulação constante, ora pelo papel de avó, ora pelo papel de mãe.

Alguns temas surgiram quando as avós falavam sobre o seu papel de avó e o seu significado. O ser avó foi citado como sendo algo renovador, que os netos vinham para preencher um vazio experienciado pela idade. Algumas avós contaram que com os netos voltaram a ser crianças, ou que ao ser avó estavam sendo netas novamente, sendo as avós

que não tiveram. Estes dados mostram que o ser avó permite a circulação não só entre o papel de avó e de mãe, mas suscita o papel de neta também. No caso Antônia, por exemplo, ela diz que o neto é mais que um filho, que ela gosta mais ainda. Celina diz que a neta é como se fosse uma filha, e muitas vezes troca os nomes da filha e da neta. Brazelton e Cramer (1992) discutem as questões narcisistas que surgem com a parentalidade, como o desejo de se sentir completa, a fantasia de fusão com a criança, a imortalidade. Os dados das entrevistas mostram que estas questões também podem ser aplicadas ao tornar-se avó.

Para Kahana e Kahana (1971), o contato dos avós com os netos pode reduzir a apatia que pode ter se abatido sobre os avós, em função das questões da idade. No caso Vânia, a vinda do neto foi sentida por ela como um renascimento, pois já estava na menopausa, e sentia-se desanimada. Já no caso Celina, a avó sentiu-se feliz ao saber que seria avó, pois estava querendo ser neta de novo, e relata que não teve a avó que sonhava, mostrando, assim, que ao ser avó estava reelaborando o seu papel de neta. No caso Rosane, ela esperava ansiosamente para ser avó, pois já estava aposentada e esperava um neto para “preencher” seu tempo. Este possível preenchimento emocional ou reanimação, ocorrido com o caso Rosane e o caso Vânia, foi destacado por Neugarten e Weinstein (1964), como uma das características do ser avó, assim como também pode se referir às questões narcisistas, como a fantasia de fusão (Brazelton & Cramer, 1992), experimentada pelos pais, e como os dados apontam, também pelas avós. Para a maioria das avós entrevistadas, elas já estavam na idade de ser avós, sendo que algumas achavam que seriam mais cedo. Poucas demonstraram achar que não era o momento de serem avós.

Eugênia diz que ao ter netos passou a cuidar mais da saúde, pois queria estar bem para poder se dedicar a ele. As avós Celina e Margareth relataram que brincam e fazem determinados agrados, pois querem que as netas tenham lembranças delas, o que foi destacado por Barros (1987), ou seja, a necessidade que os avós têm de deixar algo para os netos, que seriam os bens simbólicos transmitidos às outras gerações. Isto representa o desejo de imortalidade, relacionado ao narcisismo, vivenciado pelos pais (Brazelton & Cramer, 1992), e, de acordo com os dados, também pelas avós. A maioria das avós relataram ter um relacionamento muito próximo aos netos, o que para Miriam e Sirlei suscitou ciúmes por parte dos pais de seus netos. É importante ressaltar que nestes dois casos a proximidade entre as avós e seus respectivos netos era grande, e que gerava uma

confusão de papéis, ou seja, as avós estavam sendo mães dos netos, passando mais tempo com eles do que os próprios pais, o que fez com que surgisse desavença com os genros.

Em relação a dar conselhos sobre a criação de seus netos, 6 avós referiram que participam, ajudando e aconselhando os pais. Uma das avós diz que deu conselhos no início e que agora os pais estão criando muito bem o neto, não precisando mais que ela interfira. Três avós disseram que preferem deixar a criação para os pais, e só participam quando estão sozinhas com os netos, ou seja, quando são responsáveis por eles. Esta diversidade de opiniões quanto à participação mais ativa na educação dos netos parece estar relacionada à divergência na forma de educar, que Barros (1987) ressaltou. Os avós, que já educaram seus filhos tiveram um modo peculiar, condizente com a cultura e os valores de sua época. Os atuais pais, por sua vez, podem priorizar outros ensinamentos ou valores, podendo haver conflitos com a geração mais velha. Desta forma, as avós mostraram que sentem responsabilidade por dar conselhos sobre a criação dos netos, mas dando liberdade aos pais para que desenvolvam suas capacidades parentais. É uma nova forma de relacionar-se com filhos e netos, que tem de ser construída.

As avós apreciam muito os momentos que estão com seus netos. Tal apreciação pode estar relacionada à idealização dos netos, e identificação com suas qualidades, o que é apontado por Colarusso (1997). Mais da metade delas disse que o que mais gosta de fazer com os netos é estar com eles, fazendo qualquer coisa. Também foi citado como preferência brincar com os netos, passear, dar presentes, conversar, vê-los dançar, ensiná-los, andar de trem e acompanhar o seu desenvolvimento. Quanto ao que menos gostam de fazer com os netos, os mais citados foram quando eles estão doentes, quando eles teimam, e também a resposta de que não há nada que não gostam de fazer com eles. Outras respostas foram a de quando a neta tem que ir embora, a hora de se arrumar para o colégio e que não gosta de colocar a neta para fazer os serviços do lar.

Quanto à avaliação das mulheres entrevistadas sobre o que é ser uma boa avó, a maioria respondeu que é cuidar bem e quando for preciso, dar carinho, amor e limite. Também foi colocado que uma boa avó não deve interferir na educação dos netos, deve continuar sendo o que é, e proporcionar momentos agradáveis aos netos. Algumas características destacadas também foram encontradas no estudo de Robertson (1977), em

que uma boa avó foi descrita como aquela que ama e cuida dos netos, ajudando quando necessário, não interferindo na educação dada pelos pais, entre outros.

Barros (1987) aponta que os avós buscam modelos de avós, para se espelharem e construam seu papel, em seus próprios avós. Chama a atenção que das 11 avós, 9 relataram não ter tido um modelo de avó a seguir. No caso Nadia ela referiu que teve a irmã como modelo de avó, enquanto que no caso Isabel ela citou a avó paterna. No caso Margareth, sua própria irmã foi citada espontaneamente como um modelo negativo de avó, enquanto que no caso Vânia foi citada a atriz Suzana Vieira como uma avó admirada. Nos casos Celina, Miriam e Rosane foi relatado que seria uma avó que gostariam de ter tido e nunca tiveram. Assim, estes dados mostram que, mesmo aquelas que não têm em seus avós um modelo, internalizam outros modelos, aprendem outras formas de lidar com os netos, e procuram resgatar esta vivência, que não tiveram, com os netos.

4.2 Eixo II: Experiência como Mãe

Um dos aspectos que se destacou em todas as entrevistas foi que o nascimento do neto fez com que as avós se lembrassem dos nascimentos de suas filhas. Elas relataram que, após verem o neto, o compararam com suas filhas no momento em que nasceram, e também revivenciaram os próprios partos que tiveram e as dificuldades que passaram, o que é ressaltado por Barros (1987). Para elas, foi um momento de muita emoção, em que “*parece que passa um filme*” de suas vidas. Em muitos casos, as filhas tiveram as mesmas dificuldades no parto que suas mães, o que reforçou a identificação por parte das mulheres entrevistadas com suas filhas. Os dados mostram que os detalhes são contados de uma forma precisa e as identificações entre os dois partos são estabelecidas.

Algumas destacaram que ficaram surpresas com a maturidade de suas filhas naquele momento, especialmente os casos Eugênia e Margareth. O momento de ter filhos pode marcar, para os novos avós, a passagem dos novos pais para a vida adulta (Carter & McGoldrick, 2001). É o exato ponto em que estes jovens adultos têm a responsabilidade de cuidar de um outro ser vivo, inteiramente dependente deles, o que exige um amadurecimento emocional, que vem sendo construído ao longo da vida e mais intensamente durante os 9 meses de gestação. Ou seja, para pais que têm filhos adultos, se o

reconhecimento da maturidade de seus filhos ainda não aconteceu, é neste momento crucial que provavelmente se dará, o que para alguns pode ser uma descoberta difícil de ser enfrentada, já que também representa o seu próprio envelhecimento.

Com exceção dos casos Miriam e Isabel, que tinham seus maridos doentes para cuidar, todas as outras avós relataram ter ajudado a filha nos primeiros cuidados do neto. Elas contam que ajudaram o máximo que podiam, a maioria delas tendo ficado na casa das filhas por alguns dias, dando uma assistência em tempo integral à filha e ao neto. As duas avós que não puderam acompanhar os primeiros dias dos netos relataram terem se sentido frustradas, tristes, pois gostariam de ter podido ajudar, e reconhecerem que neste momento a ajuda das mães é muito importante.

Dessen e Braz (2000) apontam como principais fontes de apoio à mulher que se torna mãe, o próprio esposo em primeiro lugar e a própria mãe logo em seguida, ou seja, a avó materna. Os mesmos autores, assim como Dias (1994), Ferreira (1991) e Lewis (1987), também verificaram que há uma preferência, por parte das mães, de que a ajuda venha da linhagem materna. As ajudas principais das avós maternas, citadas por Dessen e Braz (2000) são: no momento da hospitalização para o nascimento do filho, nos dias que sucedem este momento, ou seja, com os primeiros cuidados com o bebê, ajuda na educação e criação dos netos, além de auxílio material, o que, em sua maioria, pôde ser verificado nas entrevistas.

A passagem pelas fases do ciclo vital requer que os indivíduos possam se acomodar a elas e às novas funções, como mostram Carter e McGoldrick (2001). Ao se tornarem avós é necessário que consigam colocar-se em um plano secundário para que os filhos assumam o comando da criação de seus próprios filhos. E a ajuda dos novos avós, como mostra Barros (1987), deve ser para permitir que os filhos possam ser pais. Também se destaca o fato de que após o nascimento de um neto a presença dos avós junto a seus filhos se intensifica, sendo percebida de uma forma muito intensa logo após o nascimento, o que foi relatado pelas avós entrevistadas.

As avós compararam seu papel de avó com o papel de mãe, quando tinham os filhos pequenos. Do grupo entrevistado, 7 delas referiram que hoje são avós diferentes do que foram mães com filhos pequenos. Todas elas referiram que na época em que os filhos eram pequenos trabalhavam muito e não tinham tempo para se dedicar aos filhos,

especialmente brincar com eles. Hoje, como têm mais tempo livre podem aproveitar mais o tempo com os netos, brincando. Outro ponto destacado foi o tipo de brincadeira, sendo que a grande maioria das 7 avós relataram que atualmente têm mais disposição e colocam-se na posição da criança, brincando “*no chão*” com elas, coisa que não faziam com os filhos. O que elas acharam que continua semelhante ao modo como foram mães e como são avós é o carinho e amor dispensado a eles, os cuidados necessários como higiene e alimentação, fazer a comida que gostam, “*fazer as vontades*”, pôr limites, contar histórias.

Por outro lado, os casos Celina, Miriam, Solange e Nadia acham que a forma como estão sendo avós é igual ao modo como foram mães quando tinham os filhos pequenos. Mesmo assim, Celina acha que com a neta tem mais tolerância, Miriam diz que apenas as brincadeiras são diferentes, Solange relata que tem mais tempo para o neto do que tinha para a filha, e Nadia nota que cuida mais da neta do que cuidava da filha. Nadia também relatou que na época em que a filha era pequena trabalhava demais, e hoje quer dar à neta tudo que não pôde dar à filha, algo que acontece de forma semelhante quando se é mãe (Brazelton & Cramer, 1992), ou seja, dar aos filhos aquilo que não se pôde ter, novamente remontando às questões narcisistas. As avós Antônia e Nadia relataram que hoje têm mais tempo para as netas do que tinham para os filhos quando eram pequenos e que a mãe ou a sogra, ou seja, os avós de seus filhos é que faziam com seus filhos o que hoje elas fazem com os netos.

Um dos momentos importantes na relação pais-filhos é quando os filhos deixam de morar com os pais. A saída dos filhos de casa pode se dar em momentos de vida diferentes dos pais, e também dos filhos. Assim, muitos filhos deixam de morar com os pais para estudar em outra cidade, mas muitos deles só partem quando vão se casar. De acordo com Carter e McGoldrick (2001), o lançamento do filho, como é chamada a saída do filho de casa, é uma das tarefas dos indivíduos da meia-idade. Esta fase também é conhecida como a fase do ninho vazio, especialmente para aqueles pais que sentem a saída do filho como uma perda inestimável. Este rito de passagem, em que os filhos atingem uma maturidade e independência, pode ser vivido com muita ansiedade ou de forma mais tranqüila. Para Colarusso (2000), os netos podem ajudar a amenizar esse momento, pois as experiências reais de perda dos filhos são equilibradas com o envolvimento com os netos.

Das mulheres entrevistadas, 7 relataram que o momento da saída da filha de casa foi muito difícil, triste. Os relatos mostram que para essas mães a partida das filhas deixou um “vazio”, e que levou algum tempo para aceitarem que a filha não viveria mais na mesma residência. Margareth diz que só desfez o quarto da filha 5 meses após sua saída, enquanto Rosane esperou 5 anos. Vânia e Isabel relataram que os momentos mais difíceis eram à tardinha. Para a primeira porque é quando ela fica sozinha, e para a segunda porque era quando a filha chegava em casa. Miriam lembra que chorava, Sirlei diz que não conseguia viver sem a filha, e Nadia relata que foi triste sua saída. Por outro lado, 4 das entrevistadas acharam a saída da filha de casa algo bom. Celina conta que para ela foi um “alívio”, pois não teria que se preocupar mais com a alimentação da filha; Eugênia diz que apoiou a filha para ir à luta, pois ela foi morar em outra cidade para estudar, e Antônio acha que foi bom para a filha. Solange conta que a filha casou e continuou morando com ela, até ter o filho, e como a entrevistada não tinha um bom relacionamento com o genro, a saída da filha, genro e neto de casa foi muito boa.

As mulheres entrevistadas também falaram sobre o seu relacionamento com as filhas que lhe deram o primeiro neto ou neta. Algumas delas relataram que sempre tiveram bons relacionamentos com elas, sendo enfatizado por um grupo a grande proximidade que existe com a filha. Por outro lado, os casos Eugênia, Miriam, Margareth e Rosane relataram ter tido um relacionamento conflituoso com a filha durante sua adolescência. Todas elas caracterizaram seu relacionamento atual com a filha como bom ou muito bom. Das 4 entrevistadas que relataram que tiveram uma relação conflituosa com a filha, Miriam e Margareth entendem que a melhora no relacionamento se deu antes mesmo de a filha ter sido mãe. Rosane acha que a filha mudou quando se casou e mais ainda quando se tornou mãe.

Eugênia, assim como outras 4 entrevistadas, acha que seu relacionamento com a filha melhorou após sua filha ter se tornado mãe, o que é apontado por Barros (1987), Dias (1994) e Lidz (1983). Deste grupo, Celina diz que a filha se tornou mais preocupada com ela, Eugênia e Isabel, que a filha passou a valorizá-las mais, e Sirlei relatou que embora o relacionamento com a filha não tenha mudado após o nascimento do neto, a filha passou a entendê-la melhor. De acordo com os dados, pouco mais da metade relatou que não houve mudança no relacionamento com a filha após o nascimento do neto, o que pode mostrar

que, apesar de o nascimento de um neto ser uma situação que propicia uma aproximação entre mãe e avó, pois antigos conflitos têm uma nova possibilidade de ser resolvidos (Carter & McGoldrick, 2001), isto não necessariamente ocorrerá, pois outros fatores estão envolvidos.

Por já terem criado seus filhos, as avós têm um entendimento do que é ser uma boa mãe. Desta forma, no grupo entrevistado, 10 avós relataram que suas filhas estão sendo boas mães, e trazem elogios para as filhas. Mesmo assim, algumas delas apontam algumas coisas que poderiam mudar, como Celina, que diz que a filha e neta brigam muito, Eugênia que a filha às vezes é severa demais, Isabel que entende que a filha deveria ser mais enérgica. Vânia também elogia a filha, mas não gosta quando ela briga com o neto, embora lembre que era igual quando teve seus filhos, e hoje faz diferente com o neto. Apenas 1 das entrevistadas acha que a filha não está sendo uma boa mãe, e justifica que a filha trabalha e estuda e que, por isso, muitas vezes não está atenta ao filho. Ao avaliarem a forma como suas filhas estão sendo mães também estão se avaliando como mães, seja ao compararem o modo de as filhas serem mães com a forma como elas foram mães, seja porque a forma como as filhas agem como mães representa um produto de sua criação.

A construção do papel de avó também tem influência da própria percepção que se tem de como os outros a estão vendo como avó, especialmente pessoas próximas, como suas filhas, mães de seus netos. Desta maneira, a maioria das mulheres entrevistadas acha que suas filhas as vêem como boas avós. Assim, no caso Rosane, embora ela ache que a filha a vê como uma “*avó legal*”, conta que no início a filha queria que ela deixasse todos seus compromissos para dedicar-se exclusivamente ao neto, o que não aconteceu. Isabel, por sua vez, diz que nunca pensou em como a filha a vê, mas acha que ela tem ciúme pelo outro neto que mora com a avó. Já Sirlei diz que a filha acha que ela dá muita liberdade para o neto, e Nadia acha que é vista como boa avó, mas que dá “*regalias*” aos netos. Esta questão traz à tona todo o relacionamento que essas avós tiveram com suas filhas até o momento e as expectativas que foram cultivadas até o nascimento do neto, sejam da filha, sejam desta mulher, que ao se tornar avó também põe à prova o que imaginou para si como avó.

A relação da avó com os netos é constantemente permeada pelo relacionamento desta com sua filha. Por a filha estar na geração intermediária, ela tem a possibilidade de

interferir na relação avó-neto (Kennedy, 1992), sendo um mediador (Whitbeck, Hoyt & Huck, 1993). De acordo com 10 mulheres entrevistadas, a filha não interfere no seu relacionamento com os netos, dando total liberdade à avó. Apenas o caso Sirlei relatou que a filha e o genro interferem no seu relacionamento com o neto, pois, segundo ela, não permitem que faça as coisas do seu jeito. Assim, nota-se que as avós não perceberam interferência de suas filhas no relacionamento com os netos, o que para todas foi algo positivo, pois podem construir um relacionamento com os netos, tendo uma importância em suas vidas. Estes dados sugerem que não há interferência, mas não necessariamente que não haja uma mediação das filhas na relação das avós com os netos, visto que a grande maioria relatou relacionamentos positivos com as filhas e também com os netos. Esta questão poderia ser clareada se houvesse um caso que relatasse que a relação com a filha não tivesse sido boa, então se poderia verificar se, apesar disso, o relacionamento com o neto seria bom.

O envolvimento com os netos é apontado, por alguns autores, como sendo mais intenso com os avós maternos do que os paternos (Fischer, 1983). A relação da avó materna com a própria filha seria fortalecida pelo nascimento de um neto (Barros, 1987). Para Dias (1994), os avós maternos são mais dominantes do que os paternos, enquanto que para Somary e Stricker (1998), a expectativa de contato com os netos é maior por parte dos avós maternos. Para 9 mulheres entrevistadas, há uma diferença no envolvimento com o neto por parte das avós maternas e paternas. Elas acham que há uma proximidade maior delas com os netos, além de acharem que estão mais envolvidas.

Outro aspecto destacado por Vânia, Margareth, Isabel, Solange, Sirlei e Rosane, é que elas vêem os netos com mais frequência do que os avós paternos, e por isso são mais próximas, o que é destacado por Kahana e Kahana (1970). Celina, além de mais próxima, brinca com os netos e permite que se faça “*bagunça*” em sua casa, o que a avó paterna não permitia (já faleceu), o que também é relatado por Eugênia. Margareth também diz que cuidou das netas até o momento que teve que trabalhar, sendo que a avó paterna se recusou a cuidar das netas. Para Antônia, embora o envolvimento do lado paterno seja diferente do materno, não existe diferença no afeto que sentem pelos netos. E Solange destaca que, apesar das diferenças, os avós paternos também gostam do neto. Já Miriam acha que não há

diferença entre os avós maternos e paternos, mas que o neto é mais próximo do lado materno, enquanto que Nadia diz que o relacionamento é igual.

4.3 Eixo III: Experiência como Neta

Das 11 avós entrevistadas, 10 disseram que a forma como são avós é diferente do modo como seus avós eram com elas quando tinham a idade que seus netos têm hoje. Todas as avós relataram que seus avós eram mais severos e enérgicos com elas, e algumas acrescentaram que não eram carinhosos, nem tinham uma proximidade com elas. Além disso, Celina procura marcar lembranças com a neta, Eugênia diz que conversa mais com filhos e netos, Miriam diz que faz mais “*regalias*” para o neto, Margareth diz que nunca dormiu na casa dos avós e que sente falta disso, enquanto que suas netas dormem em sua casa quando quiserem. Isabel diz que é diferente, pois a época é outra, que a forma de ser avó também mudou, Antônia diz que faz tudo ao contrário de seus avós e acha que é para “*compensar*” o que não teve, e Rosane conta que os avós não a levavam para passear como faz hoje com seu neto.

Quanto ao que acham que é similar entre a forma como são avós e o jeito de ser de seus avós, Celina, Margareth, Isabel, Antônia e Rosane acham que não há nada igual. Já Eugênia diz que a semelhança é estar sempre presente quando é preciso, Vânia diz que é o afeto pelos netos, Miriam que é o carinho. Sirlei acha que a forma de educar, dar limites é igual, e Nadia diz que é o preocupar-se com o bem-estar dos netos. O caso Solange foi o único em que a avó disse que sua forma de ser avó é igual ao de seus avós. Ela diz que ambos faziam tudo que fosse preciso pelos netos e lembra que seus avós eram maravilhosos e nunca maltrataram os netos.

A maioria das mulheres entrevistadas relataram que tiveram um bom relacionamento com pelo menos um dos quatro avós, guardando boas recordações deles. Por outro lado, Celina não teve bons relacionamentos com nenhum de seus avós, e achava que eles não gostavam dela. Queria muito ser avó para poder ser neta de novo, o que segundo Carter e McGoldrick (2001) é uma reelaboração de sua frustração por não ter tido avós desejáveis, além de um resgate do narcisismo, podendo não só ser verificado ao tornar-se mãe (Brazelton & Cramer, 1992), como também ao ser avó. Margareth também

não traz boas lembranças, e relata que não conviveu com os avós paternos. Além disso, com a avó materna não tinha proximidade, e o avô materno era rude. Lembra que não podiam fazer bagunça na casa dos avós. Antônia lembra que os avós eram recebidos com muita cerimônia, e recorda-se da avó materna, que não era próxima dela, mas gostava de ir a sua casa.

As entrevistas mostram que há uma diversidade de formas de se relacionar com os avós. Algumas não conviveram com os avós maternos, outras com os paternos, e ainda há as preferências de cada uma por aqueles que são considerados melhores avós. Eugênia destaca o avô materno, que brincava com ela. Após a entrevista, acabou reconhecendo em si o modo de ser dele, enquanto a avó materna interessava-se mais em preparar as refeições. Ela não conviveu com os avós paternos. Vânia não conviveu com os maternos, e adorava os paternos, pois para ela eram “*maravilhosos*”.

Miriam só conheceu o avô materno e foi criada por ele e por sua mãe, que ficou viúva antes que ela nascesse. Lembra que era muito mimada e querida pelo avô. Isabel recorda que a avó paterna era boa, mas severa e o avô paterno, brincalhão. Já a avó materna era mandona e o avô materno não conversava muito. Também relata que antes de ser avó pensava que quando tivesse netos não ia querer que morasse junto com ela, para que ela não fizesse com os netos o que sua avó fazia com ela. Solange conta que conviveu somente com os avós paternos, que moravam no mesmo pátio e eram maravilhosos. Sirlei diz que conviveu com os avós somente quando era mais velha, pois antes morava em outra cidade, e lembra que o convívio com os maternos era mais “*gostoso*”. Nadia relata que só conviveu com os maternos, que eram pessoas boas, mas a avó era enérgica e não conversava quando os netos faziam algo errado, batia neles, enquanto o avô tentava amenizar a questão. E Rosane lembra que a avó materna, ao ficar viúva, foi morar em sua casa, e estava sempre mal-humorada, pois tinha depressão, além de dizer que não gostava dela. Por outro lado, adorava a avó paterna, mas não convivia muito, enquanto que não tem boas lembranças do avô paterno, que era alcoólatra.

De acordo com Barros (1987), há um tom diferente na forma de ser avós daqueles que conviveram com seus avós. Por outro lado, os dados do presente estudo mostram que, embora haja uma diversidade em relação às avós terem conhecido ou não seus avós e avôs, existe em comum o sentimento de que eles eram distantes. Pode ser a razão para 10 avós

terem relatado que estão sendo avós de um modo diferente de seus próprios avós. Cavan (1962) aponta para o fato de as características dos avós estarem presentes na cultura, o que pode explicar a construção do papel de avós mesmo para aqueles que não tiveram um convívio com os próprios avós e os casos em que este não foi relatado como agradável.

4.4 Eixo IV: Experiência como Filha

Ao comparar o modo de serem avós com a forma que seus pais foram avós de seus filhos, quando estes tinham a idade de seus netos, 7 delas relataram que são diferentes. Celina diz que é diferente porque era outra época, e os pais tinham estilos diferentes de ser; Eugênia diz que é mais aberta para conversar com as filhas; Vânia lembra que os pais não brincavam com os netos, mas acha que é porque eles não tinham tempo, mesma opinião de Rosane. Isabel também conta que seus pais não brincavam, mas lembra que sua mãe já estava muito doente quando se tornou avó; Antônia diz que seus pais não eram de “*agarrar*” os netos e não eram muito carinhosos; e Sirlei relata que seus pais tiveram pouco convívio com a neta, nenhuma participação na sua criação e nenhuma intimidade com ela. Mesmo assim tinham algumas coisas em comum como os cuidados, valores, estarem sempre prontos a ajudar, carinho, respeito.

As outras 4 avós disseram que a forma como são avós é igual à forma como seus pais foram avós, com algumas ressalvas. Para Miriam, por exemplo, o que é diferente é que na sua época ela não trabalhava e tinha sua mãe para ajudar e hoje a filha trabalha e estuda e é muito dependente dela. Margareth também acha que era igual, mas diz que ela fica com as netas o tempo que elas quiserem, enquanto sua mãe só ficava até o momento em que ela chegava do trabalho. E para Nadia o que era diferente é que sua mãe gostava mais de menino, enquanto ela gosta mais de menina, e o pai era mais enérgico.

De acordo com Bowen (1991), o processo de individuação é influenciado por múltiplos fatores, entre os quais, o grau em que se está diferenciado de seus pais e a relação que tem com eles. Desta forma, ao refletir sobre seu papel de avó, comparado à forma como seus pais foram avós, ela está diferenciando-se deles, e construindo seu modo particular de vivenciar este papel.

Para 9 das mulheres entrevistadas, o relacionamento com o pai e a mãe, antes de serem mães, era bom. Vânia, que está neste grupo, destacou que o relacionamento era bom, apesar de o pai ser distante. Já para Solange e Sirlei a relação com os pais não era boa; a primeira porque seus pais se separaram e a mãe se tornou alcoólatra, e a segunda pois, após os pais se separarem, não teve mais contato com o pai, e a mãe sempre morou longe. Para 5 mulheres, o relacionamento com o pai e a mãe melhorou após o nascimento do primeiro filho, pois os aproximou mais. Mas para as outras 6 entrevistadas, o relacionamento com o pai e a mãe permaneceu igual. Para Celina e Rosane, que já consideravam o relacionamento com o pai e a mãe bom, mesmo antes de serem mães, e consideraram que não houve mudança após isso, destacaram que apenas passaram a valorizar mais os pais por tudo que eles passaram por elas. Vânia, Miriam e Nadia também acham que o relacionamento já era bom e continuou bom, e Sirlei entende que o relacionamento não era bom e continuou não sendo bom.

Viorst (1988) destaca a idéia de que ao se tornar pai e mãe, passa-se a compreender o que os pais tiveram que passar. Ser pai e mãe pode ser uma fase construtiva no desenvolvimento, em que antigas perspectivas da infância podem ser alteradas e conflitos resolvidos. O tornar-se pais também pode agir como uma forma de reconciliação com os próprios pais, em que se permite que eles possam ser como avós, melhores do que foram pais. Assim, ao não terem que ditar normas, regras, valores, podem deixar florescer o que há de melhor neles, e assim, os pais podem perdoá-los por não terem sido perfeitos. Mas como ela mesmo enfatiza, nem todas as mães e filhas conseguem aproveitar a chegada de uma nova geração para se reconciliarem.

Entre as avós entrevistadas, 9 consideraram seus pais como bons ou ótimos avós. As outras 2 avós não relataram que seus pais não foram bons avós: Solange relatou que a mãe a ajudou a cuidar da filha quando precisou, Sirlei contou que a mãe a ajudou quando ela ficou viúva, cuidando da neta, durante algum tempo, quando ela tinha 4 anos. Ou seja, suas mães foram presentes em algum momento na vida dos netos, mas ao serem entrevistadas as avós não citaram os pais como bons avós. Por outro lado, Antônia classificou os pais como bons avós, desde que os netos não morassem perto, o que foi o caso dela.

4.5 Considerações finais

Ao investigar o momento do tornar-se avó, se oportunizou que as avós refletissem sobre o seu papel de avós e sobre os outros papéis que tiveram e ainda têm exercido ao longo de suas vidas. Antes de serem avós, foram filhas e netas. Ao serem filhas, desenvolveram uma relação particular com seus pais, uma forma de relacionar-se que trazem consigo, como uma bagagem, e que as permitiu apreender um modelo de relacionar-se com os outros. E, independente ou não desta relação, tiveram outra com seus avós, que também deixou marcas e um entendimento de como uma avó deve ser.

A primeira individuação se deu enquanto ainda eram crianças, à medida que conseguiram desenvolver atitudes em separado de suas mães (Mahler, 1982), e foram se diferenciando da mãe e do pai (Bowen, 1991). Na adolescência, tiveram seus conflitos típicos da idade, em busca de sua independência familiar, o que as proporcionou a segunda individuação (Blos, 1994). Ao se tornarem mães, uma nova estrutura psíquica se formou (Colarusso, 1990), em que uma relação de intimidade gerou um filho. Nesse momento, presenciaram a construção de um novo papel, para seus pais, em que estes exerceram a função de avós. Aqui já houve um confronto entre o que elas assimilaram de um relacionamento entre avós e netos, através de sua relação com seus avós, e seus próprios pais como avós.

Por se tornarem mães, também puderam colocar-se no lugar de suas mães, e essa experiência as forneceu a oportunidade de compreendê-las. Uma nova relação surgiu, com seus descendentes, em que experienciou seu papel de mãe, alternando momentos prazerosos e momentos difíceis. Mais tarde, quando já na meia-idade, em que há outros conflitos, outra mudança, o tornar-se avós, oportunizou que ela reavaliasse sua vida, caracterizando, assim, a quarta individuação (Colarusso, 1990, 1997, 2000).

Uma nova relação com outra criança, amparada em laços co-sangüíneos, em que sua continuidade genética é assegurada, é estabelecida. As entrevistas mostraram que, apesar das peculiaridades de cada avó, todas elas experienciaram uma reflexão sobre suas vidas, seus papéis, suas personalidades. Hoje, após anexarem esta experiência a suas vidas, tornaram-se pessoas diferentes, com outros propósitos e outras resoluções para antigos conflitos. O contato com os netos permitiu que se renovassem os vínculos com suas filhas,

suas mães, e com suas avós. Uma nova constelação familiar se formou, e novos papéis se agregaram aos já existentes, inaugurando uma nova etapa de vida, reorganizando a identidade feminina.

De acordo com Carter e McGoldrick (2001), em cada fase do ciclo de vida familiar há tarefas específicas a serem resolvidas, mas em cada ponto de transição os antigos conflitos, que não foram solucionados, têm novamente uma chance de se desfazer. Ao se tornarem pai e mãe há uma possibilidade de elaboração de conflitos anteriores, bem como a reorganização do seu papel no contexto familiar e também, ao se tornarem avó e avô, há uma nova oportunidade. Colarusso (1997) aponta a transição para o tornar-se avós como um destes momentos em que os conflitos ressurgem e em que através da relação com os netos, conflitos com os filhos, com os pais, e consigo mesmo, podem ser reelaborados, caracterizando-se, portanto, a quarta individuação.

Outro aspecto importante que se destacou, tanto na revisão da literatura a respeito do tornar-se avós, assim como nas entrevistas, foi o reaparecimento das questões infantis narcísicas. Como Brazelton e Cramer (1992) ressaltam, a maternidade e a paternidade trazem à tona as questões narcísicas de onipotência e completude, simbiose e fusão, o espelhamento na criança, a realização de ideais e oportunidades perdidas. Ao abordar-se o tema do tornar-se avó, percebe-se que estas questões também surgiram. Como Colarusso (2000) mostra, os avós têm a experiência de perda dos filhos, devido ao crescimento destes, mas ao mesmo tempo o sentimento de fusão com os netos contrapõe-se aos sentimentos negativos de perda. O sentir-se fusionado com o neto foi relatado por algumas avós, assim como a percepção de que o neto é como um filho. Desta forma, há uma reedição do narcisismo no momento do tornar-se avós.

Outro ponto que representa o narcisismo que ressurge ao se tornarem pais e que reaparece no tornar-se avó é a possibilidade de uma continuidade genética, e uma chance de ver os netos repararem o que não pôde ser feito pelos avós e por seus filhos (Colarusso, 1997). Com o nascimento de um filho, se vêem novas possibilidades de realização daquilo que não foi possível com os pais, o que reforça o próprio narcisismo. Com os avós isto também ocorre. As avós que participaram do estudo mostraram que o nascimento do neto representa, para muitas delas, o seu próprio renascimento, e uma nova chance para oportunidades perdidas. Ou seja, o neto tem o poder de reavivar nos avós seus desejos,

sonhos, ideais que não puderam ser realizados. Nos seus filhos, também foi depositada a esperança de realizações, mas, como estes tiveram suas próprias escolhas, certamente não foi possível concretizar tudo que se esperava deles. Assim, com o nascimento de um neto, a esperança novamente se faz presente, e novas expectativas são projetadas sobre este ente querido, com quem os avós terão um laço muito forte, e em quem poderão se espelhar, vendo-se mais jovens e com muitas perspectivas de vida. Para Kahana e Kahana (1970), a avó materna e o avô paterno são mais próximos dos netos, pois os vêem como similares a seus filhos, o que também evidenciaria a questão do narcisismo.

O sentimento de completude, que surge com a parentalidade, também se torna forte para os avós (Barros, 1987). Para as avós entrevistadas, o nascimento do neto trouxe lembranças do nascimento dos próprios filhos, pois o momento do parto das filhas representa uma reconstrução de seus próprios partos. Os relatos mostraram que há uma recordação quase fiel do dia do nascimento dos filhos, com uma riqueza de detalhes e identificações com o momento atual, em que a filha repetia a mesma situação das mães. Assim, o mesmo sentimento de estar se completando é revivido, integrando tempos distantes, mas que têm muito em comum. Muitas avós também relataram que os netos vieram para preencher um vazio que já estava instaurado.

A relação da nova avó com a própria filha que se torna mãe é fortalecida com estes novos acontecimentos e surgimento de novos papéis (Barros, 1987). A filha é vista de uma forma mais madura pela mãe, pois o sofrimento de tornar-se mãe provoca uma identificação entre as duas gerações, e a filha adulta é reconhecida como tal. Para Colarusso (1997), a autonomia dos filhos estimula a independência dos pais. Outra questão que surgiu nas entrevistas foi que todas as avós relataram que quando seus filhos eram pequenos, tinham que trabalhar e não tinham muito tempo para brincar com eles, por exemplo. Desta forma, procuram resgatar a vivência que não puderam ter com os filhos, através dos netos, e proporcionar a eles tudo o que não puderam dar aos filhos. Novamente, o narcisismo aparece, pois a parentalidade permite que se possa fornecer aos filhos tudo que não lhes foi possível receber enquanto filhos, e ao se tornarem avós há mais uma oportunidade de realizarem-se através dos netos.

Uma das questões que chamou a atenção foi o fato de que entre as 11 avós entrevistadas, 10 relataram que não tiveram modelos de avós, o que contrapôs-se ao

trabalho de Barros (1987), que mostrou que os modelos de avós são aprendidos através da própria experiência de ser neto, ou seja, com os próprios avós. Ao ser formulada a Entrevista com o avô e avó (Kipper & Lopes, 2002), tinha-se a questão de onde iriam ser buscados os modelos de avós, se na própria infância, com os avós, ou já na vida adulta, com os pais sendo avós de seus filhos. As participantes do estudo relataram que no tempo em que eram crianças, os avós eram mais distantes emocionalmente, e a relação das netas com os avós era formal. A vivência dos próprios pais como avós também não serviu como modelo. Pode-se concluir que o tornar-se avó propicia uma reflexão e uma construção particular do que é ser avó, e embora os avós e os pais não sirvam como modelos perfeitos, fornecem elementos para a construção do papel de avós, que é incrementado com os desejos e a visão que cada uma tem sobre ser avó.

Este trabalho se propôs ao entendimento do tornar-se avó no processo de individuação. Poucos estudos tiveram como foco o tornar-se avó do ponto de vista evolutivo. Assim, pôde-se verificar como se dá a experiência de ser avó e o que isto implica no processo de individuação. Em nenhum momento pretendeu ser conclusivo ou taxativo. Entretanto, busca contribuir com a literatura sobre o tema. Sugere-se, através deste trabalho, a realização de estudos que se proponham investigar este processo de uma forma mais ampla, com avôs, e também que confrontem a linhagem materna e paterna. A escolha da avó materna para este trabalho se deu em função da especificidade da relação de mãe e filha no momento do nascimento de uma criança. Entretanto, seria interessante verificar se o tornar-se avós ocorre da mesma forma com o avô materno e os avós paternos. Também sugere-se estudos que possam investigar como o processo de individuação se dá em função do primeiro neto, comparado aos netos seguintes. A forma como se é avó do primeiro neto é diferente de como se vivenciará esse papel com os outros netos?

Enfim, espera-se que este trabalho possa contribuir para o melhor entendimento dos aspectos psicológicos no processo de tornar-se avó. Suas conclusões podem favorecer a melhoria no atendimento a indivíduos de meia-idade, pois o tornar-se avó permite que antigos conflitos possam ser repensados, além de propiciar um novo olhar sobre a família no momento do nascimento de um neto.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barker, C., Pistrang, N. & Elliot, R. (1994). *Research methods in clinical and counselling psychology*. Nova York: Wiley.
- Barros, M. L. (1987). *Autoridade e Afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Blos, P. (1996). *Transição Adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)
- Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1979)
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1992). *As Primeiras Relações*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1990)
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As Mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas. 2 ed. (Original publicado em 1989)
- Cavan, R. (1962). Self and Role in Adjustment During Old Age. Em A. M. Rose (Org), *Human Behavior and Social Processes* (pp. 526-536). Boston: Houghton Mifflin.
- Colarusso, C. A. (1990). The Third Individuation. The Effect of Biological Parenthood on Separation-Individuation Processes in Adulthood. *Psychoanalytic Study of the Child*, 45, 179-194.

- _____ (1997). Separation-Individuation Process in Middle Adulthood: The Fourth Individuation. Em S. Akhtar & S. Kramer (Orgs). *The Seasons of Life: Separation-Individuation Perspectives* (pp. 73-94). Northvale: Jason Aronson.
- _____ (2000). Separation-Individuation in Adulthood: General Concepts and the Fifth Individuation. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 48, 1467-1489.
- Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2000). Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 221-231.
- Dias, C. S. B. (1994). A Importância dos Avós no Contexto Familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10, 31-40.
- Ferreira, E. A. P. (1991). *Irmãos que cuidam de irmãos na ausência dos pais: um estudo sobre desempenho de tarefas domésticas e interação entre irmãos*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Fischer, L. R. (1983). Transition to grandmotherhood. *The International Journal of Aging and Human Development*, 16, 67-78.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia. (1998). *Consentimento Informado*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia-UFRGS. Instrumento não publicado.
- Hader, M. (1965). The Importance of Grandparents in Family Life. *Family Process*, 4, 228-238.
- Hansen, L. B. & Jacob, E. (1992). Intergenerational Support during the Transition to Parenthood: Issues for New Parents and Grandparents. *Family in Society: The Journal of Contemporary Human Services*, 73, 471-479.

- Harwood, J. (2001). Comparing Grandchildren's and Grandparents' Stake in their Relationship. *The International Journal of Aging and Human Development*, 53, 195-210.
- Kahana, B. & Kahana, E. (1970). Grandparenthood from The Perspective of The Developing Grandchild. *Developmental Psychology*, 3, 98-105.
- Kahana, E. & Kahana, B. (1971). Theoretical and Research Perspectives on Grandparenthood. *Aging and Human Development*, 2, 261-268.
- Kennedy, G. E. (1992). Quality in Grandparent/Grandchild Relationships. *The International Journal of Aging and Human Development*, 35, 83-98.
- Kipper, C. D. & Lopes, R. S. (2002). *Entrevista com avô e avó*. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Laville, C & Dionne, J. (1999). *A Construção do Saber*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lewis, M. (1987). Social development infancy and early childhood. Em J. D. Osofsky (Org). *Handbook of infant development* (pp. 419-493). New York: Wiley.
- Lidz, T. (1983). *A pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1980)
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)
- Peterson, C. C. (1999). Grandfathers' and Grandmothers' Satisfaction With The Grandparenting Role: Seeking New Answers to Old Questions. *The International Journal of Aging and Human Development*, 49, 61-78.

- Piccinini, C. A., Tudge, J. R., Lopes, R. S. & Sperb, T. M. (1998). “*Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da Gestaçã o à Escola*”. Instituto de Psicologia-UFRGS, Porto Alegre. Projeto não publicado.
- Pikunas, J. (1979). *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Robertson, J. F. (1977). Grandmotherhood: A Study of Role Conceptions. *Journal of Marriage and the Family*, 39, 165-174.
- Robinson, L. H. (1989). Grandparenting: Intergenerational Love and Hate. *The Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 17, 483-491.
- Somary, K. & Stricker, G. (1998). Becoming a Grandparent: A longitudinal Study of Expectations and Early Experiences as a Function of Sex and Lineage. *The Gerontologist*, 38, 53-61.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. Em N. Denzin & Y. Lincoln (Eds). *Handbook of Qualitative Research* (pp. 236-247). London: Sage.
- Strom, R. & Strom, S. (1992). Grandparents and intergenerational relationships. *Educational Gerontology*, 18, 607-624.
- Szinovacz, M. E. (1998). Grandparents Today: A Demographic Profile. *The Gerontologist*, 38, 37-52.
- Whitbeck, L. B., Hoyt, D. R. & Huck, S. M. (1993). Family Relationship History, Contemporary Parent-Grandparent Relationship Quality, and the Grandparent-Grandchild Relationship. *Journal of Marriage and the Family*, 55, 1025-1035.

ANEXO A

Consentimento Informado

(Adaptação do GIDEP, 1998, por Kipper,C.D. & Lopes,R., 2002)

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar o processo de individuação no tornar-se avó.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento dispensado nesta instituição.

Entendo que não serei identificado(a) e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar deste estudo e entendo que após o término da pesquisa, as fitas de registro de dados serão mantidas pelo grupo de pesquisa a que este projeto está vinculado, no Instituto de Psicologia da UFRGS, para fins exclusivos de pesquisa.

Fui informado(a) que será feita uma única entrevista e que não se prevê nenhum risco para os participantes. Na verdade, poderei ter vantagens em participar do estudo ao poder conversar com os pesquisadores sobre esse momento de transição no tornar-se avó, o qual estou vivenciando.

Os pesquisadores responsáveis por este Projeto de Pesquisa são a Prof. Rita Sobreira Lopes e Caroline Dal Ri Kipper, que poderão ser contatadas pelo telefone 3316-5145.

Data: / /

Nome e assinatura do participante: _____

ANEXO B

Entrevista com avô e avó

(Kipper, C.D. & Lopes, R.S., 2002)

Idade:

Estado Civil:

Profissão:

Nível escolar:

Número de filhos e netos:

Com quem vive?

1. Gostaria que o(a) senhor(a) me falasse um pouco sobre o momento, a época em que o(a) senhor(a) soube que ia ser avô(avó).

(Caso não tenha mencionado): O(a) senhor(a) poderia me falar um pouco mais sobre...

- Como o(a) senhor(a) recebeu a notícia de que ia ser avô(avó)?
- Neste momento o(a) senhor(a) já estava pensando na idéia de ser avô(avó)?
- Como foi durante a gestação de sua filha (nora)?
- Como foi o momento do parto de seu(sua) neto(a)?
- O nascimento do (a) seu(sua) neto(a) fez o (a) senhor(a) lembrar, de alguma forma, do nascimento de seu (sua) filho (a)? Como foi aquele momento para o(a) senhor(a)? Como foi o nascimento do(a) _____ (nome do filho ou filha)?
- Como foi sua participação no momento do nascimento do(a) seu(sua) neto(a) e nos primeiros cuidados?
- Ser avô(avó) era como o(a) senhor(a) imaginava?
- Como o senhor(a) está se vendo como avô(avó)?
- O que mudou na sua rotina?
- Quanto tempo passa junto com seu(sua) neto(a)?
- O(a) senhor(a) ajuda a cuidar do(a) neto(a)? Como se sente?
- O(a) senhor(a) percebe alguma responsabilidade em dar conselhos sobre a criação do(a) neto(a)?
- O seu(sua) marido(esposa) também ajuda a cuidar? Como o(a) senhor(a) acha que ele(a) é como avô(avó)?

- O que o(a) senhor(a) mais gosta e menos gosta de fazer com o(a) seu(sua) neto(a)?
- O que é ser um bom(a) avô(avó) para o(a) senhor(a)?
- Quando o(a) senhor(a) se tornou avô(avó), teve algum modelo de avô(avó) que o(a) senhor(a) gostaria de seguir?

2. Gostaria que o(a) senhor(a) me falasse um pouco sobre sua relação com seu (sua) filho (filha)...

(Caso não tenha mencionado): O(a) senhor(a) poderia me falar um pouco mais sobre...

- Seu (sua) filho(a) mora com o(a) senhor(a)? Se não, há quanto tempo ele(a) deixou a sua casa? Como foi?
- Como era a relação de vocês antes de seu(sua) neto(a) nascer?
- Depois do nascimento de seu(sua) neto(a), mudou alguma coisa no relacionamento entre o(a) senhor(a) e seu (sua) filho(a)? Como? Para melhor ou para pior? Houve uma aproximação ou afastamento entre os(as) dois(duas)?
- Como o(a) senhor(a) vê a forma de seu (sua) filho(a) cuidar de seu(sua) neto(a)?
- Como é que o senhor(a) acha que o(a) seu (sua) filho(a) o(a) vê como avô(avó)?
- O(a) senhor(a) acha que seu(sua) filho(a) interfere na sua relação com seu(sua) neto(a)? De que forma?
- Tem alguma coisa que o(a) senhor(a) faz com seu(sua) neto(a) e não fazia com o(a) seu(sua) filho(a)? A que atribui estas diferenças? E o que permanece igual?
- Na sua opinião, existe diferença no grau de envolvimento da família materna e paterna na criação de seu(sua) neto(a)? Qual? Se sim, por que o(a) senhor(a) acha que isso acontece?

3. Agora quero que o(a) senhor(a) me fale um pouco sobre seus avós...

(Caso não tenha mencionado): O(a) senhor(a) poderia me falar um pouco mais sobre...

- O(a) senhor(a) conheceu seus avós? Conviveu muito tempo com eles? Como era?
- Como o(a) senhor(a) acha que os seus avós eram com o(a) senhor(a) quando o(a) senhor(a) tinha a idade de seu(sua) neto(a)?

- Tem alguma coisa que o(a) senhor(a) faz com o(a) seu(sua) neto(a) que os seus avós não faziam com o(a) senhor(a)? E o que permanece igual?

4. Agora quero que o(a) senhor(a) me fale um pouco sobre seus pais como avós...

(Caso não tenha mencionado): O(a) senhor(a) poderia me falar um pouco mais sobre...

- Como foi quando seus pais tornaram-se avós?
- Como eles receberam a notícia de que iam tornar-se avós?
- Como foi a participação deles no nascimento e nos primeiros cuidados do(a) primeiro(a) neto(a) deles?
- Como eles receberam a notícia da sua primeira gravidez (ou de sua esposa)?
- Como foi a participação no nascimento e nos primeiros cuidados dos seus filhos? E em relação ao (à) _____ (nome do filho ou filha)?
- Como eram o seu pai e sua mãe como avô e avó dos seus filhos?
- E como eles eram como avós de seu(sua) filho(a) quando ele(a) tinha a idade de seu(sua) neto(a)?
- Tem alguma coisa que o(a) senhor(a) faz com seu(sua) neto(a) que os seus pais não faziam como avós? E o que permanece igual?
- Como estava o relacionamento com seus pais naquela época? O(a) senhor(a) acha que esse relacionamento mudou com o nascimento do(a) neto(a)?
- O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar algo mais sobre tudo que conversamos?